Francis A. Schaeffer

VERDADEIRA Espiritualidade



Editora Fiel da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 30.421
01051 São Paulo, SP

VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE

Traduzido do original em inglês:
TRUE SPIRITUALITY

Copyright © Tyndale House Publishers

Quarta edição em português - 1993

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem permissão escrita dos Editores.

Editora Fiel da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 81
São José dos Campos, SP
12201-970

INDICES

Parte I - Liberdade Presente dos Laços do Pecado

Considerações Sobre a Verdadeira Espiritualidade

1. A Lei e a Lei do Amor 9
2. A Centralidade da Morte 26
3. Através da Morte, Rumo à Ressurreição 41
4. No Poder do Espirito 58

Unidade Bíblica e a Verdadeira Espiritualidade

5. 0 Universo Sobrenatural 74
6. Salvação: Passado - Futuro - Presente 86

A Pratica, Momento Apos Momento, da Verdadeira Espiritualidade

7. A Esposa Prolífera. 97

Parte II - Liberdade Presente dos Resultados dos Laços do Pecado

A Separação do Homen de Se Mesmo

8. Liberdade das Amarras da Consciência . . 108
9. Liberdade na Vida do Pensamento 124
10. Cura Substancial dos Problemas Psicológicos . 144
11. Cura Substancial da Personalidade Total 157

A Separação do Homen do Seu Semelante

12. Cura Substancial nas Relações Pessoais . 173
13. Cura Substancial na Igreja 192

Prefácio

Este livro está sendo publicado depois de um bom número de outros, mas em certo sentido ele devia ter sido o meu primeiro livro. Sem o material de que consta esta obra não existiria "L'Abri". Em 1951 e 1952 enfrentei uma crise espiritual em minha vida. Muitos anos antes, eu me convertera do agnosticismo tornando-me cristão. Servi como pastor durante dez anos nos Estados Unidos. Depois, minha esposa Edith e eu trabalhamos vários anos na Europa. Durante esse tempo todo eu sentia avolumar-se pesada carga pela posição cristã histórica e pela pureza da igreja visível. Contudo, gradualmente fui-me dando conta de um problema — o problema da realidade. Esta se compunha de duas partes: Primeira — parecia-me que entre muitos daqueles que sustentavam a posição ortodoxa via-se pouca prática real das coisas que a Bíblia claramente diz que deviam resultar do cristianismo. Segunda - aos poucos fui tomando consciência de que em mim mesmo a realidade era menor do que havia sido nos primeiros dias depois de haver-me tornado cristão. Percebi que, a bem da honestidade, eu tinha de retornar e repensar toda a minha posição.

Nesse tempo vivíamos em Champèry. Eu disse à Edith que, para ser honesto, eu tinha de percorrer todo o caminho de volta a meu agnosticismo e considerar a matéria toda, de começo a fim. Tenho certeza que foi uma época dura para ela, e que ela orou muito por mim naqueles dias. Eu vagava pelas montanhas quando o tempo o permitia, e quando fazia tempo chuvoso eu andava para lá e para cá no celeiro do velho chalé em que morávamos. Andava, orava e repassava o pensamento pelos ensinos da

Escritura, fazendo também revisão de minhas próprias razões para ser cristão.

Ao repensar minhas razões por que ser cristão, vi de novo que havia razões totalmente suficientes para saber que o Deus pessoal e infinito existe e que o cristianismo é verdadeiro. Prosseguindo, vi algo mais, que fez profunda diferença em minha vida. Pesquisei para discernir o que diz a Bíblia a respeito da realidade, do ponto de vista do cristão. Paulatinamente entendi que o problema estava nisto: com todo o ensino que eu tinha recebido depois de fazer-me cristão, eu ouvira pouco do que a Bíblia diz acerca do significado da obra consumada por Cristo para nossa vida presente. Gradativamente o sol raiou — e com ele a canção. Notavelmente, embora de há muito eu não escrevesse nenhuma poesia, nesse tempo de alegria e canto, senti que a poesia começava a fluir de novo — poemas acerca da certeza, da afirmação da vida, da gratidão e do louvor. Era sem dúvida poesia muito inferior, mas expressava a canção de minha alma, canção maravilhosa para mim.

Esta foi e é a verdadeira base de "L'Abri". Ensinar as respostas cristãs históricas e dar respostas honestas a perguntas honestas são cruciais, mas foi dessas lutas que brotou a realidade. Sem isso, uma obra incisiva como "L'Abri" jamais teria sido possível. Nós só podemos estar agradecidos por isto.

Os princípios que elaborei em Champêry foram primeiramente apresentados em forma de palestras num acampamento bíblico que funcionou num velho celeiro de Dakota, USA. Isto foi em julho de 1953. Foram anotados em tiras de papel no porão da casa do pastor. Dessas mensagens o Senhor deu algo muito especial, e até hoje reúno aqueles que, quando jovens, tiveram seu pensamento e sua vida transformadas ali. Depois do início de "L'Abri" em 1955, preguei aquelas mesmas mensagens em Huémoz. Mais tarde elas foram escritas de modo mais desenvolvido e completo na Pennsylvania, em outubro e novembro de 1963, Apresentei-as outra vez em Huémoz no fim do inverno e começo da primavera de 1964. Essa foi sua forma final e a forma em que estão registradas nas fitas de gravação de "L'Abri". O Senhor tem usado as gravações

de um modo que nos tem comovido profundamente, não somente com relação aos que tinham problemas especificamente espirituais mas também aos que tinham necessidades psicológicas. Oramos rogando que a presente forma escrita desses estudos seja tão útil como o têm sido as gravações em muitas partes do mundo.

Huémoz, Suíça
Maio de 1971.

1

A Lei e a Lei do Amor

A questão que temos diante de nós é em que consiste de fato a vida cristã verdadeira, a genuína espiritualidade, a vida espiritual autêntica, e como pode ser vivida num cenário do século vinte.

O primeiro ponto a estabelecer é que é impossível sequer começar a viver a vida cristã, ou mesmo saber algo da vida espiritual autêntica, antes de que a pessoa se torne cristã. E o único meio de tornar-se cristão não é tentar viver alguma espécie de vida cristã, nem esperar por alguma espécie de experiência religiosa, mas, sim, é aceitar a Cristo como o Salvador. Não importa quão complicados, instruídos ou sofisticados nós sejamos, ou quão simples nós sejamos, todos temos que percorrer o mesmo caminho, no que diz respeito a tornarmo-nos cristãos. Assim como os reis e os poderosos da terra nascem fisicamente, exatamente do mesmo modo como os mais simples seres humanos, também a pessoa do mais elevado gabarito intelectual tem de tornar-se cristã exatamente da mesma maneira que a pessoa mais simples. Esta verdade vale para todos os seres humanos, em toda parte, através de todo o espaço e de todos os tempos. Não há exceções. Jesus disse uma palavra totalmente exclusiva:

"Ninguém vem ao Pai senão por mim".

A razão disto é que todos os homens estão separados de Deus por causa de sua real culpa moral. Deus existe, Deus tem caráter, Deus é santo, e quando os homens pecam (e todos nós temos que reconhecer que cometemos pecado não só por engano ou erro mas também por intenção), têm real culpa moral diante do Deus que existe. Esta

culpa não corresponde ao conceito moderno de sentimentos de culpa — ao sentimento culposo de natureza psicológica no ser humano. É verdadeira culpa moral diante do Deus pessoal, infinito e santo. Somente a completa e vicária obra de Cristo na cruz, como o Cordeiro de Deus — na história, no tempo e no espaço — é que é suficiente para removê-la. Nossa verdadeira culpa, esse céu de bronze que se estende entre nós e Deus, só pode ser removida com fundamento na obra acabada de Cristo, e mais nada de nossa parte. Toda a ênfase da Bíblia é que nenhuma nota humanística deve ser acrescentada em ponto algum, na aceitação do Evangelho. O valor infinito da obra completa de Cristo, a segunda pessoa da Trindade, na cruz — mais nada — é que é a única base da remoção de nossa culpa. Quando chegamos assim, crendo em Deus, a Bíblia afirma que somos declarados justificados por Deus; a culpa é retirada, e somos reconduzidos à comunhão com Deus — o que constitui a primordial e precisa realidade para a qual fomos criados.

Exatamente como a única base para a remoção de nossa culpa é a completa obra de Cristo na cruz, que é uni fato histórico, nada mais sendo requerido para isso, assim o único **instrumento** para a aceitação da obra completa de Cristo na cruz é a fé. Não se trata da fé no conceito do presente século ou no conceito kirkegaardiano de fé como um salto no escuro; não é uma solução à base de fé na fé. É crer nas promessas específicas de Deus: não mais voltar-lhes as costas, não mais chamar Deus de mentiroso, mas, sim, levantar as mãos vazias num movimento de fé e aceitar a obra completa de Cristo da maneira como foi realizada historicamente na cruz. Diz a Bíblia que, no momento em que tomamos essa atitude, passamos da morte para a vida, do reino das trevas para o reino do bem-amado Filho de Deus. Tornamo-nos, individualmente filhos de Deus. Dessa hora em diante somos filhos de Deus. Repito: não há nenhum meio de começar a vida cristã exceto através da porta do nascimento espiritual, do mesmo modo como não há meio algum de começar a vida física exceto através da porta do nascimento físico.

Contudo, havendo dito isso sobre o começo da vida

cristã, precisamos compreender que, embora o novo nascimento seja necessário como início, é apenas o início. Temos que evitar o pensamento de que, porque aceitamos a Cristo como Salvador e,portanto,somos cristãos, isso é tudo o que há na vida cristã. Num sentido, o nascimento físico é a parte mais importante de nossa vida física, porque enquanto não nascemos não vivemos no mundo externo. Todavia, em outro sentido, é o aspecto menos importante de nossa vida, porque é só o começo, ficando logo no passado. Depois do nascimento, o importante é que nossa vida se desenvolva em todas as suas relações, potencialidades e capacidades. Dá-se exatamente a mesma coisa com o novo nascimento. Em certo sentido, o novo nascimento é a coisa mais importante em nossa vida espiritual, porque enquanto não nascemos de novo não somos cristãos. Noutro sentido, porém, **depois** de nos havermos tornado cristãos, isso tem que ser reduzido a suas proporções reais, posto que não devemos ficar com a mente posta sempre em nosso novo nascimento apenas. Depois de nascermos espiritualmente, o mais importante é viver. Há um novo nascimento e, **depois,** há a vida cristã para ser vivida. Esta é a área da santificação, a partir do novo nascimento, através da presente vida, até que Jesus venha ou até que morramos.

Quando uma pessoa nascida de novo pergunta: "Que farei agora? ", com freqüência recebe em resposta uma lista de coisas, em geral de natureza limitada e primariamente negativa. Freqüentemente é-lhe dada a idéia de que se ela não praticar essa série de coisas (qualquer que seja, relacionada ao país, ao lugar e ao tempo específicos em que a pessoa **vive),** será uma pessoa espiritual. Não é assim. A verdadeira vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não é **meramente um** não-fazer negativista de qualquer pequena lista de coisas. Mesmo que a lista comece sendo uma relação deveras excelente de coisas das quais é bom acautelar-nos em determinada condição histórica, precisamos salientar que a vida cristã, a vida espiritual autêntica, é mais do que abster-nos de alguma lista externa de tabus, de modo mecânico.

Porque isto é verdade, quase sempre se forma outro

grupo de cristãos que se levanta e se põe a trabalhar contra as listas de tabus. Assim, há â tendência que favorece o surgimento de contenda nos círculos cristãos entre os que adotam certa lista de tabus e os que, achando nisso alguma coisa errada, dizem: "Fora com todos os tabus, fora com todas as listas de proibições!". Ambos esses grupos podem estar certos ou errados, dependendo de como abordam a matéria.

Fiquei impressionado com isto numa noite de sábado em "L'Abri", durante uma de nossas seções de discussões. Naquela noite específica, todos os presentes eram cristãos, muitos deles pertencentes a grupos de regiões onde as tais "listas" eram muito acentuadas. Começaram a falar contra o uso de tabus. A princípio, ao ouvi-los, eu bem que concordei com eles, na direção que seguiam. Mas, depois de ouvi-los um pouco mais sobre isso, e ao falarem contra os tabus predominantes em suas terras, ficou bem claro para mim que o que eles queriam era simplesmente poder praticar as coisas proibidas pelos tabus. O que de fato queriam era uma vida cristã mais frouxa. Mas precisamos entender que, ao eliminar essas listas, ao sentir as limitações da mentalidade de "listas" de proibições, é preciso que nós não o façamos só para podermos ter vida mais folgada: é preciso haver razão mais profunda. É por isso que eu acho que ambas as partes dos que fazem estas discussões podem estar certas e ambas as partes podem estar erradas. Não alcançamos a verdadeira espiritualidade, a vida cristã verdadeira, apenas guardando uma lista restritiva. Tão pouco a alcançaremos simplesmente rejeitando a lista para então encolher os ombros e levar vida licenciosa.

Se nos pusermos a considerar coisas externas com vistas à vida espiritual autêntica, colocamo-nos face a face, não com um pequeno código de usos e costumes, mas com o conjunto global dos Dez Mandamentos e todos os outros mandamentos de Deus. Em outras palavras, se eu vejo a lista como um muro, e digo que ele é trivial, morto e barato, e jogo fora o muro, o que acontece em seguida não é que eu fico face a face com algo que é mais frouxo; defronto-me, sim, com todos os Dez Mandamentos e com

tudo que eles abrangem. Também vejo diante de mim aquilo que podemos chamar de Lei do Amor — o fato de que devo amar a Deus e a meus semelhantes.

Na Carta aos Romanos, capítulo 14, versículo 15, lemos: "Se por causa da comida o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu".

Esta é a lei de Deus. Num sentido bem real, não há liberdade alguma aqui. É uma declaração em termos absolutos de que nós temos que praticar isto. Sem dúvida nós não podemos ser salvos por praticá-lo graças às nossas próprias forças, e que nenhum de nós o pratica perfeitamente nesta existência. Contudo, é um imperativo. É o mandamento absoluto de Deus. O mesmo se verifica em 1 Coríntios 8.12,13: "E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo". Portanto, quando pego o muro que é uma lista de restrições arcaicas e digo que isto é muito superficial e o ponho de lado, eu preciso saber bem o que estou fazendo. Não me confronta um conceito libertino; confronta-me o conjunto global dos Dez Mandamentos e da Lei do Amor. Deste modo, mesmo que estejamos tratando só de mandamentos externos, não nos movemos para uma vida mais frouxa; movemo-nos para alguma coisa muito mais profunda e que nos examina o fundo do coração. Na verdade, quando agimos honestamente em nossa luta diante de Deus, com muita freqüência veremos que estamos observando em nossa conduta ao menos alguns dos tabus dessas listas. Aprofundando-nos mais todavia, perceberemos que os observamos por uma razão completamente diferente. Curiosamente, giramos em círculo passando por nossa liberdade, passando pelo estudo do ensino mais profundo, e acabamos entendendo que realmente desejamos guardar essas coisas. Mas agora não pela mesma razão — qual seja a da pressão social. Já não se trata de apegar-nos a uma lista de restrições só para que os cristãos pensem bem de nós.

Contudo, chega a ocasião em que a vida cristã e a verdadeira espiritualidade não devem ser consideradas como externas, mas sim como internas. O clímax do Decálogo é o Décimo Mandamento: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Êxodo 20.17). 0 mandamento que ordena não cobiçar refere-se a uma coisa inteiramente interna. Pela própria natureza do caso, cobiçar jamais é uma coisa externa. É fator que nos chama a atenção que este é o último mandamento que Deus nos dá nos Dez Mandamentos, constituindo assim o cerne de toda a matéria. O ponto final do assunto é que chegamos a uma situação interna e não a uma situação meramente externa. A verdade é que nós quebramos este último mandamento — o de não cobiçar — antes de quebrarmos qualquer outro. Toda vez que quebramos um dos outros mandamentos de Deus, significa que já quebramos este antes, cobiçando algo. Significa igualmente que toda vez que quebramos um dos outros mandamentos, quebramos o último também. Desta maneira, não importa qual dos Dez Mandamentos você quebre, você quebra dois: aquele mesmo, e este mandamento: "Não cobiçarás". Este faz o papel de cubo da roda.

Em Romanos 7.7-9, Paulo estabelece com bastante clareza que este foi o mandamento que lhe deu a noção de que era pecador: "Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não teria conhecido o pecado, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque sem lei está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri".

Pois bem, ele não quis dizer que era perfeito antes; isto está claro no que Paulo disse: O que Paulo está afirmando aqui é: "Eu não sabia que eu era um pecador; eu pensava que ia sair-me bem porque guardava essas práticas externas e ia indo muitíssimo bem, comparado com outra gente". O padrão de que se servia para se medir era a forma exteriorizada dos mandamentos que os judeus tinham em sua

tradição. Mas, quando abriu os Dez Mandamentos e leu que o último deles era: "não cobiçarás", viu que era pecador. Quando aconteceu isso? Ele não o revela, mas eu pessoalmente acho que Deus estivera trabalhando no íntimo dele, fazendo-o sentir esta lacuna antes mesmo de sua experiência no caminho de Damasco — que ele já se tinha visto como pecador e ficara perturbado à luz do Décimo Mandamento — e então Cristo lhe falou.

Cobiçar é o lado negativo dos mandamentos positivos: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de to. da a tua alma, e de todo o teu entendimento. ...Amarás teu próximo como a ti mesmo". (Mateus 22.37,39).

O amor é interno, não externo. Pode haver manifestações externas, mas o amor mesmo será sempre um fator interno. A cobiça é sempre interna; a manifestação externa é um resultado dela. Precisamos entender que amar a Deus de todo o coração, mente e alma não é exercer cobiça contra Deus; e amar as pessoas, amar o próximo como a nós mesmos, não é exercer cobiça contra o homem. Quando não amo ao Senhor, como devo, estou tendo cobiça ofensiva ao Senhor. E quando não amo a meu próximo como devo amá-lo, o que tenho é cobiça em prejuízo dele.

"Não cobiçarás" é o mandamento interno que revela ao homem que se considera moral que ele precisa de um Salvador. O tipo médio de tal homem "moral", que vive comparando-se com outras pessoas e comparando-se com listas de regras, aliás relativamente fáceis (ainda quando lhe causem alguma dor e dificuldade), pode sentir, como Paulo antes de sua conversão, que vai indo muito bem. Mas, de repente, ao deparar com o mandamento interno — não cobiçarás — sente-se compelido a cair de joelhos. É precisamente isto que acontece conosco, cristãos. Este conceito é fundamental, se é que pretendemos ter compreensão ou prática real da verdadeira vida cristã, da vida espiritual autêntica. Posso tomar listas de regras preparadas pelos homens, posso dar a aparência de que as cumpro, sem que, para fazê-lo, meu coração seja humilhado. Mas quando sou atingido pelo aspecto interior dos Dez Mandamentos, quando sou alcançado pelo aspecto interno da

Lei do Amor, se ouço, ainda que pobremente, a direção dada pelo Espírito Santo, não poderei mais sentir orgulho. Sinto-me impulsionado a cair de joelhos. Nesta existência eu nunca posso dizer: "Cheguei; está concluído; olhem-me — sou santo". Quando falamos da vida cristã ou verdadeira espiritualidade, quando falamos sobre a libertação dos laços do pecado, falamos da luta que temos que travar com os problemas íntimos relacionados com não ter cobiça ofensiva a Deus e aos homens, relacionados com amar a Deus e aos homens, e relacionados com o não nos limitarmos a um mero sistema de práticas externas.

isto faz logo levantar-se uma pergunta: Isto significa que qualquer desejo é cobiça e, portanto, é pecaminoso? A Bíblia ensina claramente que a coisa não é assim. Nem todo desejo é pecado. Pode-se, então, perguntar: Quando é que o desejo propriamente dito passa a ser cobiça? Creio que a resposta pode ser simplesmente esta: O desejo torna-se pecado quando deixa de incluir o amor a Deus ou aos nossos semelhantes. Além disso, penso que há dois testes práticos para ver se estamos exercendo a cobiça contra Deus ou contra os homens: Primeiro: devo amar a Deus o bastante para sentir-me satisfeito; segundo: devo amar o próximo o suficiente para não sentir inveja.

Vejamos aonde nos levam esses dois testes.

Primeiro, com relação a Deus: Devo amar a Deus o suficiente para sentir-me satisfeito. Certo, porque, doutro modo, mesmo os nossos desejos naturais e legítimos levam-nos a revoltar-nos contra Deus. Deus criou-nos com a capacidade de termos desejos válidos, mas, se não há um verdadeiro contentamento de minha parte, na medida em que este falta eu estou em rebelião contra Deus e, evidentemente, a rebelião ocupa lugar central no problema do pecado. Quando me falta o vero contentamento, de duas uma: ou esqueci que Deus é Deus, ou deixei de ser-lhe submisso. Estamos falando do teste prático que nos ajuda a discernir se estamos tendo cobiça ofensiva a Deus, ou não. Uma disposição serena e um coração que freme em ações de graças a todo e qualquer momento é o teste real que serve para demonstrar até que ponto amamos a Deus naquele momento. Gostaria de dar ao leitor algumas pala-

vras contundentes extraídas da Bíblia, não suceda nos esqueçamos que a Escritura é o padrão divino para o cristão. E aí vão: "Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas, ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos; nem conversação torpe, nem palavras vãs, ou chocarrices, cousas essas inconvenientes, antes pelo contrário, ações de graça". (Efésios 5.3,4).

Note-se que as "ações de graça" contrapõem-se a toda a infeliz lista anterior. Em Efésios 5.20 a linguagem é ainda mais forte: "Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo". Que é que abrange esse "tudo" da passagem, pelo que devemos dar graças? Expressão semelhante ocorre também em Romanos 8.28: "Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". Não se trata de uma espécie de mágica — o Deus pessoal e infinito promete que Ele fará todas as coisas cooperarem para o bem dos cristãos.

O que a Palavra de Deus me diz aí é que, se eu sou cristão de verdade, "todas as coisas" cooperam para o bem em meu ser e em minha vida. Não fala de todas as coisas menos a tristeza; nem de todas as coisas menos a luta. Aplicamos as palavras "todas as coisas" de Romanos 8.28 a todas as coisas. Honramos de fato a Deus e à obra consumada por Cristo quando traçamos um círculo em torno de todo; todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito. Mas, na medida em que traçamos — e fazemos bem — o "todas as coisas" de Romanos 8.28 em volta de todas as coisas mesmo, vai envolvido nisto o "tudo" de Efésios 5.20: "Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai. ..." Não os podemos separar. O "tudo" de Efésios 5.20 é tão amplo como o "todas as coisas" de Romanos 8.28. É mister dar graças por todas as coisas. Este é o padrão divino.

Em Filipenses também se faz referencia a isto. No capítulo 4, versículo 6, lemos: "Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com

ações de graça".

"Não andeis ansiosos" aqui significa: Em nada vos deixeis dominar pela preocupação e pela ansiedade, seja qual for o assunto; antes, vede que, pela oração e pela súplica, com ações de graça, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições. É certo que essa é uma afirmação que tem em vista contrastar a oração com a ansiedade, mas ao mesmo tempo inclui a ordem expressa de dar graças a Deus, "em tudo", durante a oração.

Note-se também Colossenses 2.7: "Nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graça". Observe-se que este versículo está ligado ao anterior (v. 6): "Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele". Que é que significa andar em Cristo? Significa estar "nele radicados e edificados, e confirmados na fé" (e há muitos intérpretes que pensam que isto se dá pela fé, sendo a fé o instrumento pelo qual andamos em Cristo), "...crescendo em ações de graça".

Em seguida vemos em Colossenses 3.15: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos". No versículo 17: "E tudo o que fizerdes, sejam em palavras, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai". E retornando a Colossenses, agora 4.2, lemos: "Perseverai na oração, vigiando com ações de graça".

Estas palavras acerca das ações de graça são duras, em certo sentido. São belas, mas não nos permitem escapar desta verdade: a expressão "todas as coisas" inclui todas as coisas mesmo.

Em 1 Tessalonicenses 5.8 encontramos: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". Estas palavras ligam-se diretamente às do versículo 19: "Não apagueis o Espírito". Certamente uma coisa é clara — Deus nos diz: em tudo dai graças.

Creio que podemos ver tudo isto em sua correta perspectiva se voltamos a Romanos 1.21: "Portanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus

próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato". O ponto central está nisto: não foram agradecidos. Em vez de darem graças, eles "se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato". Declarando-se sábios, tornaram-se loucos. O princípio da rebelião dos homens contra Deus era, e é, a falta de um coração agradecido. Seus corações não palpitavam apropriadamente, não eram agradecidos — o que os teria levado a ver-se como criaturas diante do Criador e a inclinar-se, não só ajoelhando, mas dobrando-se também nos seus corações obstinados. Rebelião é a recusa deliberada a reconhecer-se como criatura diante do Criador a ponto de ser-lhe agradecido. O amor tem de fazer-se acompanhar de um "Obrigado!", não de modo superficial ou "oficial", mas sendo mesmo agradecido a Deus e dizendo-lhe de fato — em alta voz ou no pensamento — "Obrigado!". Como veremos mais tarde, não se confunda o ensino dado acima com a idéia de que devemos deixar de lutar contra as crueldades do mundo como ele é agora; o que queremos dizer é que devemos ter coração agradecido ao Deus vivo e verdadeiro.

Duas coisas estão diretamente envolvidas aqui — se é que devamos examinar isto do ponto de vista da estrutura cristã, e não de uma estrutura não cristã. A primeira é que como cristãos dizemos que vivemos num universo pessoal, no sentido de que ele foi criado por um Deus pessoal. Agora que aceitamos a Cristo como nosso Salvador, Deus Pai é nosso Pai. Quando dizemos que vivemos num universo pessoal e que Deus Pai é nosso Pai, na medida em que nossa atitude é inferior à de confiança negamos aquilo que afirmamos crer. Afirmamos que como cristãos tomamos por escolha o lugar de criaturas diante do Criador, mas quando mostramos falta de confiança, demonstramos que, naquele momento, na prática, não fizemos de fato aquela escolha.

A segunda coisa que temos de entender a fim de compreendermos o que é um coração satisfeito, numa estrutura cristã em vez de numa estrutura não cristã, é ilustrado pelo dilema de Camus em "A Peste".

Como cristãos dizemos que vivemos num universo sobrenatural e que há uma luta — desde a queda do homem — e que esta luta pertence tanto ao mundo visível como ao mundo invisível. Isto é o que afirmamos crer; insistimos nisto contra os naturalistas e contra os anti-sobrenaturalistas. Se de fato cremos nisto, primeiro podemos estar satisfeitos sem deixar de lutar contra o mal, e segundo, por certo que Deus tem direito de colocar-nos, como cristãos, na posição que lhe parece bem, na batalha.

Na compreensão cristã do contentamento, precisamos ver o contentamento em relação a estas coisas. Sumariando, há um Deus pessoal. Uma vez que eu tenha aceitado a Cristo como meu Salvador, Deus é meu Pai. Certamente, então, quando me falta confiança, estou negando o que digo que creio. Ao mesmo tempo, digo que há um combate no universo, e Deus é Deus. Ora, se me falta confiança, o que realmente estou fazendo é negar na prática que Ele, como meu Deus, tem direito de usar-me onde e como queira na luta espiritual travada no mundo visível e no mundo invisível. Confiança e contentamento pertencem à estrutura cristã, mas, se esta apresenta formulação adequada, o contentamento é profundamente importante.

Se se vai o contentamento, e se as ações de graça vão-se, não amamos a Deus como devemos amá-lo, e o desejo legítimo já se transformou em cobiça ofensiva a Deus. Este território interno é o primeiro lugar em que se dá a perda da vida espiritual autêntica. O externo *é* sempre o resultado disso.

O segundo teste que serve para demonstrar quando o desejo legítimo torna-se cobiça relaciona-se com nosso dever de amar a nossos semelhantes o suficiente para não termos inveja. E não se trata de invejar a posse de dinheiro apenas, mas, sim, de todo tipo de inveja. Por exemplo, a inveja pode ser de dons espirituais. É fácil submeter isto a prova. Os desejos naturais deixam de o ser e se tornam cobiça em detrimento doutras criaturas de nossa espécie, contra um companheiro na existência humana, quando temos mentalidade que nos faz sentir secreto prazer pela desventura dele. Se alguém possui algo e o perde, alegra-

mo-nos no íntimo? Sua perda causa-nos secreta satisfação? Não responda muito depressa dizendo que nunca sentiu isso porque estará se mostrando mentiroso. Todos precisamos admitir que, mesmo quando estamos progredindo na vida cristã, ainda nessas áreas sobre as quais afirmamos que estamos ansiosos por ver mais viva a Igreja de Jesus Cristo em nossa geração, muitas vezes sentimos essa secreta satisfação pelo prejuízo sofrido por outras pessoas, mesmo quando se trata de prejuízo sofrido por irmãos em Cristo. Pois bem, se essa mentalidade toma conta de mim de algum modo, posso estar certo de que meus desejos naturais e válidos já passaram a ser cobiça. No íntimo é cobiça que tenho, e não amo meus semelhantes como devo.

A cobiça no íntimo — que equivale á falta de amor ao próximo — logo tende a manifestar-se no mundo externo. Não pode ficar guardada no ser interior de modo completo. Isto ocorre em diversos graus. Quando sinto uma tristeza pecaminosa pelo fato de outros possuirem o que não possuo, e dou asa a que essa tristeza cresça, rapidamente me fará malquerer as próprias pessoas envolvidas. Decerto todos temos sentido isto. Como o Espírito Santo faz que sejamos cada vez mais honestos conosco mesmos, temos de reconhecer que freqüentemente sentimos aversão por alguém porque tivéramos um desejo pecaminoso de alguma coisa que lhe pertence. Mais do que isto, se fico contente pensando que ele poderia sofrer alguma perda, o próximo passo no mundo externo estará em movimento, quer sutil, quer mais abertamente, no sentido de fazê-lo sofrer aquela perda, seja mentindo sobre ele, seja roubando-lhe algo ou seja de que modo for.

Em 1 Coríntios 10.23,24, a Palavra de Deus me diz que o amor deverá levar-me a procurar o interesse do próximo e não somente o meu. "Todas as cousas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. Ninguém busque o seu próprio interesse; e, sim, o de outrem". A mesma verdade transparece em 1 Coríntios 13.4,5: "0 amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses..."

Quando lemos estas palavras e compreendemos que a falha nisso é cobiça, é falta de amor, cada um de nós tem que cair de joelhos, como Paulo fez quando abriu os olhos para o mandamento que proibe a cobiça; aquela atitude destrói toda e qualquer idéia superficial da vida cristã.

Estas são as áreas da vida espiritual autêntica. Estas são as áreas da verdadeira vida cristã. Não são basicamente externas; são internas, são profundas; vão ao fundo, penetrando os recantos de nossa vida —• aqueles recantos que nós gostamos de esconder de nós mesmos. A área interna é o primeiro terreno que se perde da verdadeira vida cristã, da vida espiritual autêntica; o ato pecaminoso externo é conseqüência daquela perda. Se nos apegarmos firmemente a esta verdade — que o interno é o básico e que o externo sempre é simples resultado — teremos logrado atingir urn tremendo ponto de partida.

Todavia, a genuína espiritualidade, a vida cristã, está um passo além. Suposto que tenhamos deixado atrás o conceito de uma pequena e limitada lista de deveres e restrições, e que tenhamos avançado para o conjunto global dos Dez Mandamentos e da Lei do Amor; supondo-se também que tenhamos passado do externo para o interno — ainda aí, em ambos os casos tratamos principalmente daquilo que é negativo. Mas a vida espiritual autêntica, a vida cristã genuína, é mais do que certo conceito do negativo, ainda que profundo e em termos apropriados. A verdadeira espiritualidade, a vida cristã verdadeira, é final e cabalmente positiva. Tocamos nisto quando citamos Mateus 22.37,39: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Salientamos especialmente, porém, que a vida cristã genuína não se restringe ao negativo, nem mesmo o negativo em termos próprios e sondado nos mais profundos domínios do nosso ser. Há realidades bíblicas em termos negativos; também as há em termos positivos.

À medida que prosseguimos neste estudo, trataremos mais amplamente das passagens que damos a seguir; consideremo-las ligeiramente neste estágio.

Romanos 6.4a. apresenta uma realidade negativa:

"Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo". É uma experiência negativa. Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo. Coisa semelhante encontramos na primeira parte do versículo 6: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem". Quando aceitei a Cristo como o meu Salvador, quando Deus como Juiz declarou-me justificado, estas coisas tornaram-se legalmente verdadeiras. Na vida cristã, minha vocação é para vê-las tornar-se reais em minha vida prática. A mesma verdade, com a mesma ênfase negativa, vemos em Gálatas 2.19b.: "Estou crucificado com Cristo".

Estas ênfases negativas jamais deverão ser subestimadas, quer na justificação, quer na vida cristã; caso contrário, não seremos capazes de compreender as verdades positivas que anotamos em seguida. Eis o que se nos diz em Gálatas 6.14: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo". Esta é uma ênfase negativa tremendamente forte. E não é para ser recebida como simples proposição teórica; é (como veremos adiante) para ser praticada, com a graça de Deus. Portanto, há lugar para o aspecto negativo legítimo e bíblico. Mas, vamos avante e notemos que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, não pára no aspecto negativo. Há também o positivo.

Assim é que em Gálatas 2.19 lemos de novo: "Estou crucificado com Cristo". Depois há uma pausa entre essa parte do versículo e o versículo seguinte, pausa que ressaltei na Bíblia que eu uso, sublinhando essa parte com linha dupla. Deste modo, a pausa fica bem evidente para mim, mesmo quando faço uma leitura rápida. "Estou crucificado com Cristo (pausa) logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim". Desta maneira, há aí um elemento negativo,mas, ele desliza rapidamente para um elemento positivo. Parar no primeiro é perder o tema todo. A verdadeira vida cristã não é uma vida externa ou mental fundada em (princípios) negativos básicos; não é odiar a vida, como tendemos a fazer quando sofremos depressão ou outros

problemas psicológicos. A ênfase negativa cristã não é uma ênfase negativa niilista; há uma ênfase negativa bíblica legítima; mas a vida cristã não pára aí. Há uma verdadeira vida no presente como também no futuro.

Na carta aos Romanos sentimos a mesma ênfase (6:4): "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida". Este é o modo como devemos ler a parte final do versículo: "para que andemos em novidade de vida". E isto. 8 expressão positiva. Há possibilidade de andar em novidade de vida na presente existência, aqui e agora, entre o novo nascimento e a morte, ou entre o novo nascimento e a segunda vinda de Jesus. Em Romanos 6.6 é a mesma coisa: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos". Assim, morremos com Cristo mas ressuscitamos com Cristo. Essa é a ênfase. A morte de Cristo é um fato histórico ocorrido no passado, e nós ressuscitaremos dos mortos na história futura; mas é preciso que haja uma demonstração na história atual, agora, antes de nossa ressurreição futura. Como ilustração, lemos a faceta negativa em Gálatas 5.15: "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos". Paulo está falando de cristãos. Aí está o lado negativo. Mas no versículo 14 encontramos a ênfase positiva: "Porque toda a lei se cumpre em um só preceito a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Também vemos o aspecto positivo nos versículos 22 e 23 do mesmo capítulo: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei". Desta maneira o contexto leva-nos do negativo para o positivo em nossas considerações da vida cristã.

Resumindo, pois, o conteúdo deste capítulo — que é uma introdução ao restante do livro:

1. A vida espiritual autêntica, a verdadeira vida cristã, não significa apenas que nascemos de novo. Tem de iniciar-se aí, mas significa muito mais. Nem significa apenas

que vamos estar no Céu. Significa isso e muito mais do que isso. A vida cristã genuína, a vida espiritual autêntica na vida presente, significa mais do que sermos justificados e mais do que sabermos que estamos a caminho do Céu.

2. A vida espiritual autêntica não consiste propriamente no desejo de livrar-nos da carga de tabus para vivermos vida mais fácil e mais frouxa. Nosso desejo deve ser de vida mais profunda. E quando começo a pensar nisso, a Bíblia me apresenta o conjunto global dos Dez Mandamentos e da Lei do Amor.
3. A vida espiritual autêntica, a verdadeira vida cristã, não é apenas externa, mas interna; não é cobiçar em prejuízo de Deus e dos homens.
4. A vida espiritual autêntica é muito mais: é algo positivo. Realidade interior positiva e realidade exterior positiva resultante daquela. A realidade interior deve ser positiva, e não negativa; e então, fluindo da realidade interna positiva, deve surgir sua manifestação exterior. Não é só o estarmos mortos para certas coisas, mas sim, que devemos amar a Deus, viver para Ele e manter comunhão com Ele neste presente momento da história. E devemos amar os nossos semelhantes, viver como seres humanos para os seres humanos, e manter comunicação com eles em nível verdadeiramente pessoal, neste presente momento da história.

Quando falo da vida cristã, ou da libertação dos laços do pecado, ou da vida espiritual autêntica, os quatro pontos acima enunciados constituem aquilo que diz a Bíblia que nós devemos pretender. Menos que isso é menosprezar Deus — é menosprezar Aquele que criou o mundo, é menosprezar Aquele que morreu na cruz. Isto é o que precisamos ter em mente ao começar este estudo. Do contrário, nem vale a pena começar a falar da liberdade vivencial dos laços do pecado, ou da realidade vivencial da vida cristã, ou da verdadeira espiritualidade. Se isto não está em nossas mentes, ao menos em alguma pobre compreensão e ao menos em alguma pobre aspiração, é melhor parar por aqui. Qualquer outra coisa é menosprezar a Deus, e, menosprezar a Deus é pecado.

2

A Centralidade da Morte

Damos começo aqui ao primeiro dos três capítulos estreitamente interrelacionados em que discutimos as considerações básicas da vida cristã, da vida espiritual autêntica. Já fizemos alusão aos aspectos negativo e positivo da vida cristã. Retornaremos agora às considerações negativas. Estas podem resumir-se com as palavras de quatro versículos da Bíblia:

> Romanos 6.4a: "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo".
>
> Romanos 6.6a: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem".
>
> Gálatas 2.19b: "Estou crucificado com Cristo".
>
> Gálatas 6.14: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo".

Nestas afirmações vemos que, como cristãos, morremos, à vista de Deus, com Cristo quando o aceitamos como Salvador. Mas há mais do que isto. Há também — e com ênfase — a exigência de que na prática morramos diariamente. Este é o aspecto negativo que mencionamos no Capítulo 1 e que vamos desenvolver mais amplamente.

Como já dissemos, a Bíblia dá-nos de fato agudíssimas determinações negativas — das quais não podemos fazer abstração, porque afetam profundamente nossa vida normal. Vimos que a Palavra é clara e definitiva em afirmar que em todas as coisas, incluindo as duras e desagradáveis, devemos manifestar contentamento e dizer

"Obrigado!" a Deus. Trata-se aí do aspecto negativo, e é negativo mesmo. É o negativo de dizer "não" ao domínio das coisas e do ego.

Vemos também que a Bíblia manda-nos amar nossos semelhantes, não só em sentido romântico e idealizado, mas amá-los o bastante para não sentirmos inveja. Aqui outra vez seria falso não expor que esta expressão é insignificante e puramente romântica, não passa de utopia no mau sentido, a menos que entendamos que isto envolve também um forte aspecto negativo. Se tomamos esta atitude acertada, significa que estamos dizendo "não" em certas esferas muito definidas a certas coisas, e estamos dizendo "não" a nós mesmos.

De novo precisamos dizer que isto não é bem alguma coisa que possa ser tomada romanticamente, para instigar alguma espécie de emoção dentro de nós. É uma palavra fortemente negativa. Devemos estar dispostos a dizer "não" a nós mesmos e devemos estar dispostos a dizer "não" a certas coisas, a fim de que o mandamento do amor a Deus e ao próximo tenha significado real. Mesmo naquelas coisas que me são lícitas e que não rompem os Dez Mandamentos, não devo procurar o meu próprio interesse, mas sim o de outrem. Ora, quem quer que esteja pensando honestamente no que estamos dizendo reconhecerá neste ponto específico que esta posição apresentada na Escritura parece muito pesada. Quando estamos firmados no círculo da perspectiva da vida comum à humanidade, e honestamente enfrentamos estes ensinos da Bíblia, sentimos que temos que dizer uma destas duas coisas: Ou havemos de romantizá-los, afirmando que na verdade visam a dar-nos um sentimento agradável, e que algum dia, remoto, no futuro reino de Cristo ou na eternidade celestial, terá significação prática. Ou, se não usamos esse recurso mas encaramos o sentido real dessas palavras como a Bíblia no-las comunica, havemos de sentir que estamos em situação bem difícil. Você não pode ouvir de maneira confortável esse tipo de passagem bíblica, essa arremetida negativa da Palavra de Deus acerca da vida cristã, a menos que você lhe dê interpretação romântica. E o fato é que isto foi sempre assim, desde a queda

do homem. Principalmente é assim com relação à mentalidade presa a coisas e ao sucesso, característica do século vinte. Estamos circundados por um mundo que não diz "não" a nada. Quando estamos rodeados por essa espécie de mentalidade, numa atmosfera em que tudo é julgado pelo critério da grandeza e do sucesso, e, de repente, nos falam que na vida cristã tem-se que enfrentar este contundente aspecto negativo que leva o cristão a dizer "não" a coisas e a si mesmo, isso tem que parecer difícil. E se não nos parece difícil é porque não lhes estamos permitindo falar-nos.

Em nossa cultura freqüentemente ouvimos que não devemos dizer "não" a nossos filhos. Na verdade, em nossa sociedade a repressão é geralmente considerada má. Temos uma sociedade que não se refreia de nada, exceto talvez quando é para obter maior ganho em diferentes áreas. Todo conceito de um redondo "não" é evitado tanto quanto possível. Nós que somos um pouco mais velhos, achamos que podemos dizer que isto é a geração mais jovem. Muitos da geração mais jovem podem ser assim retratados: nada sabem de falar "não" a si mesmos ou a qualquer coisa mais. Mas isto é apenas meia verdade, porque os mais velhos merecem a mesma descrição. A atual geração madura produziu este ambiente, ambiente de predominância de bens e sucesso. Produzimos certa mentalidade de abundância em que tudo é julgado à base da consideração de se conduzir à abundância. Tudo mais tem que ceder lugar a isto. Absolutos de toda sorte, princípios éticos — tudo tem que ceder lugar à afluência e à egoística paz pessoal.

É claro que este ambiente — contrário a que se diga "não" — combina perfeitamente com nossa disposição natural individual porque, desde a queda do homem, não queremos negar-nos a nós mesmos. De fato, fazemos tudo que podemos, tanto no sentido filosófico como no sentido prático, para colocar-nos no centro do universo. É onde naturalmente queremos viver. E esta disposição natural encaixa-se exatamente no ambiente que nos cerca no século vinte.

Este foi o ponto crucial da queda. Quando Satanás dis-

se a Eva: "É certo que não morrereis.... como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal", ela quis ser como Deus (Gênesis 3.4,5). Ela não quis dizer "não" ao fruto agradável aos olhos, embora lhe tivesse dito Deus que dissesse "não" e a tivesse advertido das conseqüências da desobediência. Tudo o mais decorreu disso. Ela se colocou no centro do universo; quis ser semelhante a Deus.

Ao começar a vida cristã devo enfrentar o fato com honestidade. Eu preciso compreender que, mesmo para o cristão, no que se refere a bens terrenos e a sucesso, dentro dele há uma amplitude de onda igual à do ambiente exterior e que ecoa tudo que está à sua volta. Conseqüentemente, é falso não me sentir como se me estivesse esmagando contra uma forte muralha quando considero esta negativa. Enganaria a mim mesmo, e seria desonesto, se não reconhecesse esta luta. Se me ponho na perspectiva normal do homem decaído — e especialmente na perspectiva normal do século vinte — a coisa é dura de fato. Mas se eu mudo minha perspectiva, tudo se altera. E é isto que eu pretendo tentar iniciar neste segundo capítulo — mudar nossa perspectiva.

> Com isto em mente, consideremos Lucas 9.20-23, 27-31, 34, 35. "Mas vós, perguntou Ele, quem dizeis que Eu sou? Então falou Pedro, e disse: És o Cristo de Deus. Ele, porém, advertindo-os, mandou que a ninguém declarassem tal cousa dizendo: É necessário que o Filho do homem sofra muitas cousas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite. Dizia a todos: Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e Siga-Me.Verdadeiramente vos digo: Alguns há dos que aqui se encontram que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam o reino de Deus.
>
> "Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, tomando Consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto Ele orava, a aparência do Seu rosto se transfigurou e Suas vestes resplandeceram de brancura. Eis que dois varões falavam com Ele, Moisés e Elias. Os quais apare-

ceram em glória e falavam da Sua partida, que Ele estava para cumprir em Jerusalém.

"... uma nuvem os envolveu... E dela veio uma voz dizendo: Este é o Meu Filho, o Meu eleito: a Ele ouvi".

"Dizia a todos: Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue" (ou a si mesmo se renuncie) (versículo 23). O pensamento é o mesmo que lemos em Coríntios — não procurar os nossos próprios "bens" ou interesses, mesmo que tenhamos direito sobre eles.

"Os quais apareceram em glória e falavam da Sua partida". Em grego, a palavra aqui traduzida por "falavam" ressalta a continuidade do que faziam, aliás expresso pelo imperfeito em português. O que está envolvido na passagem é um continuado falar da morte de Cristo, morte que ocorreria proximamente.

O versículo 35 coloca-nos em perspectiva diversa: "Este é o meu Filho... a Ele ouvi". Temos aqui no Monte da Transfiguração uma previsão de Cristo em Sua glória. Temos aqui uma previsão daquela parte do reino de Deus em que estamos, visto que aceitamos a Cristo como nosso Salvador. Mas somos poderosamente levados para além dessa já gloriosa realidade, para a ressurreição — não só a ressurreição de Cristo, mas nossa futura ressurreição. Somos levados ao reino de Cristo, à eternidade.

Esta é uma perspectiva diferente. É perspectiva que constitui completa antítese da perspectiva do mundo, a qual normalmente nos rodeia. Quando começamos a olhar essas palavras neste cenário, sob uma perspectiva inteiramente outra — a do reino de Deus, e não a do mundo decaído ou de nossa natureza decaída. Tudo é diferente. Sofremos a pressão do mundo que não quer dizer "não" a si mesmo — não por qualquer motivo pequeno e insignificante mas como princípio básico, porque os do mundo estão resolutos a se constituirem em centro do universo. Quando marchamos para fora daquela sombria perspectiva e entramos na perspectiva do reino de Deus, então as determinações negativas que nos são lançadas tomam um aspecto completamente diverso.

Observe que aqueles varões demoravam-se **falando** da morte de Cristo, morte que não tardaria a acontecer. Este

foi o tópico da conversação. Não se nos diz quanto tempo falaram, mas não foi questão de uma simples frase. Foi conversação prolongada. Eles falavam — demoravam-se falando de Sua próxima partida. Lembre-se de que quando João Batista apresentou Jesus Cristo, disse: "Eis o Cordeiro de Deus" (João 1.29). Apresentando Jesus Cristo, dirigiu a atenção para a morte de Cristo. Aqui no Monte da Transfiguração, no ambiente do reino de Deus, o tema extensamente desenvolvido em longa conversação foi a morte próxima de Cristo.

Aqui está, portanto, a maravilha das maravilhas, a maravilha dos séculos. Eis aí a verdadeira perspectiva — em que a conversa centralizou-se num único tópico: a Pessoa que é Deus devia morrer. E a referência é Àquele mencionado no versículo 35: "Este é o meu Filho, o Meu eleito: a Ele ouvi". Sua morte é mencionada no versículo 31: "...e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém". Deus, como verdadeiro homem depois da encarnação, vem como o Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo. Não é compor mau verso em nossa poética dizer: Cristo, o poderoso Criador, morreu.

Agora pensemos nesta situação, considerando a questão da verdadeira perspectiva. Notemos que este é o próprio centro da mensagem cristã. O ponto central da mensagem cristã não é a vida de Cristo, nem Seus milagres, mas Sua morte. Hoje, toda a teologia liberal, vendo o problema do homen como problema de cunho metafísico, quer colocar a solução no conceito de encarnação. Não que os teólogos dessa linha creiam na verdadeira encarnação; falam do conceito de encarnação. Entretanto, não é este o lugar bíblico para se dar a resposta. A natividade é o fato necessário para abrir o caminho para a resposta, mas, esta mesma consiste na morte do Senhor Jesus Cristo. Em Êxodo 12, onde se fala da Páscoa (olhando para diante, para a vinda de Jesus), o Cordeiro Pascal morreu. Em Gênesis 3.15, onde se registra a primeira promessa da vinda do Messias, consta que quando viesse o Messias, Este seria ferido. Ele esmagaria a Satanás, mas seria ferido ao fazê-lo. Em Gênesis 3.21, como haveria de vestir-se o homem, uma vez que pecou? Com peles. lsto requer o

derramamento de sangue. Em Gênesis 22 lemos a descrição daquele grandioso acontecimento que revela a compreensão que Abraão tinha do Messias que havia de vir. Teve de por seu filho num altar, em sacrifício — mas, eis, foi suprido de um carneiro, recebendo assim um duplo quadro representativo da substituição. Em Isaias 53, que contém essa grande profecia feita setecentos anos antes da vinda de Jesus Cristo, que é que constitui o teme da questão? Está em palavras como estas: "traspassado", "moído", "como cordeiro foi levado ao matadouro", "foi cortado da terra dos viventes", "derramou a sua alma na morte". Estas palavras rolaram pelos trilhos do tempo, com ressonância profética. Chegamos, então, a João Batista, que diz: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". Este é o tema de milhares de anos de comunicação profética. O centro da mensagem cristã é a morte redentora de Jesus Cristo.

O próprio Senhor Jesus Cristo ocupa esse mesmo centro da mensagem, segundo as palavras que disse durante Seu diálogo com Nicodemos: "E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado" (João 3.14). Comparada esta passagem com a de João 12.32,33, vê-se que se refere especificamente à morte de Cristo, próxima de seu desfecho.

Vejam-se:

Romanos 3.23-26: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs, no•seu sangue, como propiciação mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus".

Hebreus 7.27: "Que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro por seus próprios pecados, depois pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu".

Volte-se para onde quiser; verá sempre o mesmo. No

derradeiro livro da Bíblia, o Apocalipse, encontramos o ponto de exclamação para esta verdade, no capítulo 5, versículo 9, passagem em que se fala do livro da redenção: "E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação".

Se você for à teologia da igreja primitiva (e jamais cometa o erro de pensar que a igreja primitiva não tinha teologia), verá que a morte vicária, ou seja, a morte substitutiva de Cristo constitui igualmente o centro.

Qual é o ponto central da mensagem cristã de boas novas, o Evangelho para o mundo? Centraliza-se em uma só coisa: a morte redentora do Senhor Jesus Cristo.

Desde a ocasião da queda, e da primeira promessa feita dentro das primeiras vinte quatro horas após a queda, e até o dia final, esta é a mensagem.

Desta maneira, não temos por que ficar surpresos por Elias e Moisés, em seu encontro com Jesus no Monte da Transfiguração, terem escolhido esse tópico como o tema chave de sua conversação. "Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias. Os quais apareceram em glória e falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém" (Lucas 9.30,31). Por certo falavam disto porque nisto fora lançada a sua sorte. Era importante para eles, não apenas como proposição teológica, mas porque a salvação de Moisés e Elias repousava neste único ponto — a morte de Jesus Cristo na cruz do Calvário. Os discípulos que acompanharam Jesus na escalada do monte aquele dia também lançaram nisto sua sorte, porque se Jesus não tivesse morrido na cruz eles não teriam obtido salvação nenhuma. E é bom dizer a cada uma das pessoas que lêem estas palavras: Todos nós temos a vida em jogo, dependendo disto: não há salvação possível, a não ser que Jesus tenha morrido na cruz do Calvário.

Pois bem, a morte do Senhor Jesus é absolutamente singular. É morte vicária. Não há outra morte como a de Jesus. Não há morte nenhuma que permita paralelo com a morte de Jesus. Esta afirmação precisa firmar-se como valor absoluto em nosso pensamento. Sua morte vicária na

cruz, na história que preenche tempo e espaço, tem valor infinito por ser Ele quem é: Deus. Assim, não é preciso acrescentar nada ao valor substitutivo de Sua morte, nem é possível mesmo acrescentar-lhe nada. Ele morreu uma vez por todas. Havendo-o dito de modo tão contundente quanto nos foi possível, acrescemos que, não obstante, em Lucas 9.22-24, cremos que Cristo estabelece uma ordem cronológica. Versículo 22: "E necessário que o Filho do homem sofra muitas cousas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite". A ordem aí é em três passos: rejeitado, morto e ressurreto. Fala de Sua morte próxima, única e vicária. Contudo, nos versículos 23 e 24 consta que Jesus Cristo relacionou imediatamente conosco, cristãos, aqueles três passos: rejeição, morte e ressurreição. "Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue" (renuncie-se a si mesmo), "dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará". Aqui Jesus define essa ordem dos acontecimentos, ordem necessária para nossa redenção pela morte única e vicária do Senhor Jesus Cristo — define-a e aplica-a à vida cristã. A ordem — rejeição, morte, ressurreição — é também a ordem da vida cristã genuína, da vida espiritual autêntica; não há outra.

Se olvidamos a absoluta singularidade da morte de Jesus Cristo, caímos em heresia. No momento em que pomos de lado ou diminuímos, no momento em que de algum modo fazemos cair — como o fazem os liberais de todos os tipos em sua teologia — a singularidade e o caráter substitutivo da morte de Cristo, nosso ensino deixa de ser cristão. Por outro lado, lembremo-nos da outra face desta matéria. Se esquecemos que a mencionada ordem de acontecimentos relaciona-se diretamente conosco como cristãos, o que temos não passa de ortodoxia estéril; neste caso, não temos vida cristã de fato. A vida cristã murchará e morrerá; a espiritualidade, tomada no sentido bíblico, chegará ao fim.

Jesus fala aqui da morte por escolha, na presente existência. Faz aplicação disto a uma situação específica para

tornar Seu ensino mais concreto. Diz, no versículo 26: "Porque qualquer que de mim e de minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na Sua glória e na do Pai e dos santos anjos". A Bíblia não está falando de algum sentimento romântico, de alguma idealização, de alguma abstração. Jesus leva este conceito relacionado com o enfrentar a rejeição, o ser morto, a uma situação deveras prática: confrontando um mundo alienado. Envolve o dizer "não" ao ego quando os nossos egos naturais gostariam de ser aceitos pelo mundo alienado — mundo em rebelião contra seu Criador e nosso Senhor. Quando damos atenção no conteúdo global do Novo Testamento, descobrimos que este mandado de Cristo não se limita a uma situação apenas; é para constituir toda a mentalidade e toda a perspectiva da vida cristã. O que se nos apresenta aí é a questão da mentalidade cristã em todo o curso da vida, sendo que permanece a ordem dos fatos: rejeição, morte, ressurreição. Assim como a rejeição e a morte de Cristo são os primeiros passos na ordem da redenção, assim nossa rejeição e morte com relação aos bens e ao ego são os primeiros passos na ordem seguida pela espiritualidade autêntica e progressiva. Como no primeiro caso não poderia ser dado nem um passo, nos fatos da redenção realizada por Cristo, enquanto não fosse dado o passo da morte, assim no caso do cristão não pode haver passo algum enquanto não forem enfrentados estes dois primeiros passos — não em teoria, apenas, mas pelo menos em alguma prática parcial. Rejeitado; morto.

Quão central é a morte de Cristo para nossa redenção! Vejam-se Moisés e Elias ali, no Monte da Transfiguração, com Cristo, todos os três conversando sobre isto, discorrendo demoradamente acerca de Sua morte prestes a suceder. Eles se demoraram falando disto. lgualmente se pode dizer quão central e fundamental é para nós, como cristãos, nossa morte individual e continuada, por decisão própria.

A morte era o ponto central da obra redentora de Cristo,e,portanto,provocou conversação a respeito. Os profetas falaram dela no Velho Testamento, e Moines, Elias e Cristo conversaram sobre ela no Novo Testamento. Uma

vez que na vida cristã ela é igualmente central, não deveria provocar continuado pensamento, continuada consideração e conversação, e continuada oração de nossa parte? Devo perguntar, pois, e o faço com brandura: Quanto pensamento, e quanta conversação nos provoca a necessidade da morte por decisão pessoal? Quanta oração por nós e pelos que amamos nos provoca? Não é verdade que nossos pensamentos, nossas orações por nós mesmos e por aqueles a quem amamos, e nossa conversação visam quase inteiramente a desembaraçar-nos dos fatores negativos a qualquer custo em vez de orarmos no sentido de sermos capacitados a enfrentar os pontos negativos com atitudes apropriadas? Quanta oração fazemos por nossos filhos e por nossos demais entes queridos para que estejam dispostos de fato a andar, pela graça de Deus, subindo os degraus que levam à rejeição e à morte? Estamos impregnados pelo mundo com suas atitudes, em vez das atitudes que condizem com a perspectiva do reino de Deus. Não que devamos viver só em função dos aspectos negativos, como veremos na continuação desta série de estudos. Não obstante, é de grande importância termos compreensão da ordem dos acontecimentos. Não devemos supor que podemos saltar até ao último degrau, omitindo a realidade que requer que sejamos rejeitados e mortos, não precisamente naquela altura de nossa vida em que nos tornamos cristãos, mas como uma situação contínua em nossa existência.

Com esta nova perspectiva do reino de Deus, fixemos a atenção nos aspectos negativos dos Dez Mandamentos, em Êxodo 20.

No primeiro mandamento há uma exortação a que digamos uma rotunda negativa à pretensão de estar no lugar que pertence a Deus. Esta é a chave de toda a questão: querer estar no centro do universo. Devemos tomar a decisão que nos faça dispostos a morrer para essa pretensão.

Os demais mandamentos mostram a mesma coisa, como os vemos registrados no capítulo 20 de Êxodo. Por decisão pessoal, devemos estar prontos para morrer para o tempo que Deus reservou para Si mesmo — Seu dia especial. Devemos fazer uma firme negativa para a tomada de

qualquer posição de autoridade que não seja de fato nossa. Devemos estar voluntariamente dispostos a dizer "não" ao extermínio pessoal da vida humana. Devemos rejeitar conceitos que nos levem a práticas sexuais a que não temos direito. E devemos dizer "não" àquilo que manche alheia reputação mediante acusações falsas.

O último mandamento, "não cobiçarás", mostra que essas negativas estão relacionadas, não com a conduta externa, mas, sim, com atitudes internas. Eis aí nossa morte, na verdade. Mas, quando é que essa morte deve ser sofrida? Certamente não depois de tanta demora, que nossos corpos físicos tenham já perdido o desejo e o sabor dos bens e experiências desta vida. Devemos dizer "não", por decisão pessoal — devemos morrer para o ego — na época em que estamos em pleno viver ativo, quando temos capacidade de desejar as coisas e de desfrutá-las. Esta "morte" não deve ser nem adiada, nem recuada, e nem ainda deve ser considerada como pertencendo somente ao momento da morte física. Podemos com acerto dizer que quando Jesus vier seremos aperfeiçoados, quando ele nos levantar dos mortos; mas este não é o ponto em questão aqui. Aqui, em plena existência, onde há batalhas e lutas, deve haver uma poderosa negativa, tomada por escolha pessoal e pela graça de Deus. Não é, por exemplo, uma questão de esperar até não mais sentirmos fortes desejos sexuais. É justamente no meio da vida em agitação, cercados por um mundo que estende as garras a tudo, rebelando-se contra Deus primeiro, e também contra os próprios seres humanos — é aí que devemos compreender o que Jesus quer dizer quando fala de negarnos a nós mesmos e renunciar-nos a nós mesmos quanto Aquilo a que não temos direito.

Há de haver alguma dor aqui. Na verdade, a cruz do cristão tem lascas pontudas, posto que na vida presente estamos cercados por uma atmosfera alheia ao reino de Deus. Mas este é o caminho da cruz: "É necessário que o Filho do homem sofra muitas cousas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite". Podemos ver como a ordem dos eventos tem sentido para nós como cristãos,

depois da justificação: rejeitado, morto, ressuscitado. Aqui a referência é feita especificamente à rejeição da parte dos líderes de Seus dias — homens que haviam seguido o caminho do mundo, e não o de Deus. Mas, no fundo, a rejeição é a que parte do mundo mesmo, e esta rejeição tem que preceder qualquer possibilidade de saber algo da vida após a ressurreição.

Vemos mais, que essa rejeição não é uma coisa feita uma vez por todas. Cristo chamou Seus seguidores para que tomem a cruz dia a dia. Nós aceitamos a Cristo como nosso Salvador uma vez por todas. Certo. Somos justificados e nossa culpa é retirada para sempre. Mas, depois, há este aspecto que transcorre dia a dia, momento a momento. O existencialista está certo quando dá ênfase à realidade da situação do momento a momento. Está errado em muitas coisas, mas nisso está certo.

Em Lucas 14.27 Jesus diz algo parecido: "E qualquer que não tomar a sua cruz, e vier após mim, não pode ser meu discípulo". Não está dizendo que uma pessoa não pode ser salva sem isso, mas que você não é discípulo de Cristo, no sentido de segui-lo, se o seu modo de viver não for este: rejeitado e morto — diariamente! E Ele coloca o mandamento não num quadro abstrato mas, sim, num cenário intensamente prático. Vê-se isto no versículo 26, quando o relaciona com pais, mães, esposas, filhos, irmãos e irmãs de Seus seguidores, incluindo a própria vida destes. Ele o enquadra nas realidades do viver quotidiano. Aí é onde temos de morrer.

Veja-se Lucas 14.28-30: "Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar". Esta passagem e a anteriormente citada formam uma unidade, sendo que a conexão é feita por Jesus mesmo. "Calcule o custo", diz Ele.E,seguramente, ao pregarmos a um perdido, precisamos salientar o fato de que parte daquilo que constitui um cristão é o elemento que consta de levar a própria cruz dia a dia. Estamos num

mundo alienado, edificado sobre os alicerces da rebelião contra Deus, e nesta existência o cristão ainda não está completamente isento desta rebelião, no seu ser interior.

Como temos visto, o capítulo 6 de Romanos começa com negativas muito fortes, e embora possamos desejar escapar para a segunda metade do versículo 4 ("Como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos... assim também andemos nós em novidade de vida"), a verdade é que estaremos em perigo se esquecermos o elemento ligado com o "morrer". "Sepultados com Ele na morte pelo batismo"; "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para Ele morremos? "; "Batizados na Sua morte": o percurso para a liberdade de que trata a segunda parte do versículo 4 passa por esses elementos, e não em torno deles. A ordem é absoluta: rejeição, morte, ressurreição. lgual coisa encontramos no versículo 6 do mesmo capítulo. Temos que caminhar através da primeira metade ("Sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem") para chegar à segunda metade ("para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos"). Tenho a impressão de que, na maioria, os cristãos lêem mais depressa a primeira parte desses versículos para chegarem logo à "feliz" segunda parte deles. Fazê-lo, porém, é cometer engano. Agrada-nos tal omissão, mas não é possível atingir o outro lado de uma porta sem passar por ela; também não alcançamos a deleitável segunda parte desses versículos sem passar pela primeira parte deles.

Primeiramente, isto é absolutamente verdadeiro, de uma vez por todas, quanto à justificação; mas também — e depois — é verdade momento a momento na vida cristã prática. Não fiquemos confusos aqui. No momento em que aceitamos a Jesus Cristo como nosso Salvador, fomos justificados e nossa culpa foi-se de uma vez. lsto é absoluto. Mas, se queremos algo de real na vida cristã, algo da espiritualidade genuína, temos que tomar nossa cruz "dia a dia". O princípio que me leva a dizer "não" ao ego jaz no âmago de minha atitude para com o mundo, pois este mantém sua condição de alienado em revolta contra o Criador. Se eu emprego minhas capacidades intelectuais

para fazer-me respeitável ante o mundo, falho, visto que ele está em revolução contra Aquele que o criou. Isto é igualmente verdadeiro no caso de eu utilizar a minha ignorância com o mesmo propósito. Tenho de enfrentar a cruz de Cristo em cada aspecto da vida e com todo o meu ser. A cruz de Cristo deve ser uma realidade para mim, não só no sentido de assegurar-me definitivamente a justificação no momento de minha conversação, mas através de toda a minha vida como cristão. A vida espiritual autêntica não pára nos aspectos negativos, mas, sem eles — na compreensão e na prática — não estaremos preparados para prosseguir.

3

Através da Morte, Rumo à Ressurreição

Se este livro fosse um texto para música, este seria o momento propício para o soar de trombetas. Estivemos considerando a importância de ponderar bem as negativas presentes na vida cristã: "rejeitado, morto". Agora, porém, volvemos ao fator positivo, sem o qual aqueles outros dois jamais poderiam representar uma espiritualidade genuína, equilibrada. Este fator indispensável indica-o a palavra "ressuscitado". "Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Romanos 6.4). "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2.19,20). Depois da morte para o ego, depois da rejeição do ego, há e continua havendo uma ressurreição.

Tudo isso é vividamente expresso pela transfiguração de Cristo. Esta foi uma prefiguração da ressurreição de Cristo — um tempo de glória. "E aconteceu que, enquanto Ele orava, a aparência do Seu rosto se transfigurou e Suas vestes resplandeceram de brancura" (Lucas 9.29). Ou como o registra Mateus: "O Seu rosto resplandecia como o sol, e as Suas vestes tornaram-se brancas como a luz" (17.2).

Bem, permitam-me salientar isto: essas coisas sucederam na história. É importante lembrá-lo, em especial hoje, quando os assuntos religiosos estão sendo constantemente empurrados para a esfera não-histórica de algum

"outro". Mas aqui, neste relato da transfiguração, vemos a ênfase posta no tempo e no espaço. Lucas, por exemplo, registra que "no dia seguinte, ao descerem eles do monte, veio ao encontro de Jesus grande multidão" (9.37). Em certo ponto do tempo, Cristo e os discípulos subiram a montanha, e noutro ponto do tempo, desceram de lá. Quando escalavam a encosta do monte, não se estavam movendo para algum "outro" a-espacial, filosófico ou religioso. Estavam firmados no chão da montanha e, embaixo, na planície, prosseguiam-se as atividades normais da vida.

A mesma verdade se pode dizer com relação ao tempo. Caso estivessem usando relógios, estes não teriam parado quando subiram, recomeçando a trabalhar quando desceram. O tempo não deixou de marchar. Quando voltaram à planície, o tempo havia passado — era o "dia seguinte". A história é feita de tempo e espaço: estes são sua trama e sua urdidura. Ali no Monte da Transfiguração transcorreu verdadeira história, arraigada no espaço normal e no tempo normal. A glorificação de Jesus não se deu no mundo do "outro" filosófico, no "andar superior", mas, sim, nas duras realidades de tempo e espaço, e a transfiguração demonstra a dura realidade das palavras que Jesus mesmo pronunciou enquanto desciam do monte: "É necessário que o Filho do homem sofra muitas cousas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e no terceiro dia ressuscite". O que se vê aí é: rejeitado, morto e ressuscitado na história.

Quando nos movemos para a ressurreição de Jesus Cristo propriamente dita, ocorrida após Sua crucifixão, encontramos igual ênfase. Ele perguntou aos discípulos que encontrara no caminho de Emaús: "Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na Sua glória? " (Lucas 24.26). Fez a pergunta num determinado dia do calendário, numa certa hora do dia, numa certa estrada que existe no mapa, lançando as raízes do acontecimento na história feita de tempo e espaço. E assim procedeu Ele em todas as Suas aparições como o Ressuscitado. "Apareceu no meio deles" no curso da vida normal de cada dia. Em seu temor, aqueles homens tentaram afastá-lo para outros

domínios — "Eles, porém, surpresos e atemorizados acreditavam estarem vendo um espírito". — Alas Jesus não lho permitiu. "Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo; apalpai-Me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho". (Lucas 24.39). Depois pegou um pedaço de peixe assado e um favo de mel e "comeu na presença deles". Também lhes mostrou Suas feridas, sinais de Sua morte.

Era o mesmo corpo, agora ressurreto e glorificado; não em alguma remota esfera, mas ali, no espaço e no tempo, na história.

Em João 20 há a mesma espécie de ênfase. Não se trata de repetição incidental. É o cerne de toda a temática.

> "Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-Se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco!" (João 20.19).

O corpo de Cristo está mudado, Ele pode aparecer subitamente, apesar das portas trancadas. Entretanto, isto não faz diferença nenhuma para aquilo de que estamos falando. Embora seja verdade que Ele pode atravessar portas trancadas, Seu corpo é o mesmo de antes.

> "Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe então os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas Suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no Seu lado, de modo algum acreditarei. Passados oito dias" (isto é, um ciclo semanal completo), "estavam outra vez ali reunidos os Seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!" (João 20.24-28).

Observemos que se trata do mesmo corpo. As portas fechadas a chave não O mantêm fora; Ele simplesmente surge entre eles. Mas isto não altera os fatos. E um corpo

que pode ser tocado e apalpado. Em João 21.9 é dada ênfase ao ato de comer: "Ao saltarem em terra viram ali umas brasas e em cima peixes; e havia também pão".

Temos aí o corpo de Jesus Cristo num mundo externo caracterizado pela relação espaço-tempo. A realidade da ressurreição não é algo que possa ser transladado para uma dimensão estranha. É plena de significado em nossa dimensão comum.

> "A estes também, depois de ter padecido, Se apresentou vivo, com muitas provas" (provas tipo espaço-tempo) "incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das cousas concernentes ao reino de Deus" (Atos 1.3).

Durante quarenta dias — não dois ou três mas quarenta dias — foi-lhes dada comprovação incontestável.

Não deixemos por menos a grandiosa cena de Sua ascensão: "Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos" (Atos 1.9). Este é o fato que, mais que qualquer outro, o homem moderno não pode aceitar. O teólogo neo-ortodoxo pode falar às vezes de uma ressurreição física, mas nunca falará de uma ascensão física. Quando você entra em contacto com materiais como o conteúdo do livro de John Robinson, *Honest to God* , você logo percebe que esse é o local em que se lança à batalha. E é o lugar próprio para lançar-se à batalha, porque eis aí um corpo ressuscitado que pode comer, que pode subir para o céu e desaparecer nas nuvens. Neste ponto devemos lembrar que Cristo esteve aparecendo e desaparecendo durante quarenta dias. O sobrenatural não se restringe a uma só direção, por assim dizer. Está aqui — estava, antes, aqui — e tornou a aparecer. Agora nos é dada alguma coisa que é real. De novo se vê que é dada ênfase ao caráter histórico do fato de que o corpo de Jesus Cristo ressuscitado ascendeu e se ocultou nas nuvens. Isto se deu em certa hora do dia, em certa data do calendário. Houve um momento determinado em que Seus pés despegaram-se do solo do Monte das Oliveiras. Não fujamos desta verdade. Gente que pensa que pode ignorar ou negar a ascenção física de Jesus e ainda apregoar o cristianismo não pode ser coeren-

te com os pontos restantes de sua posição.

Contudo, a relação espaço-tempo não termina aqui. Mais adiante, no livro de Atos (9.3-9, comparado com 22. 10 e 26.14,15), temos a narrativa de Cristo encontrando a Paulo: "Seguindo ele" (isto é, Saulo, posteriormente chamado Paulo), "estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que Me persegues? " Note-se aqui a conexão existente com o que já vimos nas frases descritivas da experiência no Monte da Transfiguração: "Uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que Me persegues? Ele perguntou: Quem és Tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; dura cousa é recalcitrares contra os aguilhões". Ele, tremendo e espantado, perguntou: "Que farei, Senhor? " E o Senhor lhe disse: "Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer. Os seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém. Então se levantou Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada podia ver. E, guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco".

A luz gloriosa o cegara. Onde? Na estrada de Damasco. Deste modo bem definido é fixada a situação espacial. Também se pode mencionar o tempo. Foi em certa hora do dia que aquilo aconteceu.

A mesma coisa se repete em Atos 22.6: "Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim" (São notórios aí o elemento ligado ao espaço — o caminho de Damasco — e o elemento ligado ao tempo — quase ao meio-dia). Veja-se o versículo 11: "Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz" (aí está a razão por que ficou cego: *não* foi por alguma coisa mística, mas, sim, foi a pura glória da luz que o deixou temporariamente cego), "guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco".

No capítulo 26 a narrativa é repetida uma vez mais, com um acréscimo deveras significativo: "Ao meio-dia, ó

rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol" (v.13). Aqui está o primeiro elemento do acréscimo: foi ao meio-dia; e não obstante o fulgor característico do sol do Oriente Próximo nessa hora do dia, o que Saulo viu foi uma luz mais fulgurante, a luz do Cristo glorificado, luz que, em suas palavras, "brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica..." (versículos 13 e 14).

Esta é uma das coisas mais significativas da Palavra de Deus para a discussão do século vinte. Há aqui uma declaração que inclui espaço, tempo, história e comunicação racional. A comunicação racional vem não através de alguma experiência mística de Paulo, mas, no meio da situação de espaço-tempo, o Cristo glorificado, o Cristo ressurreto, falou-lhe em termos da língua hebraica. Ao meio-dia, no caminho de Damasco, Jesus apareceu — na história o Cristo glorificado — falando a língua comum do povo, empregando palavras comuns e a gramática comum, a um homem chamado Saulo. Há nisto completa negação da projeção que no século vinte se faz destas coisas a um "outro" mundo, em conotação religiosa. A verdade é que, nessas narrativas bíblicas, estamos na esfera de espaço, tempo, história, comunicação normal e linguagem comum.

Todavia, a coisa não pára aqui, ainda. Mais tarde, muitos anos mais tarde, houve outro homem, chamado João. Estava na ilha de Patmos. O primeiro capítulo do livro de Apocalipse conta-nos que ele vê de novo a Jesus. Pela expressão "de novo" quero dizer depois de Paulo O ter visto. Não estou dizendo que este foi o único aparecimento depois da ascensão, além do aparecimento a Paulo. Estevão viu-O também. Mas os dois casos que ressalto constituem dois claros passos algum tempo depois da ascensão. Depois da ascensão, o Cristo glorificado foi visto por Saulo no espaço e no tempo, na estrada de Damasco. Depois da ascensão, o Cristo glorificado foi visto na ilha de Patmos — outra vez uma identificação espacial. A ilha de Patmos continua no mesmo lugar hoje. Na verdade, aí não há apenas identificação espacial; menciona-se o tempo, também: foi no dia do Senhor:

"Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro, e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares, e cingido à altura do peito com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo" (Apocalipse l. 12.14).

João descreve aí o que de fato viu. Não é mais estranho nem incongruente do que, após a ressurreição, Cristo haver-se alimentado e haver falado empregando o vocabulário comum.

"Os pés semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O Seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a Seus pés como morto. Porém Ele pôs sobre mim a Sua mão direita, dizendo: Não temas; Eu sou o primeiro e o último, e Aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno" (Apocalipse 1.15-18).

Não se nos diz em que língua falou. Mas foi linguagem humana, da mesma natureza daquela que Saulo ouvira no caminho de Damasco. Mais do que isso, neste capítulo há cuidadoso delineamento entre o que é descrição propriamente dita e as expressões que devem ser entendidas como figuras de linguagem.

Ainda não termina aqui. A Bíblia fala da futura vinda de Jesus à terra, e descreve esta vinda visível em termos que têm que ver com espaço, tempo e história. É ainda futura, mas de modo algum deixa de pertencer à relação espaço-tempo.

"Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça. Os seus olhos são chama de fogo; na Sua cabeça há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece senão Ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o Seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu,

montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da Sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações, e Ele mesmo as regerá com cetro de ferro, e pessoalmente pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. Tem no Seu manto, e na Sua coxa, um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" (Apocalipse 19. 11-16).

Repete-se a presença da relação espacial, porque se nos diz o lugar: Armagedom, palavra que significa "Monte de Megido" (Apocalipse 16.16). 0 local aonde virá mais tarde e onde pisará a terra é mencionado no Velho Testamento: é o Monte das Oliveiras (Zacarias 14.4). Em cada ponto considerado repete-se a mesma verdade. A glória e o esplendor de Cristo não é ejetada para um "outro" mundo, alheio ao nosso. Em cada um desses casos, e de maneira assaz envolvente, há identificação de espaço e identificação de tempo. Há a morte de Jesus Cristo, morte real e histórica. Há Sua ressurreição, igualmente real e histórica. E há a futura glorificação, real e histórica, plena de significado em termos de espaço, tempo e história: espaço, tempo e história que são precisamente os nossos.

Diz a Bíblia que virá o dia quando tanto os salvos como os não salvos contemplarão o Cristo glorificado. Eles O verão. Todo homem O verá, não como uma idéia religiosa, mas glorificado, e numa verdadeira situação de tempo e espaço. Mas, estas passagens não dizem apenas que Ele será assim; dizem que Ele é assim agora. A glorificação do Senhor Jesus Cristo não é apartada só para um futuro momento quando será visto por todos os homens. Não é afastada para aquela hora grandiosa em que virá em glória e, como diz a Bíblia, todo joelho se dobrará. Ele é glorificado agora. A ascensão não foi um desaparecimento no nada, no mundo de meras idéias religiosas. Entre Sua ascensão, ocorrida no Monte das Oliveiras, e Seu aparecimento no caminho de Damasco, Ele não deixou de existir. E depois disso não houve outro vácuo em que Ele teria desaparecido, desde o dia em que apareceu na estrada de Damasco até a data em que O viu João na ilha de Patmos. Este é Jesus como Ele é agora. É glorificado assim, neste

presente momento.

Ao contemplarmos estas coisas, várias outras surgem necessariamente diante de nós. Primeiramente, quando consideramos Jesus falando em língua hebraica no caminho de Damasco, e aparecendo a João e lhe falando na ilha de Patmos, temos aí clara prova de que a ressurreição de Jesus Cristo é histórica. Entretanto, há muito mais que isto. Esta ressurreição física é prova da obra consumada por Cristo na cruz, prova de que Sua obra foi de fato realizada, sendo que não há necessidade de acrescentar nada à Sua gloriosa obra vicária por nossa justificação.

Mas nem isto exaure a matéria. Na Palavra de Deus, diznos o apóstolo Paulo que na ressurreição de Cristo vemos a promessa, as primícias, de nossa própria ressurreição física e futura. O que vemos que Ele é depois de Sua ressurreição, Paulo insiste, nós seremos. Quando medito na ressurreição de Jesus Cristo, não meramente no terreno das idéias ou ideais religiosos mas no terreno do espaço, do tempo e da realidade, tenho a promessa, dada pela própria mão de Deus, de que eu também assim, serei levantado da morte. Este corpo é muitíssimo meu, na personalidade integral — no ser humano total — e ele não ficará para trás na salvação feita pela mediação de Cristo Jesus. Sua morte na cruz é de tal natureza que o homem completo será redimido. Num dia específico, o corpo do cristão será levantado da morte, e como o corpo ressurreto de Cristo, surgirá glorificado.

Todavia, há mais ainda. A realidade, a condição de espaço e tempo que caracteriza a ressurreição física de Jesus Cristo, significa alguma coisa para nós também hoje.

> "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? " (Paulo não está falando aí de algo que escapa à relação de tempo, está falando dos remidos nas circunstâncias presentes). "De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na Sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai,

assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com Ele na semelhança da Sua morte, certamente o seremos também na semelhança da Sua ressurreição; sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu justificado está do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos; sabedores que havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre: a morte já não tem domínio sobre ele . Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais às suas paixões" (Romanos 6.1-12).

Notemos cuidadosamente alguns pontos aqui.

Primeiro: Cristo morreu na história. Este é o ponto que vimos desenvolvendo. Ele morreu no tempo, no espaço, na história. Se você tivesse estado ali aquele dia, você poderia ter apalpado a áspera madeira da cruz de Jesus Cristo — poderia ter-se espetado com uma lasca da cruz.

Segundo: Cristo ressuscitou na história, ponto a que temos dado muita ênfase também. Cristo ressurgiu e foi glorificado na história.

lsto se opõe diametralmente à teologia liberal que fala do kérygma, que fazemos de Jesus o Cristo quando O pregamos. Nada poderia estar mais longe da verdade. É total negação do admirável ensino da Bíblia. Não tornamos Jesus o Cristo quando O pregamos. Jesus é o Cristo, quer O preguemos quer não. Os homens não podem conhecer a maravilha do Evangelho se não o pregamos. Mas, deixar de pregá-lo não muda a verdade da Pessoa nem a glória do Senhor Jesus Cristo. Neste presente dia Ele está redivivo, Ele está glorificado. Se ninguém pregasse a Jesus Cristo hoje, se ninguém pensasse uma vez sequer na palavra "Deus", isto não faria nenhuma diferença perante o fato de que Jesus é o Cristo. Ele ressuscitou na história e está glorificado agora. E esta palavra acerca de Sua ressurrei-

ção, de Sua glória atual, tem sentido em nosso presente, neste mundo espaço-temporal.

Terceiro: morremos em Cristo quando O aceitamos como Salvador. Se aceitamos a Cristo como Salvador, isto é agora um fato do passado na história. A salvação do cristão individual está alicerçada em dois pontos históricos do espaço e do tempo. O primeiro é a obra que Jesus consumou na cruz do Calvário; o segundo é o ponto do tempo quando, pela graça de Deus, o indivíduo aceitou a Jesus Cristo como Salvador. Eis aí dois pontos no espaço e no tempo em que pousa nossa salvação. E se eu aceitei a Jesus como meu Salvador, no passado, então Paulo pode falar a meu respeito: "Justificados (no passado), pois, mediante a fé, temos (no presente) paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". (Romanos 5.1). Esta é evidentemente a força da afirmação toda, patenteada pelos tempos verbais do texto grego.

Em Romanos 6.2 essa conexão é feita nos seguintes termos:

"De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? "

O verbo "morremos" está no aoristo, que é um dos tempos pretéritos da conjugação verbal grega. Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador, morremos com Cristo, aos olhos de Deus. "Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo" (Romanos 6.4). A referência é ao tempo em que aceitamos a Jesus como nosso Salvador. "Sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem" (Romanos 6.6a). Assim, temos aqui o terceiro ponto histórico. Cristo morreu na história; Cristo ressuscitou na história; nós morremos com Cristo quando O aceitamos como Salvador. Este é também um fato histórico. E algo que aconteceu (tempo pretérito) num determinado ponto da história.

O quarto ponto é que seremos ressuscitados por Ele como Ele o foi "pela glória do Pai". E isto se dará em certo ponto da história futura. O relógio continua trabalhando. E quando chegar a hora da ressurreição daquele que se confiou a Cristo, soará a majestosa trombeta, a palavra será dita e todos os cristãos sairão dos túmulos à ordem

de Jesus Cristo; o relógio da parede não parará; continuarão a girar seus ponteiros.

Enquanto escrevo estas palavras, o relógio está perto de dar as três. Suponhamos que Jesus venha antes das três e cinco. Neste caso, o relógio não parará. Às três e dez o relógio ainda estará marcando o transcorrer do tempo.

Esta é a figura bíblica. A ressurreição futura, com o corpo atual, e nossa transformação futura acontecerão num piscar de olhos: na história, no espaço e no tempo, na verdadeira história.

"Porque se fomos unidos com Ele na semelhança da Sua morte, certamente o seremos também na semelhança da Sua ressurreição" (Romanos 6.5).

Esta passagem refere-se à ressurreição de Cristo, mas "ressurreição" constitui o pensamento dominante. Em grego não aparece o pronome "sua"; a ênfase é dada à ressurreição. "Certamente o seremos (futuro) também na semelhança da ressurreição".

"Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos" (Romanos 6.8).

Este é o tempo futuro. Morremos com Cristo quando O aceitamos como Salvador na história. Ressuscitaremos fisicamente ou seremos transformados num piscar de olhos em certo momento da história.

Mas isto não é tudo. Há mais. Eis um quinto ponto: Essas grandes verdades devem ser trazidas para baixo, para a área da vida cristã atual, para a vida espiritual autêntica. Diz a Bíblia que na existência presente devemos, na prática, viver pela fé como se estivéssemos mortos agora. "Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos" (isto é um ato de fé) "mortos para o pecado" (Romanos 6.10,1 la.).

Como Jesus morreu na história, e de uma vez por todas morreu para o pecado, assim agora somos chamados, na fé, para considerar-nos mortos, na prática, nesta presente etapa da história; não em algum remoto mundo de idéias religiosas, mas na realidade, nesta hora concretamente assinalada pelo relógio. Pela fé devemos viver agora como se já estivéssemos mortos.

Mas, mesmo isto não é tudo. Se fosse, estariam incluídas apenas duas palavras: rejeitado e morto. Mas as palavras são: rejeitado, morto e ressuscitado. Ressuscitado, não no sentido de ressurreição física futura — embora esta seja real no futuro para todo cristão — mas como algo atual. Deste modo, o sexto ponto consiste em que devemos viver pela fé agora, na história presente, como se já tivéssemos ressuscitado da morte. Essa é a mensagem básica da vida cristã. Essa é a consideração básica que estamos discutindo. "Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Romanos 6.4).

Paulo não fala aqui do milênio futuro ou da eternidade; trata de algo completamente diverso. É agora mesmo. "Assim também andemos nós em novidade de vida". — "Sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Romanos 6.6). Como? Pela fé:

> "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus" (Romanos 6. 11).

Quando? Agora mesmo! Esta é a consideração fundamental da vida cristã. Primeiro: Cristo morreu na história. Segundo: Cristo ressuscitou na história. Terceiro: morremos com Cristo na história, quando O aceitamos como nosso Salvador. Quarto: ressuscitaremos na história, quando Ele vier de novo. Quinto: devemos viver pela fé agora como se estivéssemos mortos, como se já tivéssemos morrido. E sexto: devemos viver agora pela fé como se já tivéssemos ressuscitado dos mortos.

Bem, que é que isto significa na prática, de sorte que não sejam apenas palavras circulando sobre nossas cabeças? Primeiro de tudo, certamente significa isto: que em nossos pensamentos e em nossas vidas, devemos viver agora como se já tivéssemos morrido, ido ao céu e retornado ressurretos.

Lembre-se de que ao menos uma pessoa esteve lá e voltou. Paulo fala a respeito em 2 Coríntios 12.2-4. Acho que

foi Paulo mesmo. Se foi ele ou outro, o certo é que houve tal pessoa. "Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe".

Paulo diz aí que um homem foi ao céu — arrebatado até ao terceiro céu. Terceiro céu expressa a presença de Deus. Não significa necessariamente distância, mas, a presença de Deus. O ponto a ressaltar é que esse homem foi arrebatado para o céu e depois retornou de lá.

Pode-se imaginar esse homem ao regressar ele do céu? Ele o tinha visto como verdade não só proposicional, mas como verdade nua e crua. Estivera ali, contemplara o céu e depois voltara. Será que alguma coisa haveria que pudesse parecer-lhe a mesma, depois disso? É como se ele tivesse morrido. É como se ele tivesse ressuscitado dos mortos. Exatamente como o Monte da Transfiguração dá-nos uma perspectiva diferente quando nós estamos na perspectiva do Reino de Deus, quão diferente há de ter sido a perspectiva desse homem durante o restante de sua vida. A constante pressão exercida sobre nós para que nos amoldemos ao mundo que nos cerca, a pressão social e todas as demais formas de pressão em nossos dias — seguramente isso tudo ter-se-ia rompido. Como podia ele conformar-se com isto, que é tão desfigurado, tão estragado, tão envolvido em revolução contra Deus, tão aborrecível? Como podia ele fazê-lo, comparando-o com o que tinha visto? Que valor poderia ter-lhe o louvor do mundo, uma vez que estivera na presença de Deus? Quanto às riquezas do mundo, que pareceriam ao lado dos tesouros do céu? O homem anela por poder. Mas, que é o poder terreno para quem viu a realidade do céu e o poder de Deus? Todas as coisas pareceriam diferentes. Certamente tudo isto está envolvido na afirmação de que devemos viver pela fé agora, como se já tivéssemos morrido e como se já tivéssemos ressuscitado dos mortos.

Mas, Romanos 6 não deixa a coisa por aqui, como se estivéssemos simplesmente projetando a imaginação. Ali há mais que isso. "Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus" (Romanos 6.10). Jesus Cristo vive de fa-

to na presença do Pai. Aí é onde somos chamados a viver. Temos que estar mortos nesta presente vida! Mortos para bem e para mal, a fim de estarmos vivos para a presença de Deus. Sim, mesmo para bem. Temos de estar mortos — não inconscientes, não encerrados em alguma treva — mas vivos para Deus, em comunhão com Ele, em comunicação com Ele. Somos chamados à fé para que, na presente existência, vivamos como estando mortos para todas as coisas, de sorte que estejamos vivos para Deus.

lsto é o que agora significa, como anteriormente escrevi, amar a Deus a ponto de ter contentamento; amá-lo neste mundo o bastante para dizer: "Obrigado, Senhor" em todos os fluxos e refluxos da vida. Se eu estou morto para bem e para mal, tenho meu rosto voltado para Deus. E esta é a posição em que, no atual momento da história, devo estar pela fé. Se a ocupo, que sou? Sou uma criatura na presença do Criador, reconhecendo-O como o meu Criador e a mim como criatura apenas; nada mais. É como se eu já estivesse no túmulo, e já diante da face de Deus.

É, porém, necessário fazer soar uma nota mais. E preciso que não paremos aqui! Quando, pela fé, estou morto para tudo e me acho na presença de Deus, estou então pronto, pela fé, para retornar a este mundo, como se já tivesse ressuscitado dos mortos. É como se eu antecipasse aquele dia em que eu retornarei. Estarei incluído, como o estarão todos os que tenham aceitado a Jesus como Salvador, no número daqueles que, ao se abrirem os céus, virão de volta, seguindo a Jesus Cristo com os corpos ressurretos e glorificados. Assim, agora estou pronto para retornar como se voltando do túmulo, como se já tivesse ocorrido a ressurreição, pronto para marchar de volta para o presente mundo, mundo histórico, de tempo e espaço.

"Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado", (foi neste ponto que parei antes, mas o versículo não termina aqui) "mas vivos para Deus em Cristo Jesus" (Romanos 6.11).

"Nem ofereçais" (aqui entra a fé) "cada um os membros do seu corpo" (isto é, no mundo atual) "ao pecado como instrumentos" (armas, aparelhos, ferramen-

tas) "de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurretos" (agora mesmo) "dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça" (Romanos 6.13).

Desta maneira, com base nisso tudo, qual é a vocação cristã? É vocação para, momento a momento, estarmos mortos para todas as coisas, para podermos estar vivos para Deus a todo momento.

Notemos, contudo, que isto não é simples passividade. Muitas vezes — parece-me — há cristãos que se equivocam totalmente neste ponto, relacionando esta questão com alguma espécie de passividade. Mas isso não passa de misticismo antibíblico, não muito superior ao conceito estóico e pagão de Marco Aurélio. É mera resignação, bem expressa pela palavra francesa accepter. É como a fera do campo que não pode mudar. Isso não condiz com o ensino da Escritura. Sou ainda um ser humano, feito à imagem de Deus. "Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo", ordena Paulo (Romanos 6.13). Oferecer. Não indica estado de passividade. Você não pode produzir os frutos, como veremos adiante; todavia, você não é uma figura de pedra. Deus o trata dentro do círculo em que o fez: como homem feito à Sua imagem.

"Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência", (sendo que vós mesmos vos ofereceis) "desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina" (inclui-se aqui certo conteúdo, não mera experiência existencial) "a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação" (Romanos 6.16-19).

Procure sentir a força da "atividade" no meio da passividade. "Vos ofereceis": todo homem é necessariamente

uma criatura. Não pode ser mais que criatura, nesta vida ou na vida por vir. Mesmo no inferno, os homens continuarão sendo criaturas, porque isso é o que somos. Somente um Ser é auto-suficiente: Deus. Entretanto, agora, como cristãos, somos introduzidos na grandiosa realidade: Nossa vocação é para sermos criaturas deste modo elevado, tremendo e glorioso, não por imposição mas por escolha.

Marco Aurélio, o pagão, conhecia apenas a resignação. lsto equivale a reconhecer o homem que é criatura porque ele não tem outro jeito. Carl Gustav Jung conhecia um dar-se, uma simples submissão às coisas que rolam sobre nós, provenientes do inconsciente coletivo de nossa espécie, ou de algo que nos é exterior. Mas isto não passa de resignação, ao passo que o ensino bíblico não é de mera resignação. Sou uma criatura, é certo, mas fui vocacionado para ser uma criaturaglorificada. Sou necessariamente uma criatura, mas não tenho que ser obrigatoriamente uma criatura no sentido em que o é o torrão no solo, ou a couve que a geada queima na horta. Sou chamado para ser uma criatura por escolha, alicerçado na obra consumada por Cristo, pela fé: criatura glorificada.

Agora estou pronto para a guerra. Agora pode haver espiritualidade do tipo bíblico. Agora pode haver vida cristã. Rejeitado, morto, ressurreto: agora estamos preparados para sermos usados. Mas não só para sermos usados neste presente mundo de espaço e tempo, mas também preparados para desfrutá-lo como criatura que é: prontos para desfrutá-lo à luz de sua condição de criatura de Deus, e à luz de nossa finidade; prontos para desfrutá-lo, vendo-o, contudo, como ele é desde a queda. A justificação é uma vez por todas. Em dado momento é declarado que minha culpa foi-se para sempre. Mas o de que estamos falando não é de uma vez para sempre. É algo que sucede momento a momento — é um estar mortos para tudo mais e vivos para Deus, cada momento; é um retornar, momento a momento, ao presente mundo, pela fé, como se tivéssemos ressuscitado dos mortos. Eis aqui o genuíno fator positivo depois do elemento negativo apropriado.

4

No Poder do Espírito

Neste capítulo voltamos de novo nossa atenção para o Monte da Transfiguração, e pensamos não só na ressurreição de Cristo mas também na do cristão. Naturalmente, os teólogos liberais nos diriam que a noção de uma ressurreição física é uma idéia mais recente, mas não creio que essa posição subsista. A ressurreição física aparece muito cedo na revelação divina da esperança para os homens.

> "Assim o homem se deita, e não se levanta: enquanto" (há uma nota indicativa de limite do tempo de espera: enquanto) "existirem os céus não acordará, nem será despertado do seu sono. Oxalá me encobrisses no Sheol",(1) (e aqui é definidamente Sheol) "e me ocultasses até" (temos de novo aqui uma interessante palavra que indica limite no tempo: até) "que a tua ira se fosse, e me pusesses um prazo e depois te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha milícia esperaria", (e aí vem outra vez aquela palavra interessante) "até que eu fosse substituído". (Jó 14.12-14). A ênfase aqui recai em até: até que eu seja liberado.

Parece-me que o conteúdo de Jó 14 tem valor absoluto: que Jó, por volta do ano 2000 a.C., ou antes, compreendeu a realidade da ressurreição física. Creio que o capítulo 19 ensina a mesma verdade mas, no hebraico, o ensino ali não está tão claro como no capítulo 14.

Em Hebreus 11.17-19, o autor inspirado afirma-nos que Abraão (no ano 2000 a.C.) compreendeu a verdade da ressurreição:

"Pela fé Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isa-

que; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos..."

Assim Abraão, que pertenceu à mesma época geral em que viveu Jó, compreendeu o fato da ressurreição. Portanto, não é surpreendente achá-lo no livro de Já. Não há, pois, razão para pensar — como nos querem fazer crer os liberais — que toda vez que encontramos alguma ênfase à ressurreição, devemos colocá-la num período mais recente da história bíblica.

Em Daniel, cujo Livro certamente não é tão antigo como a época de Já e Abraão, há também ênfase posta na ressurreição física: não de Cristo, mas do homem.

"Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno" (Daniel 12.2). Há aí ênfase à ressurreição tanto dos que se perdem como dos salvos.

"Os que forem sábios, pois, resplandecerão, como o fulgor do firmamento, e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas sempre e eternamente" (12.3).

Decerto que as duas verdades contidas nesses versículos estão relacionadas. Mas o mais emocionante, eu acho, é o versículo 13, onde Daniel ouve de Deus:

"Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás, e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança".

O que aprendemos aqui é que, no fim dos dias, **o próprio Daniel** participará dos acontecimentos que ele viu na profecia. Assim, a ressurreição física do crente é ensinada com clareza na Escritura, em períodos antigos da história bíblica.

Quando chegamos a 1 Coríntios 15, no Novo Testamento, é inconstestável que este é precisamente o ensino de Paulo. Ele faz tudo depender disto:

"Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há

ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que Ele ressuscitou a Cristo, ao qual Ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam" (15.12-15).

O argumento é bem simples. Se o cristão morto não ressuscita, então Cristo não ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, tudo cai por terra:

"E, se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que Ele ressuscitou a Cristo, ao qual Ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo, pereceram. Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na Sua vinda. E então virá o fim, quando Ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que Ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos Seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte" (15.13-26).

Agora, quando volvemos ao Monte da Transfiguração, parece que temos ali uma clara antevisão disto. Não quero ser dogmático, mas a mim me parece que aí temos representado, ou pelo menos ilustrado— dependendo de quão fortemente é a impressão causada a nossos sentidos — aquilo que acontecerá no Dia da Ressurreição. Temos ali

Moisés, que representa os mortos do Velho Testamento; e temos os apóstolos, que representam os mortos do Novo Testamento. Mas temos também Elias que, como é sabido, é um dos dois homens do Velho Testamento mencionados como havendo sido transladados. E as epístolas paulinas deixam claro que, por ocasião da vinda de Jesus Cristo, para levar Seu povo, haverá aqueles que serão transladados:

> "Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão " (1 Coríntios 15.51-58).

Assim é que temos aqui transladação bem como ressurreição. Esta é uma situação histórica; não é na terra do nunca jamais da mera psicologia religiosa ou da filosofia religiosa. Em dado momento — e haverá crentes na face da terra até o momento derradeiro — Cristo virá e os mortos ressuscitarão. Mas os cristãos que nessa data estiverem vivendo serão transformados num abrir e fechar de olhos: no espaço e no tempo. É interessante notar que o versículo 58 coloca a ressurreição e a seguir a transladação juntas em relação a nossa vida presente, apelando para uma resposta na presente situação. Com base nestas coisas, sede na presente vida firmes, inabaláveis etc.

Na Primeira Epístola aos Tessalonicenses vemos exatamente a mesma coisa, a mesma nota sobre transladação e ressurreição:

"Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em Sua companhia os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós", (os cristãos desse tempo) "os vivos" (naquele momento histórico) "os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor". A seguir, é deveras interessante que Paulo faz disto um motivo para apelo com vistas ao aqui e agora: "Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras" (1 Tessalonicenses 4.13-18).

Contudo, essa verdade leva-nos a outra questão: Excelente coisa é que eu vá ressuscitar dos mortos, mas que acontece entre a morte do cristão e sua ressurreição? Estarei fora de contato com a história? Estarei fora de contato com a linha de continuidade? O cristão, entre sua morte e sua ressurreição, não vai estar em parte alguma? Sumirá no vazio?

A resposta é "Não", e a Escritura é bem clara. Em Lucas 23.43, por exemplo, que retrata Jesus falando ao ladrão moribundo na cruz, o Senhor lhe promete que "hoje" — aquele dia, naquela fase de seqüência, antes do ocaso (porque este é o fim do dia para os judeus), antes de terminar o arrebol vespertino — "estarás comigo no paraíso". Ao invés de não estar em nenhum lugar, ou de estar em um "outro" filosófico, está com Cristo no paraíso.

Paulo diz o mesmo, ao que me parece, com alto grau de finalidade, em 2 Coríntios 5.4-8:

"Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo" (isto é, os que estamos no corpo, os que estamos vivos) "gememos angustiados, não por querermos ser

despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito. Temos, portanto, sempre bom animo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; visto que andamos por fé, e não pelo que vemos. Entretanto estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar corn o Senhor".

A Bíblia só apresenta dois estados para o cristão: estar aqui, na carne; ou, havendo morrido, estar com o Senhor. É exatamente igual ao ocorrido com Jesus na cruz. O cristão não é descrito, ao tempo da morte, como estando fora de contato com a seqüência, como não estando em parte nenhuma, do mesmo modo como Jesus não perdeu contato com a seqüência nem está ausente da realidade entre Sua ressurreição e Sua segunda vinda.

Com relação a este ponto, numerosos mortos povoam nosso pensamento. Esta não é bem uma questão teológica; é prática. Pensamos nas multidões de crentes do Velho Testamento falecidos e nas multidões de crentes do período neotestamentário, também mortos. Pensamos em nossos entes queridos envolvidos nisto. Onde estão? E temos de pensar em nós mesmos também. Pode ser que morramos antes do retorno de Jesus Cristo, embora cada um de nós deva alimentar a esperança de que estará aqui quando Jesus vier. E se morrermos, onde estaremos uma hora depois da nossa morte e até à vinda de Jesus?

No conceito do mundo, é claro, o além não é nada, ou consiste em estar numa área cercada de mistério: lugar de lençóis e sombras informes, algo que passa por baixo da porta e pelo buraco da fechadura como névoa cinzenta. O neoliberalismo teológico ou nega a vida além ou lhe atribui qualidade tão indefinida que não tem sentido para nós. Mas isto não condiz corn a Bíblia. No alto do Monte da Transfiguração vemos que Elias, que fora transladado, não obstante possui corpo. Não há motivo para pensar que é doutra maneira. Mantém conversação com Moisés e com Cristo. Mas, aí está Moisés também — Moisés, que morrera e fora sepultado. Apesar disso, ele pode partilhar da conversação e pode ser visto. Pode ser reconhecido. E

pode haver comunicação entre ele e outros.

Mais contundente é a palavra de Jesus depois de haver ressurgido dos mortos. Quando Jesus ressuscitou dos mortos, os discípulos pensaram que era um espírito. Eles não eram naturalistas; eram sobrenaturalistas. Na verdade, não ficariam muito surpresos ao ver um espírito. Aquilo para o que não estavam preparados era a ressurreição física. Por isso Jesus diz-lhes severamente — deveras, com amor mas severamente: "Um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho" (Lucas 24.39). Depois, em contraste, vem esta afirmação: "Tendes aqui alguma cousa que comer? " (24.41). Esta expressão significa: Dai-me algo que comer e vos mostrarei que não sou um espírito. Não significa: Como podeis ser tão lerdos de entendimento que pensais que Me podíeis ver, se Eu fosse um espírito? Como podeis ser tão obtusos que pensais que podíeis conversar comigo , se Eu fosse um espírito? Ele não diz isso. Ele imediatamente abriu a porta para o fato de que não devia ser considerado como surpreendente que eles pudessem vê-Lo. Não havia nenhuma ignorância neles em pensarem que poderiam conversar com Ele se Ele fosse apenas um espírito. A prova não estava em vê-lo, nem em conversar com Ele. A prova concernente à ressurreição física consistia em comer algum alimento diante deles.

Assim Moines, que havia morrido, esteve no monte. E nos defrontamos com uma contínua corrente de indivíduos conscientes e redimidos que morreram. Não temos por que pensar que eram tudo, menos reconhecíveis. Não temos motivo para imaginar que eles são espíritos solitários, impossibilitados de comunicar-se com Cristo e uns com os outros. A mensagem ao cristão, quando ele olha para diante, para a morte que lhe pode sobrevir, não é que tenha medo, mas que se dê conta de que, na hora da morte, se ele aceitou a Cristo como Salvador, pode entrar naquele momento — naquele "hoje", qualquer que seja o hoje para cada um de nós, no paraíso, para estar na companhia de seu Senhor e Redentor. Não precisamos ter medo de morrer. Sem dúvida, a verdade central dada é que os cristãos que morreram estão com Cristo. Não há razão para pensar que ficam fora de comunicação com Cristo lo-

go que morrem. Estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor: não apenas em estado consciente, mas com o Senhor.

Agora, contudo, quero salientar algo mais, com o propósito de dar força adicional à verdade exposta. Do ponto de vista bíblico, ela não consiste apenas em algum tipo de esperança psicológica. Os mortos realmente existem com Cristo, em estado verdadeiro e consciente. Existem. lsto faz parte do universo total. Faz tanto parte do universo total como você que está sentado a ler estas palavras. Não num "outro" filosófico, repito, mas na realidade, eles realmente estão ali. A questão de tempo é importante. O ladrão convertido não estava ali enquanto não chegou ali.

A continuidade é significativa. E significativa para o ladrão na cruz, pois o tempo se move rumo àquele alegre instante em que o relógio baterá e ele voltará na companhia de Jesus Cristo. O tempo move-se. Para aquele ladrão, embora já não tenha o corpo, há seqüência.

Todavia, o ponto que desejo firmar neste estágio de nosso estudo sobre a vida espiritual autêntica é o fato de que há duas linhas iguais da realidade que se nos apresenta no universo. Estamos no mundo visível e também há cristãos falecidos que estão atualmente com Cristo. Não se trata de noção primitiva, uma espécie de conceito do universo como constando de três andares. É a idéia bíblica da verdade: há duas correntes, duas margens na realidade de espaço e tempo — uma no que se vê; outra no que se não vê.

Com essas duas linhas em mente, as duas linhas iguais da realidade, retorno à conclusão do capítulo anterior. Quando Deus nos fala que vivamos como se tivéssemos morrido, ido ao Céu, visto a realidade dali, e tivéssemos voltado a este mundo, não nos está pedindo que ajamos com base em alguma motivação de cunho psicológico, mas naquilo que realmente é. Essa é a segunda linha, o segundo fio da realidade, a do que não se vê e da qual compartiremos pessoalmente, entre a hora da morte e nosso retorno ao mundo visível, com corpos ressuscitados, por ocasião da segunda vinda. Assim, devo viver agora pela fé, arraigado nas coisas que eram, tais como a morte e ressur-

reição de Cristo; que são, como a segunda corrente da realidade naquilo que agora não se vê; e que serão, como a minha futura ressurreição corporal e o meu retorno com Cristo. lsto não é simples passividade, como já vimos. Deus me trata na esfera em que me criou; isto é, à Sua imagem — como homem, não como pau ou pedra. Há formas não bíblicas de "espiritualidade" que põem sua ênfase quase inteiramente em alguma espécie de "resignação". A Bíblia rejeita isto. Você não é qual fera do campo. Não é bem o caso de simples aceitação; tem que haver certa **atividade** em nossa passividade. Temos que ser criaturas porque isto é o que somos — criaturas. Mas em Cristo é-nos dada uma oportunidade, um chamamento, para que sejamos criaturas **por escolha,** criaturas glorificadas. Mediante certa passividade ativa, somos criaturas não por necessidade, mas por decisão, aqui, neste mundo histórico, de tempo e espaço. Cada vez que abordo este ponto — não importa quantas vezes o tenha apregoado ou ensinado fico tão empolgado que — minha respiração pára.

Entretanto, para propósitos práticos, é preciso que eu pergunte: **Como** é possível viver assim? Qual a resposta ao "como"? Como vamos viver deste modo, se é que devemos considerar isto não apenas como uma espécie de experiência "religiosa" abstrata, uma combinação de disposição e momento, uma experiência existencial sem sentido, sem conteúdo e vaga? Se não devo considerá-lo assim, tenho que enfrentar a questão do "como". Por onde começarei? Começarei a sovar-me para vê-lo realizado? Começarei a procurar algum tipo de êxtase ou de experiência exótica? A resposta a isso tudo é "Não". Felizmente isto não nos é dado apenas como alguma classe de idéia religiosa peculiar ao século vinte. É algo intensamente prático.

> "Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo" (você por certo reconhece esta passagem como uma das que já temos estudado) "gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito" (2 Coríntios 5.4,5).

Em outras palavras, Deus traça e junta dois fatores da realidade aqui: O fator relacionado com o fato de que estaremos com Cristo quando morrermos, e o fator relativo a que, no presente, com igual certeza — se aceitamos a Cristo como Salvador — habita em nós Espírito. É notável que Deus junte esses fatores. Ele não espera que os consideremos separadamente. Quando eu morrer, é certo que estarei com o Senhor. Os cristãos já falecidos, incluindo os meus entes queridos, estão com Ele agora. Mas, ao mesmo tempo, no presente momento, tenho o Espírito Santo.

E a mesma coisa é apresentada, assim me parece, em Hebreus 12.22-24, onde os conceitos são reunidos:

> "Mas tendes chegado ao monte Sião" (Quem chegou? Os que aceitaram a Cristo como Salvador e ainda vivem neste mundo) "e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogénitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus...".

É-nos dito aí que agora estamos unidos a esse povo, e isto naturalmente nos leva à doutrina da união mística da lgreja (dos que vivem atualmente e dos que já morreram); mas não estou aqui pensando nisto em termos de "doutrina". Penso na realidade envolvida: que Deus nos liga no presente à realidade daqueles que já estão nessa outra situação. Eles estão ali, vêem Cristo face a face, havendo eles morrido; e nós temos o penhor do Espírito Santo.

Com isto em mente, pensemos em Gálatas 2.19,20, texto que temos observado várias vezes já, neste estudo:

> Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne", (isto é, antes de minha morte) "vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim".

Esta passagem reparte-se em três porções diferentes: "Estou crucificado com Cristo" (uma divisão); "logo, já não sou eu quem vive" (outra divisão); "mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na came, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entre-

gou por mim".

O que se diz aqui é que, se de fato eu aceitei a Cristo como•meu Salvador, Cristo vive realmente em mim. Em outras palavras, é como Jesus disse ao ladrão na cruz: "Hoje estarás comigo no paraíso". Cristo pode dizer: "Hoje estarás comigo no paraíso" e pretender isto mesmo. Morrer é estar com o Senhor. Não é apenas uma idéia; é uma realidade. Mas ao mesmo tempo Cristo, o mesmo Cristo, promete com a mesma firmeza que, havendo-O eu aceitado como meu Salvador, Ele vive em mim. Constituem ambas igual realidade. São duas correntes da realidade atual, ambas igualmente prometidas. O cristão já falecido está com Cristo agora, e Cristo vive realmente no cristão. Cristo vive em mim. O Cristo que foi crucificado, o Cristo cuja obra foi consumada, o Cristo agora glorificado, prometeu (João 15) frutificar no cristão, como a seiva na vide faz surgir o fruto no ramo.

Aí está o genuíno misticismo cristão. O misticismo cristão não tem nada que ver com o misticismo não cristão, mas insisto em dizer que não é um misticismo inferior. Na verdade, pode até ser misticismo mais profundo, mais intenso, pois não se baseia meramente em experién cia sem conteúdo, mas na realidade histórica, de espaço e tempo— na verdade proposicional. Não se pede a ninguém que negue a razão, o intelecto, no verdadeiro misticismo cristão. E não é para haver perda da personalidade, perda do homem individual. No misticismo oriental — estultamente procurado hoje pelo Ocidente que perdeu o senso de história, de conteúdo, e a verdade dos fatos bíblicos — há sempre uma perda da personalidade, afinal. E, em sua estrutura, não pode ser doutro modo. Você poderá lembrar a estória de Shiva, uma das manifestações do Tudo. Veio e amou uma mulher mortal. No seu amor, Shiva abraçou-a, e ela desapareceu imediatamente. Ao mesmo tempo ele ficou assexuado. Isto é misticismo oriental. Baseia-se na perda da personalidade do indivíduo. Não é assim o misticismo cristão. O misticismo cristão é comunhão com Cristo. E Cristo produzindo fruto por meu intermédio, sendo eu cristão, sem que eu perca minha personalidade e sem que eu seja usado como simples pedaço de pau ou

pedra.

Em muitas passagens da Bíblia a relação dos cristãos com Jesus Cristo é descrita em termos de esposa e esposo. Quem é este "esposo" da igreja? É Cristo, que morreu, consumou Sua obra, ressuscitou, subiu ao Céu, e foi glorificado. É este Cristo. Não é apenas uma idéia. É o Cristo que foi visto depois de Sua ressurreição, o Cristo que foi visto por Estevão, por Paulo, por João. A igreja cristã — a igreja dos cristãos — é a esposa; Cristo é o esposo.

"Assim vós também considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus" (Romanos 6.11).

Nesta seção bíblica que trata da santificação, começando com Romanos 5, estas palavras "com Cristo", "em Cristo", "por meio de Cristo" vão de começo a fim, como um colar em que as pérolas são passadas pelo fio uma a uma.

"Justificados, pois", (no passado) "mediante a fé, temos paz com Deus", (no presente) **"por meio** de nosso Senhor Jesus Cristo" (Romanos 5.1).

"Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus **por** (2) Jesus Cristo nosso Senhor" (Romanos 7.24,25).

"Em todas estas cousas, porém, somos mais que vencedores, **por meio daquele** que nos amou" (Romanos 8. 37).

Cristo está atualmente no paraíso com aqueles que já partiram para lá. Mas Cristo — o mesmo Cristo com a mesma realidade — prometeu aos cristãos que continuaria a produzir frutos por meio deles nesta existência. O poder do Cristo crucificado, ressurreto e glorificado produzirá este fruto por meio de nós durante o nosso viver terreno.

Agora, ao chegarmos ao fim de nosso estudo das considerações básicas da vida cristã e da verdadeira espiritualidade, e antes de prosseguir com outras ponderações mais, concluamos tendo em mente três pontos:

Primeiro: as respostas ao **como:** não é para ser realizado com nossas forças apenas. Nem é agir somente, na prática, sobre a realidade de que à vista de Deus, posto que esta-

.., Cristo, judicialmente já estamos mortos e ressuscitados, por belo que seja isto. Essa verdade nunca deve ser menosprezada. É algo real que deve ser compreendido. Judicialmente é um fato, porquanto Cristo morreu e Cristo pagou o preço. Não estamos tentando realizar algo que não constitua uma realidade. Mas a vida cristã não se reduz a agir com base nesse fato, embora seja — como é — tão maravilhoso e deva encher-nos do espírito de adoração. É muito mais. O como responde- se assim: Que o Cristo glorificado o fará através de nós. Há um ingrediente ativo: Ele é que o fará.

Segundo: há a ação do Espírito Santo (verdade que ampliaremos mais adiante). "Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Romanos 5.5).

O que Paulo diz aí é que a experiência não o deixará envergonhado, quando você começar a agir fundamentado na realidade, no ensino, nos termos em que o ensino foi apresentado. Por que? "Porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos. foi outorgado". "Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra" (Romanos 7.6).

Que é que faz a diferença? E o Espírito Santo, o referido aqui; nada de alguma "nova idéia". Não se faz por nossas próprias forças. O Santo Espírito é que nos foi dado para tornar possível este "serviço".

Tomando-se os capítulos 1 a 8 de Romanos, no final da porção que trata do desenvolvimento da santificação do cristão, a obra do Espírito Santo, o Agente da Trindade Santa, é apresentada com pleno vigor no capítulo 8.

Em Romanos 8.13 isto ocorre reunindo neste grandioso capítulo central sobre a obra do Espírito Santo os fatos de que essa obra é realizada pelo cristão e para o cristão. "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis". O Espírito Santo é-nos especificamente apresentado aqui como o Agente do poder

e da pessoa do Cristo glorificado. Não há força bastante em nós, mas eis diante de nós o poder e a obra do Cristo glorificado mediante a ação do Espírito Santo. Certamente isto é exatamente o que Cristo quis dizer quando prometeu: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (João 14.18).

Embora não o possamos desenvolver extensamente aqui, 2 Coríntios 13.13, comumente usado como bênção, toca a mesma tecla: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus (o Pai), e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós". A comunhão ou comunicação do Espírito Santo fala do Espírito Santo como o Agente da Trindade Santa, pelo que Cristo pôde prometer-nos, segundo João 14, não só que Ele, o Filho, não nos deixaria órfãos, mas que Ele e o Pai viriam a nós. Por certo, quando volvemos os olhos para o livro de Atos, encontramos na lgreja Primitiva não um grupo de homens fortes trabalhando juntos, mas, sim, a obra do Espírito Santo transmitindo-lhes o poder do Cristo crucificado e glorificado. O mesmo se dá conosco.

Terceiro: não somos simplesmente passivos nisto. Como já vimos, sua base não consta de nossas obras nem de nossa energia, como tampouco nossa justificação se baseia em nossas obras e energia. Mas outra vez, como no caso da justificação, eu não sou um passivo pedaço de pau ou de pedra.

A ilustração que faz com que esta verdade cause forte impacto em mim é a resposta de Maria ao anjo (Lucas 1. 38). 0 anjo aparecera a Maria e lhe dissera: Maria, você vai ter um menino, e é o Messias de há muito prometido. Esta foi uma promessa única, irrepetível. Há algo absolutamente singular aí: O nascimento da Segunda Pessoa da Trindade eterna, neste mundo. Como respondeu ela? O mensageiro do Alto anunciou-lhe que ela conceberia pela intervenção do Espírito Santo. Parece-me que ela podia dar três respostas. Era uma jovem judia de talvez 17 ou 18 anos. Era noiva de José. Não há razão para supor que José fosse idoso, como gostam de pintá-lo os artistas do pincel — nenhuma razão. Os pintores o retratam velho por causa da mentalidade católica romana — sua idéia de

que José e Maria não tiveram filhos que fossem de ambos, depois do nascimento de Jesus.

Eis aí uma jovem de 17 ou 18 anos, noiva de José, numa situação histórica normal e com emoções normais. E de repente se lhe diz que vai ter uma criança. Ela podia ter rejeitado a idéia e dizer: "Não quero saber disto; eu me retiro; eu fujo. Que é que diria José? " Bem sabemos o que José pensou mais tarde. Humanamente não poderíamos recriminá-la, caso esse fosse seu sentir. Mas não foi isso que disse.

Segundo — e este é um perigo para nós, com relação à etapa da vida cristã que estamos estudando — ela podia ter dito: "Recebi as promessas; portanto, empregarei minhas forças, meu caráter e minha energia para a produção do prometido. Recebi a promessa. Agora, eu vou dar a luz uma criança, sem o concurso do elemento masculino". Mas com esta resposta ela nunca teria tido aquele filho. Como qualquer outra moça, ela não poderia dar à luz criança alguma, por sua própria vontade e independente da participação de algum homem.

Há, porém, uma terceira coisa que ela podia ter dito. E é bonita; maravilhosa. E foi o que disse: "Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra".

Há aqui uma passividade ativa. Ela, por decisão pessoal, tomou seu corpo e o colocou à disposição de Deus para que Ele fizesse o que disse que ia fazer. E nasceu Jesus. Ela deu-se, com seu corpo, a Deus. Em resposta à promessa, sim; mas não para efetuá-lo ela própria. Esta é uma bela e emocionante expressão pessoal de uma forma de relação entre uma pessoa finita e o Deus que ela ama. Pois bem, essa experiência foi única. É preciso não confundir as coisas. Há somente um nascimento virginal. Não obstante, ilustra o fato de que, como partes da lgreja, nós somos a esposa de Cristo. A situação é semelhante no sentido de que recebemos as grandes e emocionantes promessas que vimos considerando. E não devemos pensar que somos totalmente passivos, como se não desempenhássemos parte alguma nisso, como se Deus parasse de tratar-nos como seres humanos; nem devemos pensar que nós mesmos o

podemos realizar. Se é que havemos de frutificar na vida cristã, ou melhor, se Cristo vai produzir fruto através de 'nós pela ação do Espírito Santo, é precisa haver um firme ato de fé e pensamento: Sobre a base de tuas promessas, eu Te busco, ó meu Jesus, para cumpri-las; faze que, por meu intermédio, surjam frutos neste pobre mundo.

lsto é o que quero dizer por passividade ativa, o que, espero, já não é uma palavra morta. É uma beleza! Onde ela se realiza, há som de trombetas, e o clangor de címbalos; há salmos executados com instrumentos de cordas. Não somos apanhados irrevogavelmente. Não temos de golpear-nos, nem de ficar deprimidos. "Que se cumpra em mim conforme a Tua palavra".

Assim é que ficamos diante de duas correntes da realidade: os que morreram e estão agora com Cristo; e nós, que temos o "penhor" do Espírito Santo agora, e assim, com fundamento na obra consumada por Cristo, temos acesso — não em teoria, mas de fato — ao poder do Cristo crucificado, ressuscitado e glorificado, pela ação do Espírito Santo.

A vida espiritual autêntica não é realizada graças à nossa própria energia. O "como" da espécie de vida da qual falamos, a verdadeira vida cristã, a espiritualidade genuína, está em Romanos 6.11: "Assim também vós considerai-vos" (há implícito o elemento fé, e vem então o aspecto negativo): "mortos para o pecado", (mas em seguida vem o fator positivo): "mas vivos para Deus em Cristo Jesus" Este é o "como", e não há outro. É o poder do Cristo crucificado, ressurreto e glorificado, mediante a ação do Espírito Santo, pela fé.

5

O Universo Sobrenatural

Nossa geração é preponderantemente naturalista. Há quase completa rendição ao conceito de uniformidade das causas naturais num sistema fechado. Esta é sua marca distintiva. Se não formos cautelosos, ainda quando dizemos que somos cristãos sobrenaturalistas bíblicos, o naturalismo de nossa geração tende a cair sobre nós. Pode infiltrar-se em nosso pensamento sem que nos damos conta do que se está passando, qual nevoeiro a insinuar-se por uma fresta pequena de uma janela parcialmente aberta. Tão logo sucede isto, os cristãos começam a perder a noção da realidade de sua vida cristã. Como estou acostumado a viajar e falar em muitos países, ando impressionado com o niímero de vezes em que cristãos me procuram para dizer-me que sua vida cristã deixou de ter significação real. Uma das maiores, talvez a maior razão para a perda da realidade é certamente esta: que enquanto afirmamos que cremos numa coisa, permitimos que o espírito do naturalismo de nossa época invada nosso pensamento, e isto sem que o percebamos. Com muitíssima freqüência perdemos a realidade porque o "teto" está demasiado baixo, demasiado perto de nossas cabeças. É baixo demais. E o "teto" que nos pressiona, ao descer sobre nós, é o pensamento tipo naturalista.

Bem, a espiritualidade do cristão, conforme nossa descrição nos capítulos anteriores, não fica sozinha. Está relacionada com a perspectiva bíblica do universo. Significa que devemos entender — intelectualmente, com as janelas bem abertas — que o universo não é o que nossa geração diz que é, vendo-o como universo naturalista apenas. lsto

se relaciona diretamente com aquilo que tratamos nos capítulos anteriores. Dissemos, por exemplo, que devemos amar a Deus o suficiente para dizer "Obrigado", mesmo por coisas difíceis. É preciso entender imediatamente, enquanto dizemos isto, que isso não tem sentido algum a menos que estejamos vivendo num universo pessoal em que há um Deus pessoa que existe objetivamente.

Depois tocamos a mesma tecla quando fizemos ver que na perspectiva normal é muito difícil dizer "não" a coisas e ao ego, na esfera da mentalidade coisificada e egocêntrica dos homens, particularmente no século vinte. Mas vimos que no Monte da Transfiguração somos postos face a face com o universo sobrenatural. Vemos ali Moisés e Elias falando com Cristo, e este glorificado. E observamos que esse universo sobrenatural não é remoto. Muito pelo contrário: há perfeita continuidade, como na vida normal, na terra. Assim (ver Lucas 9.37), no dia seguinte àquele em que ocorreram aquelas coisas, Jesus e Seus discípulos desceram da montanha e retornaram às atividades normais desta existência. De fato, a seqüência normal não deixou de ter continuidade enquanto eles estavam no alto do monte. Aí está, pois, um perfeito exemplo da relação temporal e especial. Quando escalaram a montanha não foram para algum "outro" filosófico. E se tivessem relógios nos pulsos, estes não teriam parado; teriam continuado trabalhando. E quando desceram, era o dia seguinte: a seqüência normal prosseguira. Encontramos aí o mundo sobrenatural em relacionamento com a linha de continuidade normal e com as relações espaciais do mundo presente.

Consideramos também a morte redentora de Cristo, fato que não tem nenhum sentido fora da relação com um mundo sobrenatural. A única razão por que as palavras "morte redentora" têm sentido é que há um Deus pessoal que existe e, mais que isso, possui caráter. Ele não é moralmente neutro. Quando o homem peca contra o caráter divino, que constitui a lei do universo, ele é culpado, e Deus o julgará com base no fato de que seu pecado é verdadeira culpa moral. Nesta colocação, a palavras "a morte redentora de Cristo" têm sentido; doutro modo, não.

Agora é preciso lembrar de que estamos tratando: do fato de que a verdadeira vida cristã, como a examinamos, não está separada da unidade do pleno ensino bíblico; não deve ser abstraída da unidade da ênfase dada pela Bíblia ao mundo sobrenatural. lsto dá sentido à imagem bíblica dos cristãos, confrontados com o mundo sobrenatural, como a esposa, ligados a Jesus Cristo, o esposo, de sorte que o Cristo crucificado, ressurreto e glorificado pode produzir fruto por meio deles. Esta doutrina deixou de causar surpresa.

Contudo, acho que mesmo pessoas bem instruídas a respeito da salvação e de muitos outros aspectos da vida ou da doutrina cristã vêem na idéia de Cristo como o esposo produzindo fruto por meio dos cristãos, que constituem a esposa, uma doutrina exótica e espantosa ou, pelo menos, abstrata. Mas decerto que não pode ser uma doutrina surpreendentemente estranha, se não a isolamos do ensino da Bíblia a respeito do caráter sobrenatural do universo total em que vivemos.

Esta é a mensagem da Bíblia, e quando a vemos assim e nos encaixamos nesta estrutura, e não na estrutura naturalista (que tão facilmente se nos impõe), o ensino de que Cristo como o esposo produzirá fruto por meu intermédio deixa de ser esquisito. A Bíblia insiste em que, na realidade, nós vivemos num universo sobrenatural. Mas se removemos a realidade objetiva do universo sobrenatural em qualquer área, esta grande realidade de Cristo, o esposo, produzindo fruto por meio de nós, cai por terra imediatamente, e neste caso o cristianismo não passa de um auxilio psicológico e sociológico — mera ferramenta. Tão logo afastemos o caráter sobrenatural do universo, tudo que nos fica é o Brave New World (Bravo Mundo Novo), de Aldous Huxley, no qual a religião deve ser apenas um instrumento sociológico em prol do futuro. Segundo o humanismo evolucionista romântico, no conceito de Julian Huxley, a religião tem seu lugar não porque contenha alguma verdade, mas porque no estranho arranjo evolucionista, o homem, como ele é atualmente, ainda precisa dela. Assim, deve-se ministrar-lhe religião porque ele precisa disto. Retire-se o sobrenatural do universo — no pen-

sarnento e na prática — e nada mais nos sobrará além de Honest to God (Honesto para com Deus, livro de John A. T. Robinson, traduzido para o português com o título de *Um Deus Diferente),* que só lida com antropologia e nada tem para dizer sobre as questões da realidade da comunicação com Deus. Ficamos pura e simplesmente presos à antropologia, à psicologia e à sociologia, e tudo que digamos acerca da religião em geral — e do cristianismo em particular — cai por terra, exceto nos aspectos em que se relaciona com um mero mecanismo psicológico. Toda a realidade do cristianismo repousa sobre a realidade da existência de um Deus pessoal e sobre a realidade da perspectiva sobrenatural do universo total.

Todavia, desejo partir para outro conceito positivo, resultante do que acima foi exposto. O verdadeiro cristão, fiel seguidor da Bíblia, vive na prática neste mundo sobrenatural. Não estou afirmando que não se pode ser salvo e ir para o Céu se não se vive na prática neste mundo sobrenatural. Felizmente não é assim; caso contrário, nenhum de nós iria para o Céu, porque nenhum de nós persevera neste modo de viver. O que digo é que o verdadeiro cristão, que de fato aceita a Bíblia, vive assim. Eu não sou um cristão confiante na Bíblia, no sentido pleno da expressão, só porque creio nas doutrinas certas; sou-o quando vivo na prática neste mundo sobrenatural.

Que significa isto? De acordo com a idéia bíblica, a realidade consta de duas partes: o mundo natural — que normalmente vemos; e a parte sobrenatural. Quando usamos a palavra "sobrenatural", porém, sejamos cautelosos. Do ponto de vista da Bíblia, a parte "sobrenatural" não é, na verdade, mais incomum no universo do que aquela que costumamos chamar de natural. A única razão por que a denominamos sobrenatural é que normalmente não a podemos ver. lsto é tudo. Do ponto de vista bíblico — que é o ponto de vista judaico-cristão — a realidade compõe-se de duas metades, como duas metades de uma laranja. Não se pode ter a laranja completa se não se têm ambas as partes. Uma parte normalmente se vê; a outra normalmente não se vê.

Penso que se pode ilustrar isto com duas cadeiras.

Os homens que se sentam nessas cadeiras olham para o universo de dois modos diferentes. Todos ocupamos uma dessas cadeiras em cada momento particular de nossa vida. O primeiro homem assenta-se em sua cadeira e defronta a realidade total do universo — a parte que se vê e a parte que normalmente não se vê — e coerentemente vê a verdade exposta nesse painel de fundo. O cristão é quem pode dizer: "Eu ocupo esta cadeira". O incrédulo, porém, senta-se na outra cadeira, intelectualmente falando. Este vê só o lado natural do universo e interpreta a verdade como ela é vista nesse cenário de fundo. Consideremos o fato de que não é possível que ambas essas posições sejam verdadeiras. Uma é verdadeira; a outra é falsa. Se de fato o universo é constituído somente do natural, com uniformidade das causas naturais em um sistema fechado, então ocupar o outro assento é iludir-se. Entretanto, se há duas meias partes da realidade, sentar-se na cadeira do naturalista é ser extremamente ingênuo e é ter compreensão completamente errônea do universo. Do ponto de vista cristão, ninguém jamais foi tão ingênuo nem tão ignorante acerca do universo como o homem típico do século vinte.

Contudo, para ser um genuíno cristão crente na Bíblia, é preciso compreender que não basta reconhecer apenas que o universo compõe-se dessas duas meias partes. Vida cristã significa viver nas duas metades da realidade: na parte natural e na sobrenatural. Entendo — e pense o leitor nisso — que é perfeitamente possível para o cristão ficar tão saturado pelo pensamento do século vinte que passe a maior parte da vida como se a parte sobrenatural da vida não existisse. Realmente, chego a pensar que, até certo ponto, isso ocorre com todos nós. O sobrenatural não mexe com o cristão somente por ocasião do novo nascimento e, depois, só na hora da morte, ou por ocasião da segunda vinda de Cristo — deixando o crente entregue a si mesmo num mundo naturalista durante todo o período de tempo que transcorre entre aqueles fatos. Nada poderia estar mais longe do ensino bíblico. Ser cristão bíblico significa viver agora no sobrenatural, não apenas em teoria mas na prática. Se alguém toma assento em uma das

cadeiras, negando a existência da porção sobrenatural do mundo, dizemo-lo incrédulo. Que diremos acerca de nós mesmos se nos sentamos na outra cadeira-mas vivemos como se não existisse o sobrenatural? Não devíamos dar a essa atitude o nome de "falta de fé? " é não viver o cristão à luz do sobrenatural, agora. É o cristianismo metamorfoseado numa filosofia dialética ou simplesmente numa "boa filosofia". Como matéria de fato, creio vigorosamente que o cristianismo é uma boa filosofia. Para mim é a melhor filosofia que já existiu. Mais que isto, é a única filosofia coerente, e que responde às questões. É boa filosofia justamente porque enfrenta os problemas e nos oferece respostas para eles. Não obstante, não é somente uma boa filosofia. A Bíblia não fala em abstrações; não fala de uma idéia religiosa remota. Fala do homem como Homem. Fala de cada indivíduo como cada um é. E nos diz como viver no universo real como ele é agora. Remova-se este fator e o restante será apenas uma dialética.

Como já disse, estou numa ou noutra cadeira em cada momento dado. lnfelizmente, o cristão com muita freqüência tende a vacilar entre os dois assentos. Ora está na cadeira da fé, ora na da falta de fé. Uma vez que aceitei a Cristo como Salvador, sou salvo porque me confio às mãos de Jesus Cristo, com base em Sua obra consumada completamente. Mas Deus ainda relaciona-se comigo tratando-me como homem; não sou máquina; não sou uma imagem de metal. É perfeitamente possível que um cristão alterne de uma cadeira para outra. Mas, se tento viver a vida cristã sentado na cadeira da falta de fé, é preciso lembrar certas verdades. A primeira de todas é que isso ocorre na carne. Não importa qual seja minha atividade; não importa quanto barulho eu faça no empenho evangelizante de ganhar almas, ou em experiências exóticas, por exemplo. Continua sendo ocorrência carnal. Eu, criatura que sou, coloquei-me no centro do universo.

Segunda, se pretendo viver a vida cristã ocupando a cadeira da falta de fé, brinco de viver a vida cristã sem estar propriamente nela, porque a verdadeira batalha não é contra carne e sangue, mas é "nas regiões celestes" (Efésios 6. 12), e eu não posso participar em combate que se desenro-

la na carne. Em tempos de guerra, enquanto os irmãos mais velhos partem para a luta de verdade, os menores brincam de soldados em casa. Estes agem como soldados, é certo, mas não têni contato nem influência com os verdadeiros combates que estão sendo travados. Quando tento viver a vida cristã acomodado na cadeira da falta de fé, estou brincando de guerra. De maneira nenhuma estou em contato com a verdadeira luta.

Terceiro, o Senhor não honrará nossas armas se nos sentamos na cadeira da falta de fé, porque não Lhe dão honra *e* glória. Na verdade, roubam-lhe a honra e a glória até mesmo no sentido de ser Ele o Criador e o centró absoluto do universo. É disto que fala Paulo quando diz:

"Tudo o que não provém de fé é pecado" (Romanos 14.23).

Disse Hudson Taylor: "A obra do Senhor, feita à maneira do Senhor, nunca deixará de ter a provisão do Senhor". Ao dizê-lo, pensava maiormente na provisão material, mas por certo ele incluiria toda sorte de provisões. Ofereço a seguinte paráfrase daquele pronunciamento: A obra do Senhor, realizada a expensas da energia humana, já não é obra do Senhor. É qualquer coisa, menos obra do Senhor.

A esta altura, surgem duas perguntas. A primeira é esta: Se a verdadeira batalha ocorre "nos lugares celestiais", então esses "lugares celestiais" ficam muito longe? E a segunda é a seguinte: Nossa participação individual nessa luta não é algo insignificante?

Consideremo-las.

Primeiro, serão os "lugares celestiais", segundo a Escritura, muito distantes? Será remoto o mundo sobrenatural?

A resposta é um "Não" resoluto. O Monte da Transfiguração deixa mais que claro que o mundo sobrenatural não é remoto. Não precisamos tomar uma nave espacial e voar pelo tempo equivalente ao de duas gerações, produzindo a segunda geração durante o voo, para chegar ao mundo sobrenatural. No caso em foco, o sobrenatural estava no topo do plano inclinado da montanha. Havia seqüência envolvida, de modo que quando eles desceram,

este era apenas o passo seguinte. Esta é a ênfase da Escritura, que o mundo sobrenatural não fica longe, mas, sim, perto, muitíssimo perto.

Falando sobre Cristo no caminho de Emaús, Lucas escreveu: "Então se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles" (Lucas 24. 31).

Seria melhor traduzi-lo: "Ele deixou de ser visto por eles". Lucas não afirma que Jesus não estava mais ali. Nesse lugar específico, é apenas que eles não O viram mais. Em João 20.19 e 26 encontramos a mesma ênfase. Esta noção não se restringe a um momento histórico, em seguida à ressurreição de Jesus Cristo. Constitui a estrutura da Bíblia. A estrutura sobrenatural da Palavra divinamente inspirada traz consigo a ênfase em que o sobrenatural não é longínquo, mas, pelo contrário, está à mão, bem perto de nós; o sobrenatural não é ontem e amanhã: é hoje.

Acha-se a mesma verdade no Velho Testamento.

> "Também Jacó seguiu o seu caminho, e anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo. Quando os viu, disse: Este é o acampamento de Deus. E chamou àquele lugar Maanaim" (Gênesis 32.1,2).

O nome hebraico "Maanaim" significa "duas hostes" ou "dois acampamentos". E um acampamento é tão real como o outro. Não é que um deles fosse sombra ou ficção, um produto da imaginação de Jacó. Eram duas hostes iguais; uma era constituída de sua gente, de sua família, de seu gado e tudo o mais; a outra era formada por anjos — seres igualmente válidos e reais, e além disso, igualmente próximos, à mão.

Mas a passagem clássica sobre este assunto é, talvez a de 2 Reis 6.16,17. Eliseu fora cercado por inimigos, e o seu ajudante ficou aterrorizado. Eliseu, porém, lhe disse:

> "Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles".

Ao moço isto deve ter parecido consolo de pobre, naquele momento. Entretanto, depressa virou consolo real e concreto:

"Orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-Te que lhe abras os

olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu".

Nessa hora o moço deixou de ter qualquer problema! Do ponto que agora estamos considerando, porém, o que é significativo deveras é que a oração de Eliseu não foi para que sobreviesse algo. A realidade necessitada já estava ali. A única diferença era que os olhos do moço precisavam ser abertos para que ele visse o que Eliseu já via. O sobrenatural não era algo distante; estava ali. Tudo o de que o moço necessitava era ter abertos os seus olhos para vê-lo.

Quando é sequer mencionado o sobrenatural, de imediato o naturalista se determina a desfazer-se dele. Daí a razão por que o teólogo liberal — que é naturalista — tenta fazer uma teologia que se agüente quando nada mais reste senão alguma antropologia. Este é de fato o campo onde a batalha pela verdade está sendo travada no mundo todo. Mas, se captamos isto, pesam sobre nós a necessidade urgente, a nobre vocação e o elevado dever de vivermos à luz da existência de duas partes componentes do universo — a que se vê e a que se não vê — compreendendo que, os "lugares celestiais" não estão longe. Estão aí mesmo.

Passemos à segunda questão.

Se os verdadeiros combates são sobrenaturais, dando-se "nos lugares celestiais", não é escassa a significação da. parte que tomamos neles? Há um comentário do apóstolo Paulo que se relaciona com isto:

"Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar; como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens" (1 Coríntios 4.9).

Paulo faz aí a mais fantástica declaração — se a consideramos do ponto de vista meramente naturalista, ou seja, sentados na cadeira que denominamos "falta de fé". No grego, a palavra traduzida por "espetáculo" tem o significado de exibição teatral. Estamos no palco, observados por outros. O que se depreende da expressão do apóstolo é que o universo sobrenatural não está longe, e que embo-

ra a verdadeira luta se dê nos lugares celestiais, nossa parte não é nada insignificante porque está sendo obse rvada pelo mundo invisível. É como um espelho que serve para uma só direção. Estamos sob obse rvação.

A verdade é que este ensino não se baseia só nesse versículo. Por exemplo, Paulo o menciona a Timóteo, sendo que este não é apóstolo no sentido estrito da palavra:

> "Conjuro-te perante Deus e Cristo Jesus e os anjos eleitos..." (1 Timóteo 5.21).

Timóteo está a sós? Haverá ocasião em que Timóteo não esteja sendo obse rvado? A resposta é "Não". Deus observa. Alguém mais o observa também: os anjos. E isto não é verdade só no caso de Timóteo, mas também no de todos nós. Este é por certo o significado do Livro de Jó. Jó não entendia que estava sendo observado. Mas estava. Mais que isso, ele estava desempenhando um papel no combate travado nos lugares celestiais, sem o saber, quando despencou sobre ele aquela série de desastres. Ele não só estava sendo observado como também havia uma relacão de causa e efeito entre o mundo que se vê e o mundo que se não vê. Cristo no-lo ensina também, porque, Cristo nos diz que quando um pecador se arrepende, os anjos regozijam-se no Céu. lsto é causa e efeito, na linguagem do século vinte; é uma relação de causa e efeito. Há no mundo uma causa que produz certo efeito no mundo invisível. O mundo sobrenatural não é remoto, e nossa participação não é destituída de importância, porque somos observados; e, mais do que isso, há uma relação de causa e efeito com a verdadeira batalha librada nos lugares celestiais, com base no fato de estarmos vivendo ou não a vida cristã.

Se temos em mente 1 Coríntios 4.9, onde se nos diz que estamos "no palco" diante dos homens e dos anjos, devemos notar também o que Paulo nos diz em 1 Coríntios 2.4, que não deixa de ter relação com o acima exposto:

> "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder".

Em demonstração perante quem?

À luz dos comentários de Paulo registrados no capítulo 4, seguramente não se trata apenas de demonstração diante do mundo perdido, nem só perante a igreja, mas, sim, é demonstração ante os anjos também.

Este versículo tem sido mal compreendido, e de modo grosseiro. Muitos dizem que ele ensina que basta que se faça a "simples" pregação do Evangelho; e por essa "simples" pregação do Evangelho eles querem dizer a simples recusa de considerar as questões próprias de nossa geração, e uma simples recusa de enfrentá-las com esforço sério. Eles contrastam a "simples" pregação do Evangelho com o esforço por dar respostas intelectuais honestas, quando se levantem questões honestas. Mas nada poderia estar mais longe do sentido daquelas palavras apostólicas. lsto é o que aquelas palavras "simplesmente" não dizem. O que Paulo está dizendo é que a pregação do Evangelho tanto a pessoas simples como a pessoas mais "complicadas" falha em ambos os casos se não inclui uma demonstração da vida cristã, da vida espiritual autêntica, se não inclui, enfim, a obra do Espírito Santo. Não é questão de pregar a mensagem mais simples que se possa imaginar, e de fazer dicotomia completa entre a fé e a vida intelectual. Paulo está afirmando que, seja qual for a terminologia que você tenha de empregar, não importa o tamanho das palavras que deva pronunciar, seja qual for a classe de pessoas às quais você está pregando, sejam camponeses ou filósofos — em todo e qualquer caso, é necessário que haja demonstração do poder do Espírito — do Cristo ressurreto e glorificado operando por nosso intermédio.

Pouco a pouco, numerosos cristãos da presente geração sentem deslizar para longe a realidade. A realidade tende a ficar coberta pelas cracas do pensamento naturalista. De fato, da meia dúzia de perguntas que mais freqüentemente me são feitas por jovens de ascendência cristã, suponho que uma é esta: Onde está a realidade? Para onde foi a realidade? Tenho ouvido isto pronunciado em tom de franco e honesto desespero por excelentes jovens cristãos de muitos países. À medida que o teto do naturalista baixa rumo a nós, à medida que ele invade os

nossos domínios, por inoculação ou por envolvimento, a realidade gradativamente se nos escapa. Mas o fato de que Cristo como o esposo produz fruto por meu intermédio, como partícipe que sou da igreja, a esposa, graças à ação do Espírito Santo que em nós habita pela fé — este fato glorioso abre passo para mim, para que eu, como cristão, comece a conhecer na presente vida a realidade do sobrenatural. Aí é onde o cristão deve viver. A doutrina é importante, mas não é um fim em si mesma. Tem que haver uma realidade experimental, momento após momento. E a glória da realidade experimental do cristão, oposta à experiência existencial pura e simples, e às experiências religiosas orientais, é que o podemos fazer com todas as portas e janelas intelectuais abertas de par em par. Não temos necessidade de câmara escura; não precisamos submeter-nos à influência de drogas alucinantes; nem temos que ouvir certa espécie de música. Podemos conhecer aqui e agora a realidade do sobrenatural.

Contudo, este resultado experimental não se confunde com a experiência de sobrenaturalismo "puro e simples", sem conteúdo, sem que sejamos capazes de descrevê-lo e comunicá-lo. É muito mais. É um relacionamento com Cristo e com a Trindade toda, relacionamento experimental, momento após momento, e crescente. Devemos estar relacionados com a Trindade Santa. As portas estão abertas agora: As portas intelectuais e as portas que levam para a realidade.

O "como" é assim, pois. Aí está "como" viver uma vida de liberdade dos laços do pecado: não é perfeição, pois esta não nos é prometida para esta existência. Mas, eis aí "como" estar, na presente vida, livre dos laços do pecado, bem como dos resultados desses laços, como veremos mais tarde.

Esta é a maneira pela qual podemos expôr a realidade do sobrenatural a uma geração que perdeu o rumo. Esta é a vida cristã, a vida espiritual autêntica. À luz da unidade do ensino da Bíblia concernente à natureza sobrenatural do universo, o "como" é o poder do Cristo morto e ressuressurreto, mediante a ação do Espírito Santo em nós, pela fé.

6

Salvação: Passada - Futura - Presente

A Bíblia afirma que, num ponto específico da história, o homem caiu e que, ao cair, tanto o homem como o mundo sobre o qual ele tinha domínio tornaram-se anormais. Olhando para a história subseqüente, a impressão é de que a criação, por parte de Deus, de seres morais e racionais foi um fracasso.

Mas, eis que Cristo veio, morreu e ressuscitou — também na história—e a necessária vitória foi ganha. Quando Cristo vier de novo, a evidência de Sua vitória será completamente óbvia. Enquanto isso, na terra não há paz universal nem para os indivíduos nem para a humanidade. Na verdade, o mundo do século vinte não é basicamente muito diverso do mundo assírio, nem do mundo babilônico, nem do mundo romano.

Isto quer dizer que entre a vitória na cruz e os dias presentes, e os dias que vêm, até à segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, Deus não teve a intenção de que houvesse qualquer evidência da realidade da vitória da cruz?

Quando examinamos a Escritura, certamente vemos que isto é exatamente o que Ele não quis dizer.

> "Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus," (isto é, um povo separado para certo propósito) "a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz, vós, sim, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus..." (1 Pedro 2.9,10).

Diz esta passagem que nesta vida os cristãos são chamados para certo propósito, chamados para proclamarem a

glória de Deus. Em outras palavras, Deus não quis dizer que não deveria haver evidencia alguma da realidade da vitória da cruz entre a ascensão de Jesus Cristo e Sua segunda vinda. Sempre foi da intenção de Deus que os cristãos fossem, eles mesmos, a evidência, a demonstração da vitória de Cristo na cruz.

Faz parte da vocação do cristão crer na doutrina certa, na doutrina verdadeira, na doutrina da Escritura. Mas não é bem a questão de afirmar a doutrina certa que é tão importante. Nem o é apenas o fato de que se tenha a capacidade de dar explicações graças ao talento, à personalidade ou à energia em termos de capacidade natural. O cristão não é chamado para simplesmente apresentar outra mensagem do mesmo modo como são apresentadas todas as demais mensagens. Temos de entender que não só é importante o que fazemos, mas também como o fazemos. No primeiro capítulo do Livro de Atos, entre a ressurreição e a ascensão de Cristo, não é pregar o Evangelho que Ele manda, mas esperar pelo Espírito Santo e depois pregar o Evangelho. Pregar o Evangelho sem buscar o concurso do Espírito Santo é omitir completamente a ordem de Jesus Cristo para a nossa era. Na área das "atividades cristãs" ou do "serviço cristão", como realizamos nossas tarefas é pelo menos tão importante como aquilo que fazemos. O que quer que seja que não constitua demonstração de que Deus existe, falha, não atingindo o propósito global da vida cristã atual na terra. De acordo com a Bíblia, devemos levar uma vida sobrenatural agora, nesta presente existência, e de modo que jamais poderemos repetir através de toda a eternidade. Somos convocados para viver uma vida sobrenatural agora, pela fé. A eternidade será esplêndida, mas há uma coisa que o Céu não terá, e esta é a vocação, a possibilidade e o privilégio de viver uma vida sobrenatural aqui e agora pela fé, antes de vermos a Jesus face a face.

Esta é a demonstração que Deus pretende que se faça no mundo até o retorno de Cristo, e ao cristão compete fazer esta demonstração. Os cristãos são convocados para constituirem, nesta etapa da história, a demonstração de que o mundo que normalmente não se vê, existe; e além

disso, que Deus existe. Devem fazê-lo individual e corporativamente, cada geração de cristãos à sua respectiva geração. Assim, devemos ser, nós mesmos, essa demonstração para a geração da segunda metade do século vinte. É óbvio que não podemos constituir demonstração para o passado; e só parcialmente podemos legar uma demonstração ao futuro, por meio de nossos escritos e de nossas obras, se bem que deve haver uma demonstração acumulativa, rolando e crescendo como uma bola de neve através dos séculos. Mas, primariamente, cada cristão deve ser uma demonstração na fase específica da história a que pertence e à sua própria geração.

Os cristãos devem demonstrar o caráter de Deus — demonstração de natureza moral —mas não há de ser apenas uma demonstração de princípios morais; é demonstração do Ser divino, e de Sua existência.

Que vocação! e quão dominadora!

Decerto, todo aquele que tem sido honesto, e não romântico ou idealista no mau sentido destas palavras, compreende bem que quaisquer demonstrações baseadas no esforço e no podei do homem seriam totalmente destituídas de significado. Outra vez, pois, o ensino de Cristo como o Esposo produzindo fruto por nosso intermédio — o poder do Cristo crucificado e ressurreto, e a ação do Espírito Santo, pela fé — patenteia-se como ensino não isolado. Não deveria surpreender-nos. Encaixa-se na unidade do ensino bíblico sobre a carreira do cristão neste mundo.

Das unidades bíblicas que vimos considerando, esta é a segunda. A primeira foi a unidade do ensino bíblico concernente à natureza sobrenatural do universo.

A terceira unidade do ensino bíblico é a unidade daquilo que constitui a salvação. Quando eu aceito deveras a Cristo como meu Salvador, diz a Bíblia, Deus me declara justificado de uma vez por todas. Deus, como Juiz, declara retirada a culpa, com base na obra vicária de Cristo. Não é que Deus passe por alto o pecado. Ele é Santo e, porque é Santo, todo pecado resulta em verdadeira culpa. Mas quando eu aceito a Cristo como meu Salvador, meu pecado já foi punido em Cristo. E isto, na história, no espaço, no tempo — na cruz. E Deus me declara justificado em

tudo quanto diz respeito à minha culpa. É como se eu nunca tivesse cometido pecado. Na cruz Jesus levou todo o castigo que devia vir sobre nós, o que significa que já não temos por que receber castigo, nem nesta vida nem na futura. Visto que Cristo é divino, Sua morte teve valor infinito — valor suficiente para, de modo vicário, substitutivo, cobrir todo o pecado individual e toda a culpa de todos quantos se achegam a Ele.

A justificação deve ser entendida como absolutamente irrevogável, pois Cristo levou sobre Si o castigo de todo o nosso pecado, e não apenas do nosso pecado anterior ao momento em que aceitamos a Cristo como nosso Salvador. Não sobra nada para ser lançado em nossa conta. Vendo-o desse modo — e este é o modo bíblico de vê-lo — não há graus de justificação. Não se pode ser mais justificado ou menos justificados. Neste sentido, não se pode ser mais cristão ou menos cristão. Sobre este fundamento, ou se é cristão ou não se é. Exatamente como se nasce ou não se nasce, e como se é casado ou não à vista de Deus, também ou se aceita a Cristo como Salvador e se é declarado justo por Deus,ou não se aceita a Cristo e não se é declarado justo. Não há meios termos, nem graduação. A culpa é totalmente retirada do cristão, e para sempre. Portanto, para o cristão a justificação está no passado.

Mas é preciso que não cometamos um engano aqui. A salvação, no sentido em que essa palavra é usada na Bíblia, é mais ampla que a justificação. Na salvação há passado, futuro e, com o mesmo grau de realidade, há presente. A obra infinita realizada por Cristo na cruz traz mais que justificação ao cristão. No futuro há a glorificação. Quando Cristo retornar, haverá a ressurreição do corpo, e a eternidade. Mas há também um aspecto em que a salvação é presente. A santificação constitui nosso atual modo de relacionamento com nosso Senhor; é como a conjugação verbal presente da vida de comunhão com Deus.

Na santificação há graus. Dissemos que não os há na justificação, porque a culpa foi retirada de modo absoluto. Mas, na questão de nosso relacionamento com nosso Senhor no tempo presente, há graus. Há graus entre diferentes cristãos, e também devemos reconhecer a existén-

cia de graus em nossa vida pessoal em ocasiões diversas.

A vida cristã não é um plano inclinado e ininterrompido. As vezes sobe e às vezes — temos todos de reconhecê-lo se não queremos iludir-nos a nós mesmos — desce. Enquanto que não é possível ser mais justificado ou menos, é possível ser mais santificado ou menos. A justificação tem que ver com a culpa do pecado; a santificação tem que ver com o poder do pecado na vida do cristão, coisa em que há graduação.

A salvação não consiste na justificação seguida de um vazio até à morte; Deus nunca disse que haveria de ser assim. A salvação é uma unidade, uma corrente que flui da justificação através da santificação até à glorificação.

> "Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto, aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Romanos 8.28-30).

Os tempos verbais usados nessa passagem esclarecem que a salvação deve ser vista como uma corrente ininterrupta.

Há outros exemplos da mesma verdade:

> "Justificados, pois, mediante a fé", (no passado) "temos paz" (no presente) "com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos" (passado, com resultados no presente) "igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Romanos 5. 1-5).

Ou podemos tomar os versículos-chaves da primeira metade do Livro de Romanos:

> "Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Romanos 1.16,17).

Bem, a palavra "salvação" aí não significa justificação. Enquadra o todo: justificação, santificação, glorificação. "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé". Não se trata da fé dada "uma vez por todas" na justificação. Fala-se aí de fé que provém da fé para a fé. "Como está escrito: O justo viverá por fé". Não é bem que o justo será justificado por fé: o justo viverá por fé.

Em certos aspectos, a santificação é o ponto mais importante a considerar para o cristão no aqui e agora, porque é o ponto em que nos situamos. Constitui a parte atual da salvação. A justificação é um ato realizado uma vez por todas. A santificação é continuada, desde nossa aceitação de Cristo até o dia da nossa morte. Este estudo da vida cristã e da vida espiritual autêntica enquadra-se na presente porção da salvação. lsto é, todo o estudo que estamos fazendo é na verdade um estudo do ensino bíblico sobre a santificação.

A salvação constitui uma unidade. Quando aceitei a Cristo como meu Salvador, quando minha culpa foi retirada, voltei ao lugar para o qual eu fora formado originalmente.

Há um propósito para o homem. Nesta segunda metade do século vinte, deparamos constantemente coin a pergunta: "Qual o propósito do homem — se é que há algum? " E como resposta o século vinte devolve um grande silêncio. Mas a Bíblia afirma que o propósito do ser humano é amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, e de todo o seu entendimento. E este "amar a Deus" não se confunde com nenhum vago sentimento, nem com ser "religioso", no sentido moderno desta palavra. "Amar a Deus" significa genuína comunicação com Deus: a pessoa finita que pensa, age e sente, manter-se em relação com o lnfinito. Não um infinito oco e vácuo, mas o lnfinito que

é o Deus pessoal e com quem, portanto, é possível a comunicação. Aí está o propósito para o qual o homem foi criado — propósito perdido por ocasião da queda. Ao aceitar a Cristo como meu Salvador, a culpa que me separava de Deus, e do cumprimento do meu propósito, é removida. Fico, então, no lugar que o homem foi feito para ocupar ao ser criado por Deus. Não nalgum dia remoto, num distante reino milenário de Cristo, nem na eternidade, mas, sim, agora já está consumado meu retomo ao lugar para o qual fui feito no princípio. Estou imediatamente em uma nova e viva relação com cada uma das três pessoas da Trindade.

Primeiro: Deus o Pai se torna meu Pai.

O termo teológico para esta gloriosa realidade é adoção.

"Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder" (ou o direito) "de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome" (João 1.12).

Quando recebo a Cristo, fundamentado em Sua obra consumada, já me tornei um filho de Deus. Cristo, a segunda pessoa da Trindade, é o eterno Filho de Deus de modo único, singular. Mas a Bíblia declara — e isto devia encher-nos de júbilo— que quando eu aceitei a Cristo como meu Salvador, entrei imediatamente em novo tipo de relação com o Pai e me tornei Seu filho, no sentido de estar a criatura ocupando o lugar certo para o qual fora criada de início.

Segundo: quando eu aceito a Cristo como meu Salvador, entro imediatamente em nova relação com Deus o Filho.

Teologicamente, isto se chama nossa união mística com Cristo. Na carta aos Efésios se nos diz repetidamente que quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador estamos "em" Cristo. Em Romanos 7.4 lemos que Cristo é o Esposo e nós, Sua igreja, a esposa. Em João 15 se nos ensina que Cristo é a videira e nós os ramos. Em todos esses modos de relação está retratada ou é referida a união mística de Cristo e o crente. E quem é este Cristo com quem entramos em relação? Não é o menino Jesus, nem o Cristo como era quando andou pela terra, nem o Cristo levantado no madeiro. É o Cristo ressurreto, ascenso e glorificado.

Por último, diz a Bíblia que entramos em novas modalidade de relação com a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Ao sermos justificados, imediatamente passamos a ser habitados pelo Espírito Santo. João 14.16,17 registra uma promessa feita por Jesus pouco antes de Sua morte, promessa cumprida no Pentecoste, depois de Sua ressurreição e ascensão:

> "E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós".

Havia uma então atual relação, mas haveria também uma futura. João o explica ao dizer que o Espírito Santo não fora dado ainda, pois Cristo ainda não havia sido glorificado (João 7.39). Na Carta aos Romanos também se evidencia que agora, se aceitamos a Cristo como nosso Salvador, estamos nesta nova relação com o Espírito Santo; e quem quer que não esteja em comunhão com o Espírito Santo não é cristão.

> "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, este tal não é dele" (Romanos 8.9).

Paulo, escrevendo a todos os crentes de Corinto, pergunta:

> "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? " (1 Coríntios 3.16).

Estas palavras se dirigem, através dos séculos, a todo aquele que tenha aceitado a Cristo como Salvador. Ao ser justificado, o Espírito Santo faz morada em mim, entrando eu nesse novo tipo de relação com a terceira pessoa da Trindade Santa.

Prosseguindo, vejamos esta promessa de Cristo: "E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós

outros" (João 14.16-18). Não ficamos "órfãos"; Cristo vem para estar conosco mediante o Espírito Santo, que habita em nós. E, relacionado com isto, vemos no versículo 23: "E viremos para ele e faremos nele morada". Neste contexto, o destaque é que o Espírito Santo, habitando o cristão individual, é não só o Agente de Cristo, mas também do Pai. Conseqüentemente, quando aceito a Cristo como meu Salvador, minha culpa é retirada, sou habitado pelo Espírito Santo e estou em comunicação com o Pai e com o Filho, bem como com o Espírito Santo — ou seja, com a Trindade toda. Deus o Pai é meu Pai; estou em união com o Filho; e mora em mim o Espírito Santo. isto não é só questão de doutrina; é o que tenho agora.

Permita-se-me salientá-lo uma vez mais: A salvação é uma peça completa. Toda a salvação — passada, presente e futura — tem uma só base. Esta base não é nossa fé. Se ficamos confusos aqui, ficamos confusos completamente. Ninguém jamais pode ser justificado com base em sua fé. Em tudo que constitui a salvação, a única base é a obra consumada por Jesus Cristo na cruz — fato que se deu na história. A fé é a mão vazia, o instrumento mediante o qual aceitamos o livre dom de Deus. Fé é simplesmente crer em Deus. Não é um salto no escuro. É parar de chamar a Deus de mentiroso, e crer nEle. Só pode haver justificação baseada na obra que Jesus Cristo realizou completamente na cruz. A fé é o instrumento pelo qual aceitamos essa obra de Cristo. Constitui o como, mas este como abrange toda a salvação.

Considere-se, por exemplo, a segurança. A Bíblia ensina claramente que o cristão tem direito de saber que é salvo: este é um dos belos dons de Deus — o cristão saber deveras que é um cristão. Isto se refere não só ao fato inicial, logo que se tenha aceitado a Cristo como Salvador, mas também se aplica àqueles momentos grandiosos e cruciais em nossa vida quando as ondas elevam-se tão alto que, psicológica ou espiritualmente, parece que nunca mais tomaremos pé. Numa hora dessas o cristão pode ter segurança. Sua salvação repousa na obra consumada por Cristo, quer aceite a paz que devia possuir ou não; e ele pode ter segurança na proporção em que ele crê nas promessas

de Deus nesse momento.

Exatamente a mesma coisa dá-se com a santificação. Sua base é a obra consumada por Cristo; o instrumento que nos possibilita apoderar-nos daquilo que em dado momento Deus pretende que tenhamos, é a fé. Como filho de Deus, que o cristão é, a santificação -- da hora da justificação em diante, na vida presente — ocorre momento após momento. A justificação é uma vez por todas, e acontece no instante em que, pela graça divina, aceito a Cristo como Salvador. Mas a santificação é momento a momento, é uma vida de fé momento após momento. Neste ponto particular o existencialista tem razão em ressaltar o caráter da vida humana como consistindo em viver momento após momento.

> "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos" (1 João 5.3).

É certo isso? Em nós mesmos, achamos que os mandamentos de Deus não são penosos? Devo dizer que por muitos anos eu os achei penosos. Durante muitos anos, como pastor, pregando o Evangelho, não preguei uma só vez sobre esse versículo, pela simples razão de que não o compreendia. Eu achava penosos os mandamentos de Deus; eu os agüentava a duras penas. E eis, um dia, quando eu estava pelejando com esse tópico, vi que tudo o que eu tinha de fazer era olhar para o contexto imediato: "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo".

Afortunadamente o ensino não pára aí, porque, se parasse, ficaríamos sem a indicação do como. "E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5.3,4). Com base na obra consumada por Cristo, uma vida de fé momento após momento é "a vitória". Não é nossa vitória, mas de Cristo, adquirida para nós na cruz do Calvário, assegurada momento a momento pela fé.

A santificação e a segurança são suscetíveis de comparação. Alguém pode estar salvo sem o saber por não elevar as mãos vazias da fé nesse momento específico, crendo nas promessas de Deus. A alguém pode faltar, em matéria de

santificação, tudo aquilo que Deus põe à sua disposição na vida presente porque, embora Cristo o tenha adquirido para ele na cruz, esse cristão não crê em Deus nesse assunto, e não ergue momento após momento as mãos vazias da fé. Agora tomo a liberdade de repeti-lo, para que fique absolutamente claro: A base não é nossa fé; é a obra consumada por Cristo. A fé é o instrumento pelo qual se recebe da parte de Deus aquilo que Cristo adquiriu para nós.

Assim, esta é a terceira unidade, a unidade daquilo que a salvação constitui: uma só peça, e, contudo, uma corrente em fluxo permanente. Tornei-me cristão uma vez por todas, com fundamento na obra consumada por Cristo, mediante a fé; isto é justificação. A vida cristã, a santificação, opera sobre a mesma base, mas ocorre momento após momento. Há a mesma base (obra de Cristo) e o mesmo instrumento (fé); a única diferença está em que uma dá-se uma vez por todas; e a outra dá-se momento após momento. Toda a unidade do ensino bíblico firma-se com solidez sobre esse ponto. Se tentarmos viver a vida cristã com nossas próprias forças, colheremos tristeza, mas se vivermos do modo bíblico, não só estaremos servindo ao Senhor como também, em lugar de tristeza, Cristo será nossa canção. Aí está a diferença. O como da vida cristã é o poder do Senhor crucificado e ressurreto, mediante a ação do Espírito Santo, habitando em nós, pela fé, momento após momento.

> "E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo" (Romanos 15.13).

Esta é nossa vocação, mediante a ação do Espírito Santo. Não somos chamados para servir a Deus de qualquer maneira, mas para experimentar gozo e paz em nosso crer.

7

A Esposa Prolífera

Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador, entramos imediatamente em nova relação com Deus- o Pai. Deus o Pai passa a ser imediatamente nosso Pai. Ele é "Aba" — Papai — para nós. Mas, naturalmente, se isto é assim, deveríamos experimentar nesta vida a paternidade do Pai. Quando aceito a Cristo como meu Salvador, eu entro em nova relação com Deus o Filho, também. Como parte do povo de Cristo, Ele é minha "Videira", e meu "Esposo". Ora, isto propõe uma questão. Se o cristão, como ramo e como esposa, não produz os frutos que mediante ele se esperam daquele que é a Videira e o Esposo, que é que está errado?

> "Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro", (ou para casardes com outro) "a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, e deste modo frutifiquemos para Deus" (Romanos 7.4).

Note-se a dupla indicação de propósito: Primeira: para pertencermos a Cristo (ou "casar-nos" com Ele); segunda: para que frutifiquemos para Deus. Mas isto pede como acompanhante a seguinte advertência solene:

> "Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos" (ferramentas, armas) "de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros" (vós mesmos como uma unidade e em parte) "a Deus como instrumentos de justiça" (Romanos 6.13).

Como cristão, posso render-me a um ou a outro para ser usado por um ou pelo outro como arma nos quefaze-

res da guerra que está sendo travada.

> "Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça? De modo nenhum.
> Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza, e da maldade para a maldade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem a justiça para a santificação.
> Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as cousas de que agora vos envergonhais; porque o fim delas é morte" (Romanos 6.14-21).

Esta passagem indica a elevada vocação com que, como igreja de Cristo, somos chamados, para colocar-nos, mediante escolha, nos braços do legítimo e amoroso Esposo da igreja para que sejam produzidos frutos no mundo externo. Mas também nos adverte de que, mesmo depois de que somos cristãos, é possível colocar-nos nos braços de outra pessoa e frutificar neste mundo. É-nos possível, como cristãos, produzir agora a mesma espécie de fruto que produzíamos antes de sermos cristãos. Por quê? Porque nos estamos submetendo ao amo errado, especificamente àquele nosso velho senhor, o diabo, Satanás. Repitamo-lo, com gentileza mas com bastante clareza: I -me possível, como cristão, dar à luz o filho de algum outro que não meu legítimo e amoroso Esposo. Isto é, é-me possível produzir para o mundo externo o fruto do diabo. Como ilustração, imaginemos um par de esposos da mesma raça e cor. Repentinamente, a esposa dá à luz uma

criança evidentemente doutra raça. Toda gente logo vê que ela foi infiel a seu marido. Algo assim é o que se dá conosco que compomos a igreja, a esposa de Cristo. Se como cristão não estou produzindo o fruto esperado, o fruto de Cristo, está havendo infidelidade espiritual de minha parte. Há adultério espiritual em minha vida. E quando vemos a coisa desta maneira, a palavra "infiel" assume significação deveras clara e especial, pois a fé é o instrumento pelo qual damos o fruto de nosso redivivo Senhor Jesus Cristo. Assim a expressão "falta de fé" tem um sentido bem aguçado. Se não tenho fé com relação a Cristo, sou infiel para com Ele, e isto é infidelidade.

Rumemos agora para o terceiro passo em minha nova relação. Ao haver aceitado a Cristo como meu Salvador, entrei imediatamente em nova relação com o Espírito Santo. O Espírito Santo vive em mim como Aquele que age pela Trindade toda. Pois bem, o fruto do Espírito está claramente delineado na Bíblia: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei" (Gálatas 5.22,23).

A Escritura é igualmente clara quanto às obras da carne: "Ora, as obras da came são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções, invejas, bebedices, glutonarias, e cousas semelhantes a estas" (Gálatas 5.19-21a).

O Espírito Santo é o Agente da Trindade. Ele é o Agente do Cristo crucificado, ressurreto e glorificado. Se o que ando produzindo é outra coisa que não o fruto do Espírito, a única razão é que ofendi o Espírito Santo —.nosso Hóspede Divino. O dr. Charles Hodge o expressa assim: "O que distingue grandemente o cristão verdadeiro é o Espírito Santo que nele habita. Quão cuidadoso há de ser ele, se não quer que em seus pensamentos e sentimentos haja alguma coisa ofensiva a seu Hóspede Divino!"

O Espírito Santo é uma Pessoa. Sabendo, porém, que Ele é uma Pessoa, devemos lembrar-nos de que está sujeito a ser ofendido e a ser entristecido. Daí que em Efésios 4. 30 se nos diz:

"E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção".

Não entristeça o Hóspede Divino que vive em você. Se você é um cristão de verdade, você foi selado por Ele para o dia da redenção. É porque Ele mora em nós que a nossa salvação — que se constrói dia a dia — é-nos assegurada. Não O ofendamos. Não O entristeçamos.

Em 1 Tessalonicenses é-nos dado este mandamento:

"Não apagueis o Espírito".

Quando nós O ofendemos, empurramos para o lado Aquele que é para nós o Agente da obra de Cristo para nossa vida atual. Com base na obra passiva consumada por Cristo — isto é, Seu sofrimento na cruz — e com base na obediência ativa de Cristo — isto é, Sua vida de perfeito cumprimento da Lei — os frutos aí estão. Estão em disponibilidade para fluir, pela ação do Espírito Santo, através de nós, para o mundo externo. Os frutos são normais. Não os ter é não ter a vida cristã que deveria ser considerada normal. Há oceanos da graça esperando. Pomares e mais pomares, vinhedos e mais vinhedos aguardam. Há somente um motivo por que não despejam seus frutos mediante a vida cristã: é que não está sendo empregada a instrumentalidade da fé. lsto é apagar o Espírito Santo. Quando pecamos neste sentido, pecamos duplamente: pecamos cometendo pecado propriamente dito, e de modo terrível, porque é contra a Lei e contra o caráter de Deus, nosso Pai; mas ao mesmo tempo pecamos por omissão, porque não levantamos as mãos vazias da fé para o dom que aí está, disponível.

À luz da estrutura do universo total; à luz de nossa vocação para demonstrar a existência e o caráter de Deus no período que se estende entre a ascensão e a segunda vinda de Cristo; à luz do terrível preço da cruz, pelo qual todos os benefícios da salvação, presentes e futuros, foram adquiridos em nosso favor — à luz disso tudo, o verdadeiro pecado do cristão é não tomar posse de suas possessões, pela fé. Este é seu verdadeiro pecado.

"Tudo o que não provém de fé é pecado" (Romanos 14.23b).

O pecado, aí, é não erguer as mãos vazias da fé. Qualquer coisa que não provenha da fé é pecado. Quando eu não estou permitindo que este fruto — adquirido por tão alto preço — flua por meu intermédio, sou infiel no profundo sentido de não crer em Deus. Quando chegamos a compreender isto, certamente temos que dizer: Que Deus nos perdoe. A vida cristã é caracterizada pelo gozo, mas deve ter também a compreensão da tristeza, se comparamos o que podia ser com o que é: pobreza, quando riquezas são oferecidas; produção do fruto do inimigo do Senhor, o diabo, quando somos chamados a dar o fruto de nosso Senhor, o Esposo da igreja de que somos partes.

Há duas principais razões pelas quais pode ser que não estejamos frutificando como devíamos. Pode ser por ignorância, pelo fato de jamais nos terem ensinado o significado da obra de Cristo para nossa vida presente. Nesta área há cinco possíveis formas de ignorância: Primeira. O cristão pode ter aprendido como ser justificado sem nunca ter vindo a saber o sentido atual da obra de Cristo em seu favor.

Segunda. Pode ter recebido instrução sobre como tornar-se cristão mediante a instrumentalidade da fé, e depois pode ter sido deixado entregue a si mesmo, como se desse ponto em diante devesse desenvolver a vida cristã com seus próprios recursos.

Terceira. Pode ter aprendido o oposto. Isto é, que havendo aceitado a Cristo de algum modo antinomiano, não importa como viva.

Quarta. Podem ter-lhe ensinado alguma espécie de segunda bênção que, quando fosse recebida, o tornaria perfeito. A Bíblia não ensina assim. Assim, o cristão espera em vão, ou procura agir numa base falsa.

Quinta. Talvez não lhe tenham ensinado que há uma realidade da fé a ser posta em ativo e consciente funcionamento, depois da justificação. Este último ponto refere-se à ignorância típica de muitos que pertencem à corrente histórica ortodoxa da Reforma.

Por causa de qualquer desses tipos de ignorância, pode ocorrer que o cristão não "tome posse de suas possessões" nesta existência. Mas quando alguém apreende o significa-

do da obra de Cristo na presente vida, vê abrirem-se-lhe novos portais. E tão maravilhosos estes lhe parecem que freqüentemente dão ao discípulo de Cristo — ao começar a agir apoiado no conhecimento da fé — a sensação de algo tão cheio de novidade como o fora sua conversão. Isso é o que tem acontecido a muitos de nós que, a certa altura, depois de havermos vivido como cristãos por longo tempo, de repente, seja pelo ensino direto da Bíblia ou pela instrumentalidade doutrem, captamos o significado da obra de Cristo e do sangue de Jesus Cristo para nossa presente vida. E eis, nova porta se abre diante de nós. Deste modo, o que é preciso é o conhecimento do significado da obra de Cristo em nossa vida atual e em nosso favor, e então, agir em função desse conhecimento, pela fé.

Contudo, é-nos possível conhecer a doutrina por assentimento mental sem torná-la realmente nossa; e aí está outra razão por que não produzimos os frutos que devíamos produzir. Em última análise, jamais se dá que a doutrina seja, só ela, o importante. O que conta é sempre a doutrina de que nos tenhamos apropriado pessoalmente. Podemos ver isso no caso da justificação. Existem, infelizmente, muitos que ouviram e conhecem o Evangelho, sem que haja recebido a Cristo como seu Salvador pessoal. Em tal caso, a pessoa tem o conhecimento, mas este nada lhe significa, porque não se apoderou dele. Pode dar-se isto no que se refere a esta existência. Pode acontecer que conheçamos a verdade, pode acontecer que tenhamos o conhecimento sem que nos tenhamos apropriado dele. Se sucede isso, esse conhecimento não tem nenhuma significação prática para nós, e o fruto esperado não será produzido. Mas não há por que ficarmos na ignorância nem na confusão. Se somos cristãos de fato, sabemos como fomos justificados quando nos tornamos cristãos. Há vívido paralelo entre a prática da santificação e aquilo que sabemos da justificação. Em outras palavras, se sou mesmo cristão, fui justificado e, repensando minha justificação, tudo o que tenho que fazer é enxergar os paralelismos que existem entre a justificação e a vida cristã. O exame deles elimina todos os motivos para ignorância ou confusão, porque há estes paralelos muito definidos entre ambas:

Na justificação, a base é a obra consumada por Jesus Cristo; na santificação, a base é a obra consumada por Cristo. Na justificação, temos que ver, reconhecer e agir em função do fato de que não podemos salvar-nos a nós mesmos; na santificação, temos que ver, reconhecer e agir em função do fato de que não podemos viver a vida cristã contando apenas com nossas forças ou com nossa bondade.

Na justificação, o instrumento pelo qual recebemos o livre dom de Deus é a fé, fé que nos capacita a crer em Deus e nas promessas que nos fez, registradas na Bíblia. Na santificação, o instrumento pelo qual recebemos o livre dom de Deus é a fé, fé que nos capacita a crer em.Deus e nas promessas que nos fez, registradas na Bíblia. É a mesma coisa. Há, porém, uma diferença entre a prática da justificação e a da santificação. Como a justificação tem que ver com nossa culpa, e a santificação trata do problema do poder do pecado em nossa vida como cristãos, a justificação é uma vez por todas, e a vida cristã é momento após momento. A diferença consiste, pois, em que a primeira labora com a culpa do meu pecado, e a segunda, com o poder do pecado em minha vida.

Se somos cristãos, compreendemos e agimos apoiados na obra consumada por Cristo uma vez por todas em nossa justificação, e nossa culpa desapareceu para sempre. Agora, tratemos de compreender e.agir apoiados na concretização da mesma obra de Cristo momento após momento em nossa presente existência.

Permita-se-me repeti-lo: Na prática, a única diferença é que a justificação dá-se uma vez por todas, ao passo que a vida cristã vai-se desenvolvendo momento a momento. A vida cristã está em processo ativo momento após momento com base no mesmo princípio, e da mesma maneira como eu agi no momento da minha justificação.

Notemos porém que, doutra perspectiva, mesmo aí não há diferença real porque a vida é uma sucessão de momentos, um momento de cada vez. Quando dizemos "momento após momento", estamos praticamente falando de uma sucessão de momentos históricos singulares. Ninguém vive sua vida toda de um golpe. Este é outro daqueles

pontos que têm recebido meticulosa observação da parte dos existencialistas. A vida não é uma experiência do tipo que vale uma vez por todas. É uma série de momentos. Desta maneira, quando falo em viver a vida cristã momento a momento, sei que na prática só posso vivê-la um momento de cada vez, exatamente como a justificação se deu em um momento dado. Não há outro modo de fazê-lo. Neste sentido, a diferença entre ambas não é absoluta. Ninguém pode viver senão momento após momento, e só um momento de cada vez. A história é como gume de faca afiado como navalha. Deus deu à seqüência realidade concreta, de modo que o presente é o presente pará mim, o futuro é o futuro, e o passado é o passado.

Assim é que devemos crer nas promessas de Deus neste preciso momento em que estamos. Conseqüentemente, crendo nas promessas de Deus, nós as aplicamos — eis o significado atual da obra de Cristo pelo cristão — neste e para este exato momento. Basta que você perceba isto para que tudo mude. Quando cremos em Deus para este momento, não apagamos o Espírito Santo. E pela ação dele o Cristo ressurreto e glorificado, como o Esposo da igreja, como a Videira, frutifica por nosso intermédio aqui e agora. Isto é o que constitui a prática da passividade ativa. E é o único modo pelo qual se pode viver; não há outro modo de viver, senão momento após momento.

Falando de "passividade ativa", podemos tomar outra vez Maria como exemplo. Maria, que tivera a promessa angélica de que daria à luz o Messias de há muito prometido, creu em Deus e se colocou como serva submissa à disposição de Deus para que Ele se utilizasse do corpo dela para o nascimento virginal de Jesus. Ela foi passiva, no sentido de que não podia causar o nascimento do menino, mas foi ativa no sentido de que, pela fé, foi obediente e se entregou a Deus. Agora, então, observe-se que ela o fez em um dado momento. Não segue daí que Maria foi sempre fiel a Deus. É questão de fato, segundo se lê nos Evangelhos, que há boas razões para convencer-nos de que, depois daquela ocasião, nem sempre ela esteve naquela mesma condição de passividade ativa como estivera naquele preciso instante em que disse: "Que se cumpra em

mim conforme a tua palavra" (Lucas 1.38b).

Assim é que, também para Maria, foi naquele momento definido. O mesmo há de ser conosco. Aceitamos a Cristo como Salvador em um preciso momento, e nossa culpa foi varrida, com base no valor da obra consumada por Jesus Cristo. Mas depois de que nos tornamos cristãos, os momentos continuam a suceder-se, o relógio continua batendo; e em cada instante, somos chamados a crer em Deus, a erguer para Ele as mãos vazias da fé e deixar que através de nós flua a frutificação.

Temos acabado de falar da fé. Façamos uma pausa. Vivendo na segunda metade do século vinte, temos de continuar dizendo o que é fé no sentido bíblico. A fé cristã nunca é fé na fé. A fé cristã jamais é sem conteúdo. A fé cristã nunca é um salto no escuro. A fé cristã sempre é crer no que Deus disse. E a fé cristã repousa na obra que Cristo consumou na cruz.

O fato de viver a fé como se já estivéssemos mortos, de viver pela fé em franca comunhão com Deus, e então retornar ao mundo externo como se já tivéssemos ressuscitado dos mortos — não é algo acontecido uma vez por todas; é questão de fé momento a momento e de viver momento a momento. A fé que me valeu hoje cedo de modo nenhum se prestará para o meio dia. A fé que funcionará ao meio dia jamais será adequada à hora do jantar. E a da hora do jantar nunca será boa para a hora de dormir. A fé da meia noite jamais será própria para a manhã seguinte. Graças a Deus pela realidade para a qual fomos criados, a comunicação com o próprio Deus, momento após momento. Devíamos ser de fato agradecidos porque a qualidade tipo momento após momento reduz a coisa toda às nossas medidas pessoais, às medidas com as quais Deus nos fez.

Sendo este o caso, é óbvio que não há nenhuma solução mecânica para a vida espiritual autêntica, para a genuína vida cristã. Qualquer coisa que traga em si a marca da qualidade mecânica é um engano. Não se pode dizer: Leia uns quantos capítulos da Bíblia diariamente, e você obterá tal ou qual volume de santificação. Não é possível dizer: Ore tanto tempo cada dia, e você terá certa monta de san-

tificação. Não é possível juntar as duas regras mencionadas, e dizer: Com essas duas práticas você vai obter um grande pedaço de santificação. Tudo isso não passa de solução mecânica e, como tal, nega totalmente a posição cristã. Pois o fato é que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, nunca pode ter solução mecânica. A solução real está sendo elaborada na comunhão exercida momento a momento, na comunhão pessoal com Deus, e em deixar que a verdade de Cristo flua através de mim, mediante a ação do Espírito Santo.

Prestemos atenção no lugar que atingimos. É exatamente o que poderíamos esperar, à luz da unidade total do mais fundamental ensino da Bíblia. O mais fundamental ensino da Bíblia é que Deus existe e o que Ele é, com o corolário daquilo que o homem é, como formado à imagem de Deus. Vivemos num universo pessoal, não impessoal. Deus existe; Deus é pessoal; nós somos pessoais, e nossa relação com Deus só pode ser pessoal, não mecânica. Mo somos máquinas, não somos plantas, nem somos simples animais. Somos seres humanos, criados à imagem de Deus — seres racionais, seres morais. Quando fomos criados, nós o fomos com certo propósito. E o propósito. para o qual fomos criados, no qual se encaixam todos os nossos propósitos subsidiários, é estar em relacionamento pessoal com Deus, em comunhão com Ele, em amor e por escolha — a criatura ante o Criador.

Mas o pecado destruiu isto. A criatura tentou alçar-se ao nível do Criador; o finito pretendeu ocupar o nível do lnfinito. E agora, quando somos salvos à base da obra consumada por Cristo, nossa culpa foi retirada e nós somos remetidos de volta à adequada relação com Deus, não de modo mecânico, mas num relacionamento de comunhão pessoal.

Desta maneira, o homem está travando um combate válido quando peleja com esta questão básica, quanto ao problema da personalidade e da comunicação. De acordo com a Escritura, esta batalha está no ponto certo: Não o ponto de alguns tabus superficiais ou de algumas conformidades superficiais, mas o do tremendo problema da personalidade. A resposta que a Bulia dá ao problema é

que a comunicação central, que torna significativas todas as outras comunicações, é a comunicação do Criador e a criatura, comunicação restabelecida quando aceitei a Cristo como meu Salvador, havendo então sido coberta minha culpa.

Quando isto aconteceu, não devo fundar de novo um centro rival do universo. Isto seria antagônico à realidade toda. Ao aceitar a Cristo como meu Salvador, venho a estar na posição apropriada para mim, no lugar próprio, e em relação pessoal com Deus. Nisto consiste aquilo para o que fomos primeiramente feitos. A única diferença que há entre nossa relação atual com Deus e aquela que o homem teria mantido com Deus se não tivesse caído em pecado, é que agora isto ocorre sob a aliança da graça, e não sob a aliança das obras. Portanto, repousa na base da obra mediatária realizada por Cristo. Aí está a única diferença.

Da parte do homem, é o homem redimido como uma unidade que se levanta perante o Deus pessoal. Não é só uma parte do ser humano. A vontade, a mente, as emoções — tudo está envolvido: o homem completo, como uma unidade, envolvido nesta seqüência dinâmica de momento após momento, em um preciso lapso de tempo, crendo nas promessas de Deus concernentes ao significado da obra de Cristo na presente vida de cada um de nós. Eva duvidou de Deus. Este foi seu pecado. Chamou Deus de mentiroso. Eva duvidou de Deus, e agora eu, como filho de Deus, devo fazer exatamente o oposto: Devo crer nele. Eva duvidou, e a humanidade em rebelião duvida de Deus. Crer nele, não apenas quando aceito a Cristo como Salvador mas em todo momento, um momento por vez: eis aí a vida cristã, a vida espiritual autêntica.

8

Liberdade das Amarras da Consciência

Nos primeiros sete capítulos consideramos a liberdade, na presente vida, dos laços do pecado. Agora passamos a considerar a questão da liberdade, na presente vida, dos resultados dos laços do pecado. Ou poderíamos dar-lhe o título de "Mais amplas considerações da vida cristã genuína". Neste ponto começamos a entrar em conflito deveras agudo com o pensamento intelectual característico da segunda metade do século vinte. Veremos o que o cristianismo tem para dizer a isto.

Com este capítulo iniciamos nossas considerações com a questão da "vida espiritual autêntica" em relação ao ato de separar-me de mim mesmo, auto-alienação resultante da queda, ou seja, do pecado. Ora, precisamos manter isto na ordem certa. Temos que cuidar que não invertamos os termos. O pecado é a causa da escravidão e dos seus resultados. O pecado é que produz a escravidão, e não vice-versa. Desta forma, a compreensão e a ação com base na liberdade dos laços do pecado têm que ser vistas como fundamentais, e antes de se proceder à consideração da liberdade dos resultados daquelas amarras do pecado. Só podemos obter a resposta bíblica, as promessas de Deus ao cristão concernentes à sua libertação dos resultados das amarras do pecado nesta existência, depois de se tornarem reais estas duas coisas: Primeira, que somos cristãos de verdade; segunda, que nossa maneira de agir baseia-se no ensino bíblico acerca da liberdade dos laços do pecado. Aí está a razão por que os primeiros sete capítulos deste livro devem constituir a base daquilo que estamos começando a ponderar agora.

Qualquer sentido dado não passa de truque psicológico, de ilusão cruel, a menos que certas coisas sejam verdadeiras — objetivamente verdadeiras — ou, para usar a terminologia do século vinte, que sejam verdades proposicionais. Que fatos são esses, que precisam ser objetivamente verdadeiros?

A primeira coisa é a realidade objetiva de uma perspectiva sobrenatural do universo, bem como a realidade da salvação no sentido bíblico. Sem isso, o esforço do homem moderno por alcançar e colher para si algumas das bênçãos que, por assim dizer, flutuam na superfície da Escritura, não será mais que um estratagema psicológico Mas, atrás desta verdade jaz outra de cunho ainda mais fundamental: a existência de Deus, pessoal e infinito, à imagem de quem o homem foi feito. E posto que fomos criados por Ele à Sua imagem, existe realidade no conceito da personalidade humana. Este contrasta-se com todos os conceitos deterministas que dizem que não passamos de um conjunto de condições psicológicas ou químicas.

A terceira coisa que é preciso compreender é a verdade quanto ao dilema humano. A resposta bíblica é que o dilema da espécie humana, este dilema com que o homem do século vinte está pelejando para valer, é de natureza moral. O problema básico da espécie humana consiste em pecado e culpa — culpa moral mesmo, não apenas sentimentos culposos; e pecado moral mesmo, porque pecamos contra o Deus que existe de fato, o Deus que é Santo. Em oposição à neortodoxia e a todas as teologias modernas, precisamos entender que o pecado e a culpa são de fato morais. Não se devem simplesmente a certas limitações metafísicas ou psicológicas. O homem é de fato culpado perante um Deus Santo que existe mesmo e contra quem nós pecamos. Se não forem estas as bases, a esperança dada pela Escritura acerca da libertação dos laços do pecado é só uma cruel ilusão.

A esta altura devíamos considerar a questão da liberdade que devo desfrutar das amarras de minha consciência. Há duas atitudes contra as quais nos advertem a Palavra de Deus e o estudo da história da igreja, se é que

pretendemos evitar erros. Uma delas é a do perfeccionismo, como tem sido designada teologicamente. É o ensino de que o cristão pode tornar-se perfeito nesta vida. Este conceito revela sua falácia em duas esferas. A primeira consiste no ensino, defendido com sinceridade por muitos, de que em certo ponto da vida de um crente vem-lhe alguma segunda bênção após a qual ele nunca mais comete pecado. lnicialmente Wesley ensinou isto — mas não o fez mais tarde, pois chegou á perceber que esta posição não poderia ser sustentada de modo consistente. Há, porem, outra forma de perfeccionismo. Esta afirma que podemos experimentar perfeição momentânea. Como vimos, é verdade que a vida de cada um de nós é vivida momento a momento; mas o perfeccionismo de que estamos falando refere-se a uma absoluta "vitória" moral momento a momento.

Surge, pois, a questão se devemos esperar ter perfeição, seja de modo total ou para um preciso momento. Minha opinião é a de que essa expressão simplesmente nos atira num pantanal de discussões intermináveis sobre alguma idéia abstrata de vitória completa, mesmo que se trate de vitória "momentânea". A frase freqüentemente empregada é que podemos ficar livres de "todo pecado conhecido". Mas, acho que quando consideramos a Palavra de Deus primeiro, e depois a experiência humana, somos levados a reconhecer que há dificuldade com a palavra "conhecido", bem como com a palavra "consciente.", se falamos de pecado "consciente". O problema causado pelo emprego dessas duas palavras está em que, desde a queda,o homem vem-se enganando a si mesmo. Nós nos logramos a nós mesmos no profundo de nossa natureza subconsciente e inconsciente.

Quanto mais o Espírito põe Sua mão em minha vida e nela se aprofunda, mais eu compreendo quão profundas são as fontes de minha natureza. A psicologia labora nesse campo e lhe dá os nomes de subconsciente e inconsciente. Embora a filosofia subjacente à psicologia moderna seja muitas vezes fundamentalmente errônea, seguramente está certa quando indica que somos mais do que aquilo que aparece na superfície do nosso

ser. Somos como icebergue: um décimo fora dágua e nove décimos embaixo. É demasiado fácil enganar-nos a nós mesmos. Aí está a razão por que devemos questionar a palavra "conhecido". Se digo que posso estar livre de todo pecado "conhecido", por certo hei de reconhecer a validade da interrogação: Que é que eu conheço? Enquanto não possa descrever o que conheço, o que sei, não terá sentido ir adiante nem sequer inquirindo se posso estar livre do pecado "conhecido". Conforme o Espírito Santo foi pelejando comigo através dos anos, mais e mais fui ficando ciente das profundezas de minha natureza, e das profundezas das conseqüências daquela terrível queda ocorrida no Jardim do Éden. O homem está separado de si mesmo.

Agora devemos compreender também, à luz da estrutura global da Bíblia, que desde a queda tudo está sob a aliança da graça. A aliança das obras foi destruída pela escolha de Adão e Eva, escolha deliberada, livre e incondicional. No lugar daquela aliança, pela graça de Deus e com as promessas iniciadas com a que consta de Gênesis 3.15, o homem recebeu imediatamente a promessa da obra redentora do Messias, a realizar-se no futuro. Desta forma, da ocasião da queda em diante, tudo repousa na obra que o Senhor Jesus Cristo realizou na cruz. Não repousa sobre nós nem em nós. Daí, se há alguma real vitória em minha vida, não deve ser entendida como se fosse minha vitória ou minha perfeição. Este modo de ver não se enquadra no retrato que a Escritura nos oferece do homem, nem na maneira como Deus nos trata desde que o homem caiu em pecado. Não é minha vitória; é sempre a vitória de Cristo. Nunca se deve a minhas obras ou a minha santidade; sempre se deve à obra e à santidade de Cristo. Quando me ponho a pensar e a desenvolver a idéia de **minha** vitória, já estou dando sinal de que não há nenhuma vitória genuína. Na medida em que eu penso em **minha** santificação, não há nenhuma santificação verdadeira em mim. Sempre tenho **que** considerar este fato como pertencendo a Jesus Cristo.

Na verdade, só quando conscientemente levamos cada vitória aos pés de Cristo e ali a temos quando meditamos nela — e principalmente quando falamos dela — é que

podemos evitar o orgulho por esse triunfo, orgulho que pode ser pior do que o pecado sobre o qual proclamamos haver conseguido a tal vitória. Quanto maior for a vitória, maior será a necessidade de colocá-la conscientemente (e quando a comentamos, colocá-la oralmente) aos pés do Redentor.

Temos dito que não é apenas uma, mas duas, as atitudes falsas contra *as* quais temos que levantar-nos. A segunda é tão enganosa como a primeira.

No Catecismo de Westminster há a ênfase no fato de que pecamos diariamente por pensamentos, palavras e atos. Não está errado isso, mas pode ser torcido por nosso coração pecaminoso, passando a ficar carregado de erros. Ao ensinarmos as crianças que pecamos diariamente por pensamentos, palavras e atos, devemos ter o cuidado de adverti-las do perigo de julgar que podem olhar para o pecado em sua vida de modo leviano e abstrato. Se me valho da vitória de Cristo para meu ingresso no Céu, negar-lhe-ei a glória que Lhe é devida pelas vitórias eventualmente obtidas por Ele em mim e por meu intermédio, na presente existência? Se eu me fio em Jesus Cristo e Suá vitória na cruz para minha entrada num Céu futuro, ousarei negar-lhe aquilo que essa vitória há de produzir nas batalhas da vida terrena — batalhas travadas diante de homens, de anjos e do mundo sobrenatural? Que temível pensamento!

A Bíblia traça clara distinção entre tentação e pecado. Cristo foi tentado em todas *as* coisas, como nós. Entretanto, a Bíblia põe toda a ênfase em dizer que Ele nunca pecou (Hebreus 4.15). Conseqüentemente, há diferença entre tentação e pecado, e a Bíblia ensina que só o fato de sermos tentados não significa que forçosamente levamos is últimas conseqüências da tentação e caímos em pecado.

> "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1 Coríntios 10.13).

"Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5.3,4).

Não somos nós que vencemos o mundo com nossas próprias forças. Não temos aparelhamento de poder dentro de nós que nos possibilite vencer o mundo. Esta ação de conquista é obra do Senhor Jesus Cristo, como vimos. Pode ocorrer uma vitória, uma vitória prática, se levantamos as mãos vazias da fé momento após momento, e aceitamos a dádiva. "Esta é a vitória que vence o mundo". Deus prometeu e a Bíblia afirma que há um meio de escapar à tentação. Buscando a graça de Deus, deveríamos querer usá-lo.

Havendo comentado esses dois perigos, prossigamos.

Suponhamos agora que eu venho vivendo à luz do que Deus vem-nos dando para a presente existência. Como um filho de Deus, nascido de novo, venho pondo em prática a realidade da vida espiritual autêntica, nos termos em que Cristo a adquiriu para nós. E então vem o pecado e penetra outra vez em minha vida. Por algum motivo, minha crença em Deus, momento após momento, titubeia; o apego a algum pecado específico fez que, nesse ponto, eu não me deixasse impulsionar pela fé, apoiado no fato da restauração do genuíno relacionamento com a Trindade. A realidade do exercício da vida espiritual autêntica desliza subitamente para longe de mim. Certa manhã, ou tarde, ou noite, olho — e eis, algo se me foi, algo que chegara a experimentar: foram-se-me a serenidade e a paz. Não é que me tenha tornado de novo um perdido, porquanto a justificação é uma vez por todas. Mas, tanto quanto alguma pessoa pode ver, ou talvez eu mesmo, nessa circunstância fica faltando a demonstração da vitória obtida por Cristo na cruz. Olhando para mim, nesse ponto, os meus semelhantes não veriam em mim nenhuma demonstração de que a ação criadora de Deus produzindo criaturas morais, racionais, não é um fracasso completo. Sequer veriam alguma demonstração de que Deus existe. Visto que Deus ainda me segura com firmeza, não sofro o

isolamento da perdição; mas sofro separação de meu Pai no que diz respeito à nossa relação paterno-filial. **E** recordo o que chegara a possuir.

Surge aqui uma questão: Há um caminho de volta? Ou é como taça de porcelana bávara estilhaçada sem remédio num piso de ladrinhos?

Graças a Deus, o Evangelho inclui isto. A Bíblia é sempre realista, e não romântica: vê-me e me trata como eu sou. Há um caminho de retomo e sua base nada tem de novo para nós. É o sangue de Cristo, a obra que o Cordeiro de Deus realizou; a obra que Cristo consumou uma vez por todas na cruz, no espaço, no tempo — na história.

Tampouco o primeiro passo no movimento de regresso nos é novo. Ninguém é justificado, ninguém se torna cristão, enquanto não reconhece que é pecador. E em 1 João 1.4-9 se vê claramente que o primeiro passo rumo à restauração do crente caído em pecado é admitir diante de Deus que o que ele fez é pecado. É preciso que ele não invente desculpas, é preciso que não lhe dê outro nome; é preciso que não o jogue nas costas doutrem; ele tem que chamá-lo pecado, nada mais nada menos. E tem que arrepender-se desse pecado.

> "Estas cousas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa. Ora, a mensagem que da parte dele temos ouvido e vos anunciamos, é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz," (e essa luz não é apenas uma iluminação geral; é evidentemente a santidade de Deus) "mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (purificação que se dá no presente). "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1.4-9).

Este é o tratamento suave que Deus dá a Seus filhos

quando estes caem. Este é o propósito do castigo que Deus impõe ao cristão: fazer-nos reconhecer quê o pecado específico é pecado.

> "E estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe. É para disciplina que perseverais. (Deus vos trata como a filhos); pois, que filho há a quem o pai não corrige? Mas se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo sois bastardos, e não filhos".

Se cometemos pecado, e continuamos em pecado, e Deus não põe sobre nós Sua mão com amorosa punição, não somos filhos de Deus. Deus ama-nos o bastante para fazê-lo. Ele nos ama tremendamente. Ele nos ama como sendo nós Seus filhos adotivos.

> "Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a came, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade.
> Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hebreus 12.5-11).

Ele faz isso tudo visando a certo propósito. Não é só para produzir justiça em minha vida; é para que eu possa obter aquele "pacífico fruto de justiça" — ou seja, para que, não sendo omitidas essas coisas, eu possa estar em paz. Assim é o amoroso cuidado de Deus.

Mas há uma condição. Têm esse pacífico fruto da justiça aqueles que são postos em exercício pela disciplina de Deus. Em outras palavras, aqueles que aprendem aquilo que Deus lhes ministra mediante a disciplina. Deus o Pai castiga-nos para fazer-nos reconhecer que um pecado específico é pecado. Sua mão pode ir ficando cada vez mais

pesada sobre nós até que reconheçamos o pecado como pecado e deixemos de tentar fugir recorrendo a eufemismos, ao lançamento de culpa a outros ou a escusas de todo tipo. Queremos desfrutar da relação restabelecida? Podemos desfrutá-la como filhos de Deus. É uma possibilidade que pode concretizar-se a qualquer momento, mas não estaremos prontos para isso enquanto não estivermos dispostos a chamar o pecado específico de pecado.

O que se deve salientar é o pecado específico. Não basta dizer: "Pequei". Isto não significa nada. Tenho que estar decidido a chamar o meu pecado específico de pecado. É preciso que eu ocupe o lugar que me cabe no Jardim do Getsémani, ao lado de Cristo. Ali Cristo fala como verdadeiro homem. E fala o reverso absoluto daquilo que falaram Adão e Eva no Jardim da Queda, quando diz: "Não se faça a minha vontade, e, sim, a tua" (Lucas 22.42b). Golpeia a tecla exata daquele pecado específico. Não se trata de uma afirmação em termos gerais: "Quero que seja feita a tua vontade". Mas: "Quero que seja feita a tua vontade com referência àquilo que sabes que reconheço que é pecado".

> "Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade" (1 João 1.6).

Não existe isso, de continuar a andar deliberadamente nas trevas e ao mesmo tempo manter comunhão com Aquele que é luz e santidade. É simplesmente impossível.

> "Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo" (1 João 2.16).

Aí está algo que constitui a antítese, não só da lei externa de Deus, mas também do Seu caráter e do que Ele é. Como podemos dizer que mantemos comunhão com Ele, se deliberadamente andamos naquilo que é a antítese dele mesmo?

Portanto, digamos: "Não se faça a minha vontade, e, sim, a tua". E quando o digo em referência a um pecado específico, sou on*ra vez uma criatura perante Deus: ocu•

po o lugar para o qual fui feito. Como filho da queda, o eu volta a ser crucificado, porquanto não pode haver ressurreição sem crucificação.

Vimos que a ordem da vida cristã é clara: Não pode haver reparação sem arrependimento e sem confissão feita diretamente a Deus. Na unidade do ensino da Escritura, o que se deve esperar é justamente isso, se se começa com o ensino bíblico central de que Deus existe de fato. Ele é o Deus infinito e pessoal. Tem caráter. É santo. Não se trata de algo estranho inserido a partir de um ponto periférico: está no cerne da questão. Se isso é o que Deus é, o Deus que existe mesmo, e se me tornei Seu filho, é de esperar que, se peco, se faço algo que é a antítese do caráter de Deus, volte para Ele e, como uma pessoa à Pessoa divina, lhe diga: Sinto muito, Senhor!

Ele não é apenas uma doutrina, ou uma abstração. Ele é uma Pessoa que está aí. Na prática não podemos compreender tudo o que o pecado envolve. Principalmente se uma pessoa sofre de distúrbios mentais, nem sempre terá a possibilidade de classificar direitinho o que é pecado e o que é apenas confusão de sua parte. É bom relembrar aqui o exemplo do icebergue (nove décimos debaixo d'água e somente um décimo à tona). Não é sempre que podemos definir tudo aquilo que faz parte integrante do nosso pecado. Muita coisa do pecado pode estar sob a superfície, ou mesmo no subconsciente efervescente, mostrando-se apenas em certos pontos. Mas qualquer que seja a espécie de mal que esteja acima da superfície, a parte que nós compreendemos é pecado; e essa parte deve ser posta com honestidade diante de Deus, que conhece todos o nosso ser. E devemos dizer-lhe: Pai, pequei contra Ti. — É necessário que haja verdadeira tristeza pelo pecado que eu conheço, que está acima da superfície do meu ego.

Temos visto lá para trás que há paralelo entre a justificação e a santificação, isto é, entre o tornar-se cristão e o viver a vida cristã. Na justificação, o primeiro passo consiste em reconhecer que sou pecador, que estou merecidamente sob a ira de Deus, e que não posso salvar-me a mim mesmo. No exercício da verdadeira vida cristã, o primeiro

passo consiste em que eu reconheça que não posso viver a vida cristã por minhas forças ou baseado em minha bondade pessoal. Na restauração, depois de haver cometido pecado, o primeiro passo segue a mesma linha: Tenho que reconhecer que meu pecado específico é pecado. Não se trata de três princípios diferentes. É um só princípio que atua nas três fases mencionadas, porque a questão é sempre com o mesmo Deus e com o mesmo problema básico. Mas nem em tornar-me cristão, nem em frutificar como cristão basta o primeiro passo. Em cada uma das três situações, devo erguer as mãos da fé para, nessa precisa situação, receber o dom de Deus. E, ao pecar eu, como cristão, há uma coisa suficiente para resolver o problema: A obra que Jesus Cristo consumou no espaço, no tempo, na história — "lá no Calvário". Somente o sangue de Jesus Cristo é que é suficiente para purificar-me do meu pecado que como cristão cometi. Somente com base no sangue de Cristo é que se remove a mancha. Tenho que levar o pecado específico para debaixo do sangue de Jesus Cristo, pela fé. Portanto, é de novo a mesma coisa; trata-se da passividade ativa que já discutimos. Não o podemos resolver nós mesmos. Tampouco somos pedaços de pau ou de pedra. Deus nos fez à Sua imagem, e Ele sempre nos trata nesta base.

Bem, assim como na esfera consciente da santificação de modo global, tudo repousa na realidade do fato de que o sangue de Cristo tem sentido em nossa presente vida, assim também a restauração dá-se quando nós, pela fé, agimos baseados naquele fato em casos específicos de pecado. Muito da ênfase ortodoxa da igreja tradicional na corrente história da Reforma não tem sido posto suficientemente no lado consciente da vida cristã, eu acho. Não é uma "segunda bênção". É aprender a realidade do significado da obra de Jesus Cristo na cruz para nossa presente vida, e começar a agir conscientemente sobre essa base.

Creio que foi isto que João Wesley experimentou. Ele conheceu a operação direta de Deus em sua vida, com fundamento na obra que Jesus Cristo realizou. Entendo que nesse terreno sua teologia é errônea e que ele empre-

gou terminologia incorreta, mas no que concerne à sua aspiração, não errou. Sua aspiração era pelo conhecimento e prática da disponibilidade do sangue do Senhor Jesus Cristo para o significado atual de nossa vida. Não importa que termos usemos para expressá-lo; sua realidade repousa no conhecimento daquilo que Cristo adquiriu para nós, não só para levar-nos para o céu mas também com relação a esta existência; e então começar a agir com base nesta fé exercida momento após momento.

E na questão da restauração: O sangue de Jesus Cristo tem sentido para mim na presente vida quando caio e perco a paz. A restauração tem que estar primeiramente fundada na compreensão daquilo que Cristo fez por nós nesta esfera e, depois, em começar a praticá-lo, momento a momento. Não se trata de um processo mecânico; o significado da obra de Cristo em nossa vida atual deve ser exercitado de maneira consciente. Mas a base é a obra que Cristo consumou historicamente.

Quão alegres deveríamos ficar com a estória do filho pródigo. Eis aí um que, sendo filho, aprofundou-se no pecado, afundou na lama. A Escritura deixa claro que os pecados dele não foram poucos e pequenos, mesmo no conceito do mundo. Ele cometeu pecados "enormes". Apesar disso, o pai está à espera do filho quando este retorna, braços abertos, prontos para abraça-lo. O sangue de Jesus Cristo pode purificar o pecador por mais negros que sejam seus pecados. Não há pecado tão grande que impeça o restabelecimento de nossa comunhão com o Pai celeste, desde que humildemente o reconheçamos como pecado e, mediante a fé, coloquemos esse pecado específico sob o sangue de Cristo. Quando meu coração me condenar e clamar: "Você fez isto outra vez!", deverei renovar minha fé em Deus quanto ao valor da obra realizada por Jesus Cristo. Já vimos que tem que ocorrer a morte antes de que haja ressurreição. Mas à base da vitória de Cristo, a ressurreição há de seguir-se à morte. A vida cristã nunca termina no negativo. Há um negativo porque o homem é rebelde — rebelou-se contra Deus. Mas não finda aí; prossegue rumo ao positivo. Assim como meu corpo se levantará dos mortos um dia, assim o que se espera de

mim é que eu viva atualmente a vida de um ressurreto.

Acho extremamente benéfico que um homem, ao aceitar a Cristo como seu Salvador, incline a cabeça e diga: "Obrigado!" ao Deus que realmente existe — "Obrigado, Senhor, pela obra consumada". Sem dúvida tem acontecido homens serem salvos e se irem sem uma palavra de agradecimento consciente. Mas como é esplêndido quando alguém chega a ver-se como pecador e a compreender sua condição de perdido e, então, aceitar a Cristo como o seu Salvador e inclinar a cabeça conscientemente, dizendo: "Obrigado!" por essa obra de redenção absoluta e completa. Geralmente, é quando o recém-nascido dá graças a Deus, que lhe advém a segurança e que ele vem a repousar na certeza e na paz.

Assim é com a restauração. Há um paralelo que se prolonga aí. Se pecamos, é maravilhoso dizer conscientemente: "Obrigado, Senhor, pela obra que foi consumada" — depois de havermos posto aquele pecado específico sob a obra realizada por Cristo. Embora não absolutamente necessária para a restauração, a consciente ação de graças traz segurança e paz. Digamos: "Graças, ó Deus" pela obra que se realizou completamente na cruz, obra suficiente para uma relação restabelecida completamente. Como aconteceu em minha justificação, isso não ocorre graças às minhas emoções. A base é a obra que Cristo realizou na história e as objetivas promessas de Deus contidas na Palavra escrita. Se creio nele, e se creio naquilo que Ele me ensinou a respeito da suficiência da obra de Cristo para restaurar-me à comunhão, posso ter segurança, por mais negro que tenha sido o borrão do meu pecado. Esta é a realidade cristã da salvação na perspectiva de nossa percepção consciente.

Martinho Lutero, em seu comentário de Gálatas, mostra ter alcançado grande compreensão do fato de que nossa salvação inclui a salvação da escravidão de nossa consciência. E por certo natural e correto que, ao nos tornarmos cristãos, nossas consciências fiquem sempre mais sensíveis. lsto é obra do Espírito Santo. Contudo, não devo ser sobrecarregado por minha consciência ano

após ano pelos pecados passados. Quando minha consciência, sob o Espírito Santo, faz-ma ciente de um pecado específico, devo reconhecê-lo como pecado de uma vez e colocá-lo conscientemente sob o sangue de Cristo. Não estaremos honrando a obra que nosso Redentor realizou cabalmente se ficarmos lamentando aquele pecado sem parar. Digo isto com vistas à vida de consciente comunhão com Deus. Deveras, afligir-nos desse modo é menosprezar o valor infinito da morte do Filho de Deus. Devemos, ao contrário, dar glória a Deus por haver-nos sido restaurada a comunhão com Ele.

Agora, pode haver um preço ainda a pagar por meus pecados quanto ao Estado; pode ser que eu tenha feito ou faça danos às pessoas de minhas relações. Estas coisas têm que ser enfrentadas ainda. Mais tarde teceremos considerações sobre este assunto. Mas no que concerne à minha comunhão com o Pai, Deus ensina que essa comunhão é restabelecida com fundamento no valor do sangue de Jesus Cristo. E se o Seu sangue é de valor tal que pode retirar um rebelde pecador do reino das trevas e introduzi-lo no reino do amado Filho de Deus quando da justificação, que pecado pode ser tão grave que o sangue de Cristo não o possa cobrir?

Quando eu digo conscientemente a Deus: "Obrigado!" pela obra consumada, minha consciência deve entrar em repouso.

Quanto a mim mesmo, durante vinte anos, mais ou menos, em que travei essa luta em minha vida pessoal, só posso retratar minha consciência como um canzarrão preto, de patas enormes, saltando sobre mim, ameaçando cobrir-me de lama e devorar-me. Entretanto, se minha consciência assim descrita saltar sobre mim após eu ter lidado com um pecado específico à luz e à base da obra realizada por Cristo, deverei voltar-me para minha consciência e bradar-lhe: "Fique quieta!" Devo crer em Deus e tranqüilizar-me, em minha vida prática e em minha experiência. Minha comunhão com Deus foi restabelecida sobrenaturalmente. Estou purificado, pronto para reassumir a vida espiritual, pronto para ser de novo usado pelo Espírito Santo para os combates da fé no mundo lá

fora. Não poderei estar pronto enquanto não for purificado, mas, uma vez purificado, então estou pronto. Sobre o mencionado fundamento, posso retornar em busca da purificação quantas vezes necessite.

Para muitos cristãos, esse é precisamente o ponto vital da realidade. Todos nós pelejamos com este problema da realidade. Para tocar a realidade, os homens vão a extremos estranhos. Eis aqui, porém, o ponto:

> "Filhinhos meus, estas cousas vos escrevo para que não pequeis". Assim, pois, o chamamento não é para pecar. "Se, todavia, alguém pecar" (incluindo João, que se coloca nesta categoria) "temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo" (1 João 2.1).

Este é o centro da realidade para mim, pessoalmente. Se me firmo no sangue de Cristo, pela fé, aí é que repousa a realidade. Não em tentar viver como se a Bíblia ensinasse o perfeccionismo. Este não constitui a base da realidade; é apenas base para subterfúgio ou para desespero. Contudo, eis a realidade a que se refere o texto acima: A realidade dos pecados perdoados; a realidade da certeza de que quando um pecado especifico é posto sob o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, é perdoado. Esta é a realidade da relação restabelecida. A realidade não deve ser entendida apenas em termos de um credo, não obstante a importância dos credos. A realidade é para ser experimentada, e experimentada à base do restabelecimento da comunhão com Deus mediante a obra que o Senhor Jesus Cristo realizou uma vez por todas na cruz.

É preciso dizer uma coisa mais sobre este assunto.

> "Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo" (1 Coríntios 11.31,32).

Esta passagem ensina-nos que não temos por que esperar ser disciplinados antes de que possa ser restaurada nossa comunhão com Deus. A disciplina de Deus não é punição. Quanto à punição, já recebeu tratamento adequado na cruz do Calvário. É uma correção aplicada pelo Senhor para conduzir-nos de volta à comunhão com Ele, e não

precisamos esperar que nos venha a disciplina para depois ser restabelecida a comunhão. A disciplina sofrida por um filho de Deus não tem caráter penal. Este aspecto foi liqüidado na cruz. Não há duplo risco se o Juiz é o Deus Santo. Nossa culpa foi retirada uma vez por todas e para sempre. Portanto, se nos julgamos a nós mesmos, não recebemos a disciplina.

Conseqüentemente, podemos ler aqueles versículos de trás para diante: Deus não nos vai julgar com o mundo, razão pela qual Ele nos disciplina. Mas, se nos julgamos a nós mesmos, e damos ao pecado o nome de pecado, e o colocamos sob o sangue do Senhor Jesus Cristo, então Ele não terá que disciplinar-nos.

A isto é que Paulo nos concita. É soberanamente melhor não pecar. Mas não é maravilhoso que, quando pecamos, podemos correr para o local da restauração?

Assim, é da intenção de Deus que, como um dos Seus dons para a presente existência, tenhamos liberdade da falsa tirania da consciência. Muitos cristãos — senão todos — vêem que o primeiro passo na cura substancial que os pode beneficiar na presente vida é a substancial cura da separação de si mesmos resultante da queda e do pecado. O homem sofre separação primeiramente de Deus, depois de si mesmo e, por último, de seus semelhantes e da natureza. O sangue do Senhor Jesus Cristo dará a restauração absoluta e perfeita dessas relações quando Jesus voltar. Mas na vida atual há a possibilidade de uma cura substancial, abrangendo os resultados da separação entre o homem e o seu próprio ser, ou seja, sua auto-alienação. Este é o primeiro passo rumo à liberdade, nesta existência, dos resultados das amarras do pecado.

9

Liberdade na Vida do Pensamento

O próximo passo é discutir a vida espiritual autêntica quanto à separação de nós mesmos no mundo interno do pensamento.

Em Romanos 1.22-29 encontramos uma ordem estabelecida. O versículo 21 constitui uma introdução à passagem citada:

> "Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato".

Os que são mencionados aí conheciam a Deus. Podemos tomar o assunto como se referindo à queda original de Adão e Eva, ou à experiência numerosas vezes repetida na história, de culturas ou civilizações que conheceram ao Deus vivo e verdadeiro e depois se afastaram dele deliberadamente, como é o caso deste nosso mundo pós-cristão, assim chamado. Vemos que os homens conheciam a Deus, mas se tornaram nulos em seus próprios raciocínios. Esta expressão remete-nos ao mundo do pensamento deles. Segue-se, então, o versículo 22:

> "lnculcando-se por sábios, tornaram-se loucos".

Isto é algo interior.

Versículo 24:

> "Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si".

Eis aí o resultado. Portanto, vemos a ordem dos fatos: Primeiro, uma idéia na vida do pensamento deles, e depois,

o resultado externo daquela idéia.

No versículo 25 se nos diz que eles mudaram a verdade de Deus em mentira, e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador. É a rebelião interna produzindo imediatamente resultados externos, como vemos no versículo 24.

Vejamos agora o versículo 28:

> "E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável", (isto é, mente vazia de juízo) "para praticarem cousas inconvenientes".

Repete-se aí a referida ordem. Começando com o versículo 29, percorremos uma terrível lista de práticas externas.

Podemos dizer duas palavras sobre o ato externo: O interno precede ao externo, e este é produto daquele. Primeiro os pensamentos. Estes produzem os atos externos. A ordem é esta.

> "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que *é* o vosso culto racional" (Romanos 12.1).

Bem, isso ocorre no mundo externo. Note-se, porém, que o versículo primeiro não pode separar-se do segundo, que diz:

> "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus".

A passagem refere-se à apresentação de nossos corpos (realidade exterior), mas isto só tem sentido à base da compreensão da realidade interior. Paulo fala aí da necessidade de não nos conformarmos com este mundo. lsto não envolve apenas aspectos externos. O contraste estabelecido pelo apóstolo esclarece que devemos transformarnos pela renovação da nossa mente–e isto é interno.

Em Efésios 4.17 Paulo escreve:

> "lsto, portanto, digo, e no Senhor testifico, que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos".

A referência é ao mundo pagão, ao mundo perdido. Os que lhe pertencem andam "na vaidade dos seus próprios pensamentos". Certamente isto soa como Romanos 1: "Antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios". Fato da vida interior. Aí está o que há de errado com o mundo pagão: "vaidade dos seus próprios pensamentos".

Em Efésios 4.18 encontramos a razão disso:

> "Obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações".

Significa que seu entendimento está obscurecido. lsto é algo interior. Tudo isso flui da base de sua rebelião contra Deus. É exatamente como o explica Romanos 1. Mas, depois de mostrar a condição dos gentios, vem o versículo 19 com seu retrato dos amortecidos sentimentos dos homens, entregando-se eles à dissolução, para a prática de toda sorte de impureza, repassados de cobiça. Vê-se de novo a mesma ordem: do interno para o externo.

A seguir, topamos com um agudo contraste no versículo 20:

"Mas não foi assim que aprendestes a Cristo".

A palavra "aprendestes", ressaltemo-la, refere-se a uma ação ocorrida na vida interior do ser.

O paralelo com Romanos 12 é notável. O versículo 2 inclui esta expressão: "pela renovação da vossa mente". Ato interno. Já Efésios 4.22 trata de algo exterior:

> "No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano".

O "trato" aí referido enquadra-se em toda a estrutura da vida. É em si um aspecto interno. Depois transborda para a expressão externa. Desta maneira, tudo repousa no que diz o versículo 20: "Mas não foi assim que aprendestes a Cristo". — o que constitui uma realidade interior. A realidade interna inclui um movimento que dela parte para resultados internos e, em seguida, para resultados externos.

Agora é bom notar aqui outro elemento sobremodo importante no pensamento do século vinte e, em particu-

lar, da metade do século vinte. No versículo 18 ocorre a palavra "ignorância". Ignorância quanto ao conteúdo; não é bem o espírito de ignorância. No versículo 21 fala-se da "verdade em Jesus". Verdade é conteúdo. Verdade tem algo que ver com a razão. Verdade tem algo que ver com a criatura racional que Deus nos fez. Cá no mundo interior, o dilema não é assim como uma espécie de névoa cinzenta; relaciona-se a conteúdo.

> "E vos renoveis no espírito do vosso entendimento" (versículo 23).

Não é simples sentimento, digamo-lo outra vez. É questão de pensamentos no sentido racional, e tendo conteúdo.

> "E vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade". Ou, "em justiça e santidade pertencentes à verdade" (Efésios 4. 24).

Não se trata de uma santidade emocional apenas, mas de santidade quanto a conteúdo, santidade relacionada com pensamento e com uma série de coisas que podem ser estabelecidas como verdadeiras, em contraste com aquilo que é falso. Aquilo de que estamos tratando aqui é o problema da ignorância interior no sentido de rebelião, de apartar-se das coisas que constituem a verdade.

Eis aqui pensamentos interiores: pensamentos relacionados a conteúdo específico, dirigindo-se para a face exterior. Em Efésios 5.15,16 há uma passagem paralela:

> "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus".

A palavra "sábios", nesse texto, veicula igual mensagem. Liga-se ao mundo do pensamento, mas em contato com o que pode ser afirmado como verdadeiro: "Por esta razão não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" (versículo 17). "Insensatos" está em contraste com "sábios" e com a palavra "compreender". "Compreender" pertence também ao mundo do pensamento, relacionado com aquilo que a vontade do Senhor é. A "vontade do Senhor" aqui não é

uma noção existencial no sentido do século vinte. Refere-se a conteúdo, em relação a que poderíamos falar de verdade proposicional ou objetiva. Em oposição a "andar como néscios" vem o versículo 18:

> "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito".

Os versículos 19, 20 e 21 começam a expor alguns dos resultados externos disso:

> "Falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo".

São resultados externos de uma posição previamente adotada no mundo do pensamento. Aqui há um fator adicional que é dos mais importantes no que diz respeito ao nosso pensar. A obra do Espírito Santo, o Agente da Trindade, não é um casaco que se possa vestir ou despir. Não é algo externo, de modo algum. É uma realidade interior que produz efeitos exteriores.

Prossigamos, pois, em nossa compreensão da verdadeira espiritualidade na vida cristã. Basicamente é questão relacionada com nossos pensamentos. Os atos e fatos externos são a expressão deles, o resultado. As batalhas morais não são primeiramente vencidas no mundo externo. Essas vitórias sempre são o resultado que flui naturalmente de uma causa, e essa causa está no mundo interior dos pensamentos da pessoa. Jesus, de fato, salientou esta verdade com expressões contundentes:

> "Raça de víboras, como podeis falar cousas boas, sendo maus? porque a boca fala do que está cheio o coração" (Mateus 12.34).

Há os que fazem distinção aqui com relação ao termo "coração", alegando que abrange mais do que meros pensamentos. Todavia, mesmo que se queira entender assim, o fato importante é simplesmente que aí estamos lidando com o mundo interior. O que Jesus está dizendo é que se a condição interior não é boa, não se podem produzir bons resultados.

"Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca; isto, sim, contamina o homem" (Mateus 15.11).

Jesus diz isso em atenção à pergunta que lhe fizeram pouco antes: "Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? pois não lavam as mãos, quando comem" (versículo 2). Esta espécie de pergunta é sumamente importante para o externalista. Mas Jesus diz: Não entendeis nada? O que provém do homem é que contamina o homem.

"Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre, e depois é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as cousas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, não o contamina" (versículos 17-20).

Jesus salienta o aspecto interior. O interior antecede ao exterior. O interior produz o exterior. E questão de causa e efeito.

No Sermão do Monte Jesus trata deste assunto também.

"Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.
Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento" (Mateus 5.21,22a.)

Compare-se isto com 1 João 3.15a.

"Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino".

Agora chegamos à hora de dar um passo mais. O mundo do pensamento continua sendo o primeiro, mas há alguma coisa mais a ponderar. Quanto à moral, **o que importa** é **o pensamento.** Não é só que o ódio leva ao assassinato; moralmente já é assassinato. Dou ênfase ao vocábulo "moralmente" porque isso é diferente do assassínio consumado concretamente. Não obstante, moralmente, o ódio é assassínio.

Até este ponto, já demos três passos: primeiro, a reali-

dade interior é a que vem em primeiro lugar; segundo, o interior ocasiona o externo; terceiro, moralmente o fator interno é central. O leitor recordará que no Capítulo 1 vimos que ao quebrarmos um dos outros mandamentos já quebramos aquele que envolve o ser interior: Não cobiçarás.

Na experiência de José relatada em Gênesis 37.4 em diante, temos um perfeito exemplo disto. Os irmãos de *José* "odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente". A raiz do problema todo está no ódio em seu íntimo. Depois, "tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras. O ódio vai-se acumulando, como uma onda prestes a se derramar. Mais adiante: "Seus irmãos lhe tinham ciúmes".

Temos aí o rompimento do mandamento que proíbe cobiçar. No momento em que a quebra do mandamento se externaliza, sua realidade interior já está no passado. No que concerne à situação moral, embora o resultado externo total esteja ainda por vir, sua realidade já está sobre eles. Por isso "conspiraram contra ele para o matar. ...Vinde, pois, agora, matemo-lo, e lancemo-lo numa destas cisternas; e diremos: Um animal selvagem o comeu; e vejamos em que lhe darão os sonhos". Seu desejo consciente era matar o irmão e quebrantar o coração do pai. Todas essas coisas surgiram, não no mundo externo, mas, sim, no mundo interior dos seus pensamentos, em seu ódio, em sua inveja. O pecado dos irmãos de José não se cometeu só no momento de o venderem ao Egito, mas na realidade do mundo interior. É o mundo interior do pensamento que distingue o homem como homem. Na introdução a "A Epopéia do Homem" *(The Epic of Man),* Loren Eisley, antropólogo na Universidade da Pensilvânia disse o seguinte, acerca do homem: "O homem primitivo penetrou em sua própria cabeça e daí por diante tem estado em processo de adaptação Aquilo que encontra ali".

E uma afirmação tremendamente espantosa porque é tão clara e tão aguda como um diamante. Parte dela é perfeitamente verdadeira; e é inteiramente falsa naquilo que ele faz com ela.

Eisley transformou essa afirmação numa proposição

evolucionista. Nisto ele errou. Mas tem absoluta razão em observar que o homem, quer o achemos num estado mais primitivo ou numa condição sofisticada e culturalmente civilizada, distingue-se como ser humano pelo fato de que de modo muito real ele vive dentro de sua própria cabeça. Ele tem um mundo interior de pensamento que é único, singular. A moderna psicologia do subconsciente tem a mesma compreensão. Os modernos psicólogos do subconsciente afirmam que aquilo que distingue o homem dos animais é que o homem — muito estranho para eles, porque não sabem donde vem isto — tem medo de não ser. Algo "dentro da cabeça" do ser humano é que o distingue, não algo externo. Ele tem uma vida de pensamento que difere de tudo o mais que observamos no mundo. O homem vive em sua cabeça; esta (com verbalização) é a singularidade do homem.

No relato da queda, em Génesis 3.6, lemos:

> "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento...."

Aqui está a percepção de que, no que concerne à moral, o pecado é primeiramente interno. Mas tem resultado externo:

> ..tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu".

A queda corre do interior do ser humano para o exterior.

Mas, em lsaías 14.13,14 descobrimos uma coisa aterradora — a queda de Satanás, anterior à do homem:

> "Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo."

Onde aconteceu tudo isto? Primeiro de tudo devemos dar-nos conta de que a Bíblia não retrata a Satanás como tendo corpo como nós, nem coração físico. Esse texto bíblico fala de realidade internas. Onde estaria o pecado de Satanás, Lúcifer, quando ele caiu? "Tu dizias no teu cora-

ção". A rebelião de Lúcifer, como a de Eva depois, é primeiro interna; desta, promana o elemento externo.

Retornemos, porém, a Adão e Eva, por um momento, em sua queda e rebelião. Que vemos? Vemos Adão — e falo só dele porque é mais fácil falar de um — agindo como uma unidade de personalidade. Seus pensamentos, sua vontade e suas emoções estão todas envolvidas como uma unidade. Ele não é mera reunião de peças. Há uma unidade que é o homem individual, a personalidade individual, e isso é que está em ação aí: alguém que podemos chamar de Adão, ou Eva. Num caso ou noutro estamos lidando com uma unidade de personalidade.

Ao tratarmos da queda de Satanás e, depois, da queda de Adão e Eva, num sentido particular temos que pensar neles de modo unido, sem separá-los, pois Satanás rebelou-se antes de tentar a Eva e antes de esta dar o fruto a Adão. Em termos daquilo que eu chamo de "teologia da queda" o fator realmente vital é que não havia nenhum condicionamento prévio. O que temos ali é a unidade de personalidade fazendo uma escolha absolutamente incondicionada, no mundo do pensamento. Ali há, pois, uma verdadeira causa primeira. Toda a teologia cristã e toda resposta cristã caem por terra se admitimos que houve ali a intromissão de algum condicionamento anterior. Há uma unidade de personalidade que faz, no mundo do pensamento, uma verdadeira escolha que constitui uma verdadeira causa primeira de um resultado exterior. Produz algo que antes não existia, algo terrível, algo que a todos nos levou a lágrimas e a tristezas: o mal. Deus, sendo infinito, sabe todas as coisas sem necessidade de ter experiência delas. Deus, sendo infinito, sabe não somente tudo o que virá a ser, mas também tudo o que poderia vir a ser. Ele não precisa fazer ou ter experiências para poder conhecer as possibilidades. Ele criou o homem e os anjos, havendo possibilidade para o mal no universo porque Deus os fez seres verdadeiramente morais e realmente racionais. Ele os fez assim a fim de que pudessem amar ou dizer "não" ao amor, mesmo contra o próprio Deus. E ali, na queda, temos a unidade de personalidade fazendo unia verdadeira escolha no mundo do pensamento, com uma

verdadeira causa primeira que produziu algo que brilhou qual relâmpago sobre todo o mundo do homem: o mal, negro escuro e trevoso, com um vasto mar de lágrimas. Eles exerceram o pensamento na condição de uma unidade de personalidade; fizeram a escolha e a introduziram no mundo externo.

Chegamos, assim, ao próximo ponto: de dentro para fora fizeram algo; de dentro para fora eles, de fato, cometeram pecado.

Agora, pensemos nisto com relação a Deus. Deus é espírito. Portanto, não é um ser corpóreo. Contudo, é um ser pessoal. Vemo-lo na Carta aos Hebreus 11.6 onde se diz que Deus é "galardoador dos que o buscam". O que distingue o Deus judeu-cristão é o conceito de Deus como pessoal e, não obstante, infinito. E como Deus pessoal, Ele pensa, age e sente. Na esfera da criação, Deus pensou, falou e **surgiu à** existência o mundo externo. Não há palavras que expressem quão maravilhoso é isto. A Ciência Cristã erra quando diz que tudo se restringe ao mundo do pensamento. O pensamento oriental erra em que, com freqüência, reduz tudo, afinal das contas a um sonho de Deus. O mundo objetivo não é uma extensão da essência de Deus: o universo não é Deus. O universo tem existência real e objetiva. Há uma verdadeira existência externa fora do ser de Deus porque Ele a criou fora de Si mesmo. Não é parte dele. Ele falou, e existiu, externa e realmente. Notemos a afirmação bíblica de que, depois da criação, "nele tudo subsiste" (Colossenses 1.17), todas as coisas "se mantêm juntas". O mundo externo criado por Deus não se erige agora em centro do universo, rivalizando com o Criador. Nele e por Ele todas as coisas **se mantêm juntas** e, todavia, a Bíblia insiste em que, porque Deus o fez, o mundo externo é real e objetivo.

Mas é preciso não esquecer o outro lado, sob o risco de esquecer parte da maravilha daquilo que devíamos saber acerca do mundo como ele é, e de Deus como Ele é. E a coisa é que o pensamento da Trindade veio primeiro. Disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem" (Gênesis 1.26). Isso forçosamente nos leva de volta à Trindade antes da criação do mundo. Aí há pensamento, porquanto

Deus é um ser pessoal que pensa, age e que possui sentimento em Seu amor. O fiel da balança aqui é dos mais sensíveis, e temos que manter em equilíbrio ambos os pratos. Se não, perdemos a riqueza da posição cristã. Existe um mundo externo. Este não é prolongamento da essência divina. Mas, embora haja um mundo externo de verdade, que não é extensão da essência de Deus, primeiro Deus pensou. Essas realidades estavam no pensamento de Deus antes de serem trazidas à existência por Seu poder, por Seu fiat criador, resultando no mundo externo e objetivo.

No teto da capela sistina em Roma, estão os tremendos afrescos de Michelângelo . Entre eles está aquela magnífica representação da criação do homem. Deus está estendendo a mão para o homem recém-criado, e este ergue também a mão para Deus. Mas seus dedos não se tocam. Esta maneira de entender é bem cristã. O homem não é uma extensão de Deus, como a reprodução de ameba mediante corte. Na mencionada pintura, Deus criou o homem externo em relação a Ele, e ambos devem ficar sem tocar-se. O que quer que Michelângelo tenha tido em mente, o certo é que os que formularam a cristologia de Calcedônia, nos antigos credos da igreja, tinham isso vívido na mente ao dizerem que mesmo na pessoa una de Jesus Cristo não há fusão das naturezas divina e humana. Mas há ainda outra parte daquele afresco de Michelângelo que desejo usar como ilustração para o ponto sobre o qual vamos discorrendo. O braço de Deus está voltado para trás e há duas espécies de figuras sob Seu braço. Há algumas pequeninas figuras de querubins que se poderiam interpretar como a maneira de representar os anjos,própria da Renascença. Mas há sob Seu braço uma outra pessoa; uma bela jovem. Tem o semblante assustado, mas é magnífica. A maioria acha que é uma representação de Eva. Não como já criada, mas como era na mente de Deus antes da criação.

Nesta altura é preciso dizer que estaria errado e que estaria certo na interpretação da pintura de Michelângelo. Se ele estivesse dizendo que Eva era tão completamente "real" na mente de Deus como seria depois de ser

criada, então o conceito seria anticristão. Corresponderia ao conceito oriental. Eva tornou-se externa e objetivamente real naquele momento grandioso em que Deus fez Adão dormir e do homem formou a mulher. Mas, se Michelangelo quis dizer que antes de criar Eva Deus já havia pensado nela, então isto é uma chamejante verdade. O pensamento de Deus precedeu a Seus atos criadores.

Contudo, devemos tocar um segundo ponto que nos ensina algo sobre nós mesmos também. É o seguinte: Aquilo que foi criado do nada e que agora tem realidade externa e objetiva, expõe o pensamento de Deus e é, portanto, uma demonstração de quem e do que Ele é. O mundo externo não é uma extensão da essência de Delis. Entretanto, o mundo externo revela e exibe quem e o que Deus é. Devemos sustentar ambos os lados da verdade. Houve uma queda que estragou o mundo criado; apesar disso, Paulo nos recorda em Romanos 1 que o homem é condenado contra o pano de fundo da criação que, a despeito da queda, ainda fala de Deus. O mundo externo criado é uma revelação de Deus. Em teologia isto é denominado revelação geral de Deus, que circunda o homem no mundo externo, manifestando a divindade de Deus. E isso, tanto na natureza interior do homem que fala de Deus como ser pessoal, como na evidência do pensamento de Deus expresso no mundo externo criado.

"Revelação geral" e "revelação especial" são expressões teológicas que merecem alguma análise. A Biblia é a revelação especial. Necessitamos da Biblia para termos a mensagem da salvação, e para a obtenção do conhecimento dado por ela, cónhecimento que é a "chave" para a revelação geral. Mas a revelação geral — o que Deus fez, o que somos e o que nos circunda — expõe a existência de Deus e dá-nos verdadeira revelação dele. A revelação geral e a revelação especial constituem uma revelação unificada.

Volvamos ao homem. lsso tudo está em paralelo com o que a Bíblia diz a nosso respeito, como imagem de Deus. O mundo interior do pensamento vem em primeiro lugar, e produz o exterior. Esta verdade não nos deveria causar surpresa, porquanto fomos feitos à imagem de Deus, sendo, portanto, seres morais bem como racionais.

Juntando estes elementos, descobrimos: Deus pensa, e então produz o mundo que Lhe é externo e que Ele criou do nada; nós pensamos, e então produzimos o nosso mundo externo — ou seja, externamos objetivamente aquilo que estava em nosso mundo mental. A criação divina não consiste em um prolongamento de Sua essência, mas põe de manifesto aquilo que Ele é de fato. Igualmente, nossos atos que, no mundo externo, brotam de nossos pensamentos, não constituem uma extensão de nossa essência, mas revelam o que somos. A mesa modelada pelo carpinteiro não é extensão da essência do carpinteiro, mas exibe algo da essência do carpinteiro, proveniente de seu mundo mental. Satanás, Adão e Eva produziram o mal, e o fizeram surgir na qualidade de uma verdadeira causa primeira, cada qual em sua personalidade, cada qual agindo como uma unidade à parte. E cada um de nós, também, criado à imagem de Deus, é deveras uma primeira causa. Somos finitos; daí, não podemos criar coisa alguma do nada. Só Deus cria do nada. Eu sou limitado, mas, do mundo do meu pensamento, mediante o meu corpo, posso produzir realidades externas. Meu corpo é ponte para o mundo exterior.

Notemos que isto é exatamente o reverso de como somos atingidos pelo mundo externo. Algo ocorre no mundo externo, objetivo. Entro em contato com isso através dos meus sentidos. Mediante meus sentidos e meu corpo aquilo supre o mundo do meu pensamento e exerce influência sobre mim. Meus sentidos são a ponte que liga o que acontece fora de mim, no mundo exterior, e o fator que influi na unidade que eu constituo — minha personalidade. A ponte é o meu corpo. Pois bem, precisamente a mesma coisa dá-se na direção oposta. A ponte é o meu corpo. Penso, mas quando penso, posso produzir um verdadeiro mundo externo e objetivo, que brota das pontas dos dedos; e neste mundo externo, posso influenciar e formar coisas. Quão grande é o homem! Pensamos, e através de nossos corpos flui a realidade para sua concretização no mundo externo. Não criamos coisa alguma do nada, como Deus o faz, mas, no sentido em que estamos falando aqui, 'é apropriado dizer que o artista cria mesmo,

e que cada um de nós cria. Lembro-me de que, em minha juventude, ficava sempre aborrecido com ouso do verbo "criar" para descrever *ã'dbtà°dU artista,* do poeta, do compositor. Eu achava que essa palavra só devia ser usada com relação a Deus. Mas agora, depois de haver pensado muito nisso, e de haver pelejado tanto, fico alegre com o emprego do vocábulo "criar". É perfeitamente válido. Decerto que a criação divina e a minha diferem. Deus pode criar do nada, pelo fiat absoluto. Eu não, pois somente Deus é infinito. A única coisa pela qual Deus é limitado em Seus atos criadores é Seu próprio caráter. Eu sou limitado, não só por meu caráter mas também por minha finidade. Quando ajo criadoramente, produzo algo no mundo exterior que já fora criado por Deus. Não obstante, ressalvadas as limitações e diferenças, é perfeitamente próprio dizer que Deus cria e que nós criamos.

Pode-se mesmo dizer que é impossível aos homens não estarem criando coisas, verdadeira e constantemente. Ainda que eu quisesse parar de fazê-lo, não poderia. É-me impossível ficar sem criar coisas — verdadeira e constantemente — extemando-as do mundo do meu pensamento no mundo objetivo, dando-lhes expressão permanente. O artista pensa, e produz seu quadro artístico no mundo que lhe é externo. Mas, primeiro de tudo a pintura estava em sua mente. A mesma coisa acontece com o engenheiro, com o florista e comigo, ao escrever este livro. Quando vemos a obra criadora de um ser pessoal, encontramos nela as marcas do pensamento, em contraste com aquilo que se produz casualmente. Há, por certo, alguns casos marginais, como o de uma estalactite ou de uma acha qualquer de lenha em que imaginamos ver formas. Entretanto, quase toda vez que olho algo, posso dizer se traz a marca da personalidade e do pensamento que o anteciparam ou se não passa de um produto fortuito de forças mecânicas. A despeito das teorias do acaso apregoadas por Jacques Monod, podemos estar certos de que quando ele olha a seu redor, faz, com relação às coisas da vida diária, a espécie de julgamento acima descrito.

A Ciência Cristã, o pensamento oriental e o idealismo filosófico não são mentiras completas; são imitações da

realidade. Essas filosofias são totalmente erradas em seus sistemas e em sua direção, mas não são broncas. Enganam os homens não porque nada dizem, mas porque são distorções, são falsas representações. Embora não produzamos um prolongamento da essência do nosso ser, há uma revelação de nós mesmos; justamente como Deus não cria produzindo uma extensão de Sua essência, mas o que Ele criou constitui revelação dele. No que diz respeito ao homem, há o corpo e há um mundo real externo. Mas os pensamentos vêm em primeiro lugar, e são centrais. Deste modo, aqui está onde a vida espiritual autêntica do cristão repousa: na esfera de minha vida mental.

Com esta perspectiva, desejo agora reexaminar vários elementos da vida cristã, ou seja, da verdadeira espiritualidade, já considerados nos capítulos precedentes.

Primeiro. Dissemos que na vida cristã genuína, na verdadeira espiritualidade, temos de estar mortos para todas as coisas — boas e más — a fim de vivermos para Deus. Esta realidade é sempre interior; não pode ser externa. Depois, temos que ser como se tivéssemos ressuscitado dos mortos, vivendo novamente no mundo externo ao nosso ser interior. Já não é assunto interno, é externo: o fluxo é do interno rumo ao externo.

Segundo. Falamos da habitação do Espírito Santo no homem interior. A própria palavra "habitar em" indica realidade interior. Depois vem o fruto do Senhor crucificado, ressurreto e glorificado, fruto que mana para o mundo exterior através do meu corpo, pelos lábios, ao pronunciar uma palavra, por minhas mãos manejando um martelo para a construção de um abrigo para algum necessitado.

Terceiro. O amor é interno. Dizemos que devemos amar a Deus o bastante para nos sentirmos satisfeitos. Devemos amar nossos semelhantes o suficiente para não termos inveja deles. São sentimentos internos, mas fluem para o mundo exterior, em ação.

Quarto. O reverso disso tudo. Os golpes da batalha, oriúndos do mundo exterior do homem, caem sobre mim externamente. De muitas maneiras caem os golpes — severo ostracismo; o trancar da porta; um livro a queimar-se;

uma palavra ferina; um olhar carrancudo. Todos eles vêm sobre mim no mundo exterior. Mas, se parassem aí no mundo externo do meu corpo, como se eu fosse máquina, não me fariam chorar. Em vez disso, passam através dos meus sentidos,através do meu corpo, penetrando até aquilo que eu sou no meu mundo mental, no mundo do meu pensamento. E quando esses golpes atingem o meu mundo mental, de duas uma: Ou digo "Obrigado, Senhor!" a Deus, como já ponderamos; ou me rebelo contra Ele. Num ou noutro caso, o resultado logo aparece no mundo exterior.

Quinto. Comentamos a passividade ativa. Para ilustrá-la, falamos de Maria face ao nascimento de Cristo. Vejamos o que diz Mary Baker Eddy em *"Science and Health"* (Ciência e Saúde), acerca do nascimento virginal: "Os interessados na Ciência Cristã obtiveram a gloriosa percepção de que Deus é o único autor do homem. A virgem mãe concebeu esta idéia de Deus e deu a seu ideal o nome de Jesus. lsto é, Josué, ou Salvador. A iluminação dos sentidos espirituais de Maria silenciou a lei material e sua ordem de geração, e trouxe à luz seu filho pela revelação da verdade". lsto é horrível, absolutamente horrível. Diz ela que Maria pensou na idéia e a trouxe à luz. Contudo, nada poderia estar mais longe da verdade. lsto é o que simplesmente não ocorreu. O que sucedeu foi que o anjo veio a Maria e lhe disse que ela iria dar à luz um filho. Não algo que mostraria a imaterialidade do mundo material, mas, sim, o oposto. Do Espírito Santo foi concebido no ventre da virgem Maria o menino Jesus Cristo — incluindo seu corpo bem real. Mas, embora seja um fato que Mary BakerEddy estava errada, não esqueçamos o outro aspecto: o da passividade ativa. A primeira palavra dita pelo anjo atingiu Maria e, no mundo mental, ela tomou uma decisão. Ela não disse: "Eu o quero". nem: "Exijo que se cumpra a minha vontade". Ela apresentou-se a Deus e Lhe deu seu corpo, em atitude submissa, como fiel serva do Senhor.

"Então disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra" (Lucas 1.38). Antes de tudo, Maria enfrentou essas coisas em sua mente.

Se ela tivesse dito "não", não há razão alguma para pensar que o Espírito Santo gerasse fisicamente — deveras fisicamente, no ventre dela — o corpo de Jesus Cristo. Agora, é bom notar que esse caso foi absoluta e totalmente único: há somente um caso histórico de nascimento virginal — pertencente ao espaço e ao tempo. Noutro sentido, porém, como já dissemos, cabe-nos também a atitude de passividade ativa. Em nosso mundo mental, devemos dobrar-nos à obra do Espírito Santo em nosso ser interior. Deste modo, quando nós nos entregamos a Ele, em atitude de passividade ativa, o fruto do Cristo ressurreto e glorificado vem à luz por meio de nossos corpos, e se concretiza no mundo externo.

Façamos aqui duas observações concernentes a nós mesmos. Estas duas observações vão em resposta ao pensamento oriental — com nomes ocidentais ou não — e ao pensamento moderno destituído de propósito. Primeira: Fomos criados dentro de limites finitos. Não podemos criar como Deus criou. Contudo, é indizivelmente maravilhoso que eu, com todas as minhas limitações, posso originar produções reais no mundo externo; e que eu exerço influência a partir do mundo dos meus pensamentos, constituindo uma causa primeira, influência sobre algo que, daí por diante, assume realidade concreta em pedra, pintura, aço, madeira, ou nas vidas de outras pessoas. Todavia, não devemos omitir a segunda observação. E é que, mesmo depois de me haver tornado cristão, pode acontecer que eu seja uma espécie de **máquina que produz a morte**. Isto acontece quando eu, apesar de ter vida, e vida eterna, rendo-me a Satanás e não a Cristo. Que sublime é ser homem, feito à imagem de Deus. Que grave responsabilidade, porém, poder eu, do meu mundo metal, concretizar no mundo externo algo que conduz à vida, ou algo que leva outros à morte!

Chegamos, pois, às seguintes três conclusões:

Primeiramente temos que entender que a realidade da comunhão com Deus e do amor a Deus devem dar-se no íntimo do nosso ser. De nada vale falar do amor a Deus se não se compreende que esta gloriosa verdade pertence ao mundo interior dos nossos pensamentos. Até a comu-

nicação entre homens e mulheres tem que dar-se através do corpo, atingindo a esfera do mundo mental. O mero contato externo entre homem e mulher não pode ser chamado "comunicação". É relacionamento mecânico, apenas. Mas uma comunicação pessoal de verdade, não se restringe a contatos externos. Sempre vai ao interior da personalidade. O que estamos dizendo é verdade quanto à esfera da vida matrimonial, relação de homem e mulher de acordo com o plano de Deus. O contato físico não constitui comunicação ao nível da personalidade. Assim, a verdadeira comunicação de amor entre os seres humanos centraliza-se em nosso mundo mental. Os resultados e a expressão podem ser externos, mas o amor é realidade interior. A verdade é a mesma com referência a nosso amor a Deus. O resultado pode ser externo, mas o amor propriamente dito é sempre interno. Basta que os cristãos aprendam isto para que os problemas da vida cristã assumam perspectiva diferente. Tratemos de compreender quão importante é o mundo dos pensamentos. É o que me distingue como ser humano, em contraste com as máquinas. É isso que eu sou, e minha vocação consiste em amar a Deus de todo o meu coração, mente e alma.

A segunda conclusão é a de que a verdadeira batalha para o domínio dos homens está no mundo das idéias, e não naquilo que ocorre exteriormente. Toda heresia, por exemplo, começa no mundo das idéias. É por isso que, quando chegam novos obreiros à nossa instituição — "L'Abri" (O Abrigo), na Suíça — dirigimo-nos a eles dando ênfase ao fato de que nosso maior interesse está nas idéias, e não em personalidades e organizações. As idéias podem ser discutidas, o que não sucede com personalidades e organizações. As idéias constituem as reservas de sortimento do mundo mental, e das idéias irrompem todas as coisas do mundo externo: as belas artes, as obras de arquitetura, o amor e o ódio em suas expressões no comportamento, bem como os resultados do amor a Deus ou da rebelião contra Deus, no mundo externo da vivência prática. Onde uma pessoa vai passar a eternidade, depende de ler ou ouvir as idéias, a verdade propositiva, 'os fatos do Evangelho ocorridos concretamente no mundo

externo. Esses fatos, levados mediante o corpo ao mundo interior dos seus pensamentos, ali, no seu íntimo, no seu mundó mental, ou a fazem crer em Deus, com base no conteúdo do Evangelho, ou a fazem declarar Deus mentiroso. Não se trata de alguma experiência meramente mística ou existencialista. Não condiz com aquilo que um homem tal como Carl Jaspers chama de "experiência final" traduzida em termos religiosos, nem com as experiências alucinantes conseqüentes do emprego de drogas, sem conteúdo. Pode expressar-se racionalmente. Consiste de idéias, do conteúdo das boas novas. Mas, no que diz respeito ao significado que isto tem para uma pessoa, o que faz toda a diferença é se ela o aceita ou o rejeita no mundo dos seus pensamentos. Em outras palavras, se crê em Deus ou se O considera mentiroso.

É por esta razão que a tarefa de pregar o Evangelho jamais deve ser vista primariamente em termos de organização. A pregação do Evangelho é a proclamação de idéias, das candentes idéias comunicadas aos homens, como nolas revelou Deus mediante a Escritura Sagrada. Não se trata de alguma experiência destituída de conteúdo e recebida internamente. Consiste de idéias plenas de conteúdo; levadas a efeito conscientemente em nosso mundo mental. Isso é que faz toda a diferença.Desta maneira, quando afirmamos nossas doutrinas, devem ser idéias, e não apenas frases. Não podemos usar as doutrinas como se fossem peças mecânicas de um quebra-cabeça. Uma doutrina verdadeira é uma idéia revelada por Deus na Bíblia, idéia apta para funcionar adequadamente no mundo externo como ele é e como Deus o fez, adequada ao homem como ele é e como Deus o fez. Como tal, pode ser retransmitida, por meio do corpo, ao mundo mental do ser humano, e ali passar pelos efeitos da ação, reação e reflexão. A luta pelo domínio do homem centraliza-se no mundo dos pensamentos.

A terceira conclusão — a mais breve das três — é a de que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade — a vida espiritual autêntica — sempre se inicia dentro de nós, no mundo dos nossos pensamentos. Tudo o que dissemos antes, no estudo que fizemos sobre estar o cristão livre,

nesta existência, dos laços do pecado, e também livre, na presente vida, dos resultados das amarras do pecado, será um jargão sem sentido, nada mais que urna pílula psicológica, sem a realidade de que Deus exerce o pensamento, de que nós também exercemos o pensamento, e de que em cada passo a realidade interior é central e primordial. A luta espiritual — a derrota ou a vitória — está sempre no mundo dos pensamentos.

lo

Cura Substancial dos Problemas Psicológicos

No capítulo anterior discutimos o problema da vida dos pensamentos. Vamos considerar agora a vida cristã com relação aos problemas psicológicos. Este é o problema da auto-alienação do homem, e de suas relações para consigo mesmo no mundo mental. Pois bem. Como Deus é uma pessoa, Ele pensa, age e tem sentimentos. Também eu sou uma pessoa que pensa, age e tem sentimentos. Mas a pessoa constitui uma unidade. Posso pensar em minhas partes componentes de vários modos: como corpo e espírito, ou como minha parte física e minha parte espiritual. Terei razão se pensar na divisão do meu ser em intelecto, vontade e emoções; está bem que eu pense assim, porquanto estas realidades estão abertas à observação. Mas feriremos o conceito bíblico se omitirmos sua ênfase em que o homem é um todo uno — uma unidade — e não mera junção de partes. Nosso pensamento deve partir daí. Há um Francis Schaeffer que não é nem uma coleção de partes isoladas apenas, nem mero fluxo de consciência. O que quer que fira essa unidade promove a destruição daquilo que constitui real e basicamente o que o homem é e o que precisa ser.

Logo que começo a sentir isto, começo a ver algo muito, muito além de nossa restrição usual do conceito de pecado somente a um elemento forense. É fato que o elemento forense está aí, e de modo contundente, porque Deus é santo e, pela própria natureza da Sua santidade, é mister que Ele me declare culpado. Mas o pecado não se reduz a uma questão legal, somente. É algo mais.

A verdade não é apenas abstrata. Há, por exemplo, a verdade daquilo que eu sou. Agora, podíamos pensar em

duas áreas fundamentais, ao considerar a matéria relacionada com o que é o homem. A primeira envolve o Ser, ou seja, a questão da sua existência. É um dilema que defronta a todos os homens, seja qual for a filosofia que adotam. Uma verdade básica, da qual ninguém pode fugir, é a de que o ser humano existe. Problemas intermináveis amontoam-se sobre o não cristão quanto à questão de sua existência, de seu Ser. Não importa quem seja, nem qual seja a sua filosofia, ele existe e está aí. Nunca poderá fugir deste dilema, nem pelo suicídio. Sim, porque, se cometer suicídio, poderá antes ter a ilusão de que deixará de ser, de existir, mas, mesmo seguindo esta sua linha de pensamento, o suicídio nunca apagará o fato de que o suicida existira, tivera o seu ser. Podemos, pois, antes de mais nada, pensar no problema do Ser.

A segunda área relaciona-se com o que o homem é no círculo de sua existência. Em outras palavras, eu **sou,** mas que sou eu, em comparação com o que Deus é? Eu existo; Deus existe. Qual a diferença entre o círculo de minha existência e o círculo da existência de Deus? Por outro lado, qual a diferença entre minha existência e a existência dos animais, das plantas e dos objetos destituídos de consciência — visto que também existem? Sobra, então a mera existência, bem como as diferenciações entre mim e Deus, por um lado, e entre mim e os animais, as plantas e as máquinas, por outro.

Na esfera da existência pura e simples, não há resposta racional sem o Criador pessoal, o Deus da Bíblia. Não estou dizendo que não há resposta racional sem a **palavra** "Deus", pois é possível ter a palavra "Deus" sem que se tenha o conteúdo do Deus pessoal e infinito que é o Criador como a Bíblia O apresenta. Portanto, a solução não está no vocábulo "Deus". Está na existência do Deus da Bíblia: Sem a existência deste criador pessoal não há explicação racional da pura e simples existência como tal. Essa explicação não é possível, sem um ponto de referência infinito de natureza pessoal. Em sua peleja nesta questão, o homem necessita de duas coisas. Necessita de um ponto de referência infinito. Entretanto, isso não basta não é suficientemente alto. O ponto de referência infinito

tem que ser de natureza pessoal. É o que o Deus da Bíblia é. Por outro lado, quando eu, como cristão, me inclino perante este Deus que existe, eu posso sair da única posição lógica que o não cristão pode manter: que ele tem que viver, consciente mas em silêncio, no casulo do seu ser, ignorando tudo o que esteja fora do seu próprio ser. Este é o dilema final do positivismo de qualquer marca. É uma situação desesperada: Se ele quiser de fato manter-se coerente racional e intelectualmente, ele só poderá habitar num casulo silencioso; pode saber que ele está ali; mas não pode fazer o primeiro movimento para deixar o casulo.

Quando, no entanto, o cristão se rende a Deus, ele pode deixar o seu casulo, com a racionalidade em seu devido lugar. O homem sem Deus, desde que seja absolutamente coerente com sua posição, pode saber que existe, e nada mais. Não pode saber se existe alguma coisa mais. Seu problema é que ele não pode viver assim. E ninguém pode. Lógica e racionalmente, o homem não consegue subsistir nesse casulo de silêncio. Daí, ele se condena imediatamente em seu intelecto, não tanto por dizer-lhe Deus: "Você é um pecador", mas pelo ser que ele ê. Deus o fez racional. Ele não pode fugir desse casulo e, no entanto, tem que fazê-lo. Fica, então, esmagado por aquilo que ele é. Embora seja certo que Deus o condena judicialmente dizendo-lhe: "Você é culpado", o fato é que a própria natureza do homem alieniou-o de si mesmo. A tensão dá-se no íntimo do ser humano. Por outra parte, quando o cristão se dobra ante o Criador pessoal por quem sua própria existência humana anseia, desde os seus pés até aos confins do infinito estende-se uma ponte de respostas e de realidade. Essa é a diferença.

A posição cristã estabelece duas coisas: Que Deus, este Deus pessoa e infinito, existe; e que, como você foi feito à imagem de Deus, você também existe. Desde os seus pés até o infinito há por todo o caminho uma resposta que o capacita a fazer o primeiro movimento para fora do seu casulo intelectual. Deus falou, e Seu ensino forma unidade com o que Ele fez. A começar dessas duas coisas, há uma ponte que se estende à sua frente, como a lua esten-

de uma ponte de prata através do oceano, desde a linha do horizonte e chegando até você.

Portanto, a maravilha está em que essas duas respostas não terminam em uma simples e abstrata compreensão escolástica do Ser, embora isto já seja maravilhoso. Elas acabam em comunhão com o ponto de referência pessoal e infinito que existe, o próprio Deus. E isso é tremendo! Então você pode adorar-Lhe. Aí é onde se pode encontrar o culto verdadeiro. Não em vitrais coloridos, velas, altares e parâmentos; não em experiências vazias de conteúdo. Mas, sim, na comunhão com o Deus que existe e que está aí — comunhão para a eternidade e comunhão aqui e agora, com o Deus pessoal e infinito como Aba, Pai.

Todo o anterior é introdução, e está em paralelo com o que vem em seguida: A pergunta agora é: que é que eu sou, como ser humano. Poderia haver diversas respostas, mas, "racional e moral" é provavelmente a melhor coisa que se pode dizer neste século. Eu sou, eu existo; mas existo especificamente como ser racional e moral. Imediatamente se faz distinção de minha pessoa, de um lado e doutro, por assim dizer. Primeiramente, estou separado de Deus no sentido de que Ele é infinito e eu sou finito. Ele existe; eu existo. Ele é Deus pessoal; eu fui criado como ser pessoal, à Sua imagem. Mas Ele é infinito, ao passo que eu sou finito. Por outro lado, estou separado dos animais, dos vegetais e das máquinas porque, enquanto eu sou pessoal, eles não o são. Desta sorte, se devo começar a compreender meu dilema na presente existência — ou seja, minha separação de mim mesmo — é bom perguntar: "Quem sou eu? " Eu sou um ser pessoal, racional e moral. No que diz respeito à minha personalidade, sou semelhante a Deus; mas no que diz respeito ao outro aspecto, sou semelhante aos animais e máquinas, porque eles são também finitos. Mas estou separado deles porque sou um ser pessoal, e eles não.

Ora, a rebelião do homem consiste em tentar existir fora do círculo para o qual Deus o trouxe à existência. Ele tenta ser o que não é. Mas, ao tentar ser o que não é, todos os elementos que constituem aquilo que ele é levantam-se contra ele. Quando o homem comparece ante o

tribunal divino e Deus o julga, ele já se apresenta ali confrontado e julgado anteriormente, na vida atual, por tudo quanto o homem é.

Consideremo-lo em duas esferas: a da racionalidade e a da moralidade.

Na esfera da racionalidade, o homem tende, e nunca mais do que o faz em nossa geração, a fiar-se num salto de misticismo absoluto para a obtenção de respostas verdadeiras para problemas tais como o da unidade do todo o universo e do propósito do homem. Por um lado ele indaga: "Por que a existência tem que ser vista racionalmente? Por que não aceitá-la simplesmente como irracional? " Mas ele mesmo se condena. Dada a maneira como Deus o fez, ele entende que tem que haver alguma unidade. Assim é que todo ser humano tem dentro de si a tensão resultante do fato de que é como homem racional que Deus o criou. Em contraste com os animais e com as máquinas, ele é racional, e sua própria racionalidade o condena. Principiando por não se render a Deus, com forte brado de racionalidade ele acaba dando um salto nas trevas. Entretanto, quando ele salta na escuridão, sua racionalidade vai com ele e está sempre ali a requerer uma resposta básica à unidade do pormenor — ou seja, da realidade específica que ele constitui. Vê-se, pois, que ele está constantemente enroscado, constantemente dilacerado dentro de si próprio. Não lhe basta começar consigo mesmo e' de lá abordar o mundo exterior. Isto exige racionalidade infinita. — Eis, pois, o ponto que estou querendo esclarecer aqui: Na esfera da racionalidade, o homem está naturalmente alienado de si mesmo.

Na esfera da moralidade não é outra coisa a que se dá. O homem não pode fugir do fato dos impulsos para a realidade do certo e para o errado dentro de si. Não me refiro à moralidade puramente sociológica ou hedonista, mas, sim, à moralidade legítima, ao certo e ao errado que realmente existem. E ainda aí, partindo de si próprio ele não pode produzir padrões absolutos e nem sequer pode cumprir os pobres padrões relativos que inventou. Assim, tanto na área da racionalidade como na área da moralidade, tentando ser o que não é — visto que foi feito para viver

em relação com Deus — ele é esmagado e condenado pelo que é.

Sigamos outra linha de pensamento. Podemos dizer que a personalidade se demonstra por seu pensar, agir e sentir. Já ponderamos sobre o pensamento em termos de racionalidade. Consideremos agora o agir. Eis aí vontade e ação — mas tudo fica sendo um desafio à minha vontade. Posso querer fazer certas coisas, mas não posso acionar minha vontade de modo infinito, ilimitado. Mesmo na pequena área de uma tela de pintor, não o posso fazer. Se não posso agir ilimitadamente nas coisas pequenas da vida, quanto mais nas maiores. E assim, se exijo liberdade infinita, seja na vida como um todo ou seja numa pequenina área da vida, não a posso ter; não posso ser Deus no agir e na prática. Desta maneira, outra vez caio ao solo, subjugado por tensões naturais dentro de mim; e ali fico qual borboleta que alguém pegou, havendo-se-lhe perdido as asas tudo quanto há de delicado e belo.

Dá-se a mesma coisa na esfera das emoções, dos sentimentos. Não há melhor ilustração disto do que o exemplo de Freud e sua noiva. Freud, na verdade descrevendo o amor — dizendo que o fim de todas as coisas é o sexo, necessitando, contudo ele mesmo do verdadeiro amor — escreve à sua noiva: "Quando vier a mim, pequena Princesa, ame-me irracionalmente". Digo sempre que nenhuma palavra mais melancólica poderia ser escrita, vinda de alguém como Freud. Neste ponto específico, ele chega Aquilo que chamo de parada violenta e total. Ele se condena pelo que ele é, pelas emoções do amor verdadeiro que nele há, porquanto foi feito à imagem de Deus. Portanto, retomamos ao fato de que, rebelado o homem contra Deus, resultam no seu íntimo essas separações de si mesmo — essas formas de auto-alienação humana.

Em rebelião, pois, não permanecendo no âmbito que lhe cabe mas lutando por invadir o âmbito da existência de Deus, vez após vez o homem cai vencido no seu íntimo. A essa altura, restam-lhe duas possibilidades, e só duas, se é que pretende ficar no círculo da racionalidade. Pode retomar à sua posição diante do Criador pessoal, posição de criatura pessoal perante o Criador pessoal. Ou

senão ele pode descer abaixo da sua legítima posição. Esta segunda escolha não é feita por quaisquer razões *intelectuais* necessariamente baseadas em fatos; por sua rebelião, o homem escolhe rebaixar-se mais, ao invés de regressar ao seu lugar próprio como criatura ante o Criador absoluto. Ele se decide a ir para baixo porque só existe uma alternativa: ou voltar ou descer. O homem em revolução contra o Deus que existe, não ergue nenhum dedo indicador como as pinturas da Renascença que mostram João Batista apontando para o alto. O homem preso ao pecado toma seu lugar no meio dos círculos inferiores da existência. Desce de sua condição de ser humano para a existência inferior própria dos animais e das máquinas. E assim fica dividido de si e contra si mesmo em todas as partes componentes de sua natureza. Em qualquer ângulo que você focalize o pensamento neste assunto, o homem está dividido, separado de si mesmo em sua rebelião: na racionalidade, na moralidade, em seu pensamento, em sua ação, em seus sentimentos. Pela rebelião ele está separado de Deus em razão de verdadeira culpa moral, e é condenado por aquilo que ele é, querendo ser Deus e não o sendo, visto que é finito. Também está condenado porque não pode ocultar-se entre os animais e as máquinas onde tenta esconder-se. Ele traz ainda as marcas da imagem de Deus. Ele se condena em ambos os lados, em ambas as direções, simplesmente por ele ser o que Deus o fez. Cada elemento de sua natureza fala e proclama: "Sou homem". Por mais escura que seja a noite de sua alma em rebelião, há vozes que bradam de cada parte de sua natureza: "Sou homem; sou homem".

Não é de admirar, então, que, por causa da queda, o homem não só está separado de Deus, e não só o está dos outros homens (como bem o salienta o crime de Caim assassinando Abel), mas também está separado da natureza e de si mesmo. Na morte o corpo e a alma ficarão separados por algum tempo; mas Deus estabeleceu um testemunho na vida presente, em que o indivíduo está agora mesmo separado de seu corpo de muitas maneiras. Quando leio em Gênesis 3 a maldição que Deus lançou sobre o homem, fica-me evidente que grande parte da maldição recai

na separação em que o homem está de si mesmo **agora.** Grande ênfase ali é dada ao aspecto físico, mas por certo outras verdades estão presentes no texto.

> "E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos;" (passou a haver divisão entre ela e seu corpo) "o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher, e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: (maldição externa a ele, na natureza) em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás" (3.16-19).

Por ocasião da morte, algo separa-se do corpo, mas, na verdade, esta separação não espera pela morte. Há no ser humano uma divisão que o isola da natureza e de si mesmo, aqui e agora. Não é apenas que o homem esteja separado de seu corpo; ele está separado de si mesmo no mundo dos pensamentos de que já falamos. Na vida presente o homem tem sua personalidade dividida. Desde a queda ninguém tem corpo plenamente sadio nem personalidade que apresente completo equilíbrio psicológico. A queda trouxe-nos como resultado a nossa ruína como unidade pessoal, atingindo todos os elementos de que se compõe a nossa personalidade.

Pois bem, nesta situação aparece o moderno psicólogo não cristão tentando produzir integração em nosso mundo mental. Mas o que pretende o psicólogo não cristão — e isto por causa da própria natureza daquilo que ele crê — é produzir integração ao nível da rebelião original. Ou, quando muito, fundá-la de um salto para um andar superior destituído de base. Ele não pode ir além disto. O resultado é que a pretensa integração será uma tentativa ou de ligar aos animais e às máquinas o que na pessoa se rompeu, ou de promover um salto romântico. Não quer dizer que não há pormenores que não possamos aprender de psicólogos desse jaez. Há muito que

aprender de suas penetrantes pesquisas, pois são geralmente brilhantes, e notáveis observadores. Mas, no todo, suas realizações não atendem às necessidades, pois nelas o ser humano é tratado como se fosse o que não é. É como se tivéssemos um magnífico mecânico de motores e, porque vemos certas semelhanças entre a estrutura física do homem e a das máquinas, transferíssemos para ele todo o problema da nossa saúde física. O médico pode obter idéias novas mediante a observação do mecânico de motores! Mas o resultado total não seria suficiente. As questões e problemas básicos continuam prontos para se adiantarem para frente e para cima. Daí, o homem vê-se forçado a esconder-se dessas coisas nas profundezas do seu ser e, ao fazê-lo, essas coisas produzem nele novas divisões e novas cicatrizes. Em algum nível de sua consciência, o homem não pode esquecer-se de que é um ser humano; não pode negar totalmente sua verdadeira racionalidade ou sua verdadeira moralidade.

Por certo nesta altura se ouvirá um clamor dentro de nós. Decerto há de haver uma real resposta nesta vida para a separação de mim mesmo. Ou será que nada é real? A resposta é: "Sim, graças a Deus há". Creio que em certo sentido a chave está em levantar a questão. Como é que psicólogos que agem como se existisse Deus e Ele estivesse aí, mas apenas pragmaticamente, tais como Carl Gustaf Jung, são capazes de dar alguma ajuda a seus pacientes? Creio que é porque aquilo que de fato ajuda está sempre na direção da realidade daquilo que é. Um homem do tipo de Jung tem ao menos a palavra "Deus". Ou por detrás desta palavra pode haver ao menos o senso de algum propósito universal, aceito cega e irracionalmente, como no caso de Viktor Frankl. E isto segue a direção certa, especialmente no caso daqueles que usam a palavra "Deus". E isto ajuda. Para tais pessoas, estas coisas são como uma peça teatral. Mas, embora o ignorem, vão no rumo daquilo que é. De fato Ele está aí, o Deus pesssoal, santo no sentido moral. Não se rendendo a Ele, não O reconhecem. Contudo, pragmaticamente acham que devem agir como se Ele existisse.

Agora, justamente como na esfera do problema do ser,

a rendição do homem no casulo de sua consciência abre uma ponte para todo o caminho que está à sua frente, assim também, quando percebemos o que está envolvido aqui, vemos que deveras precisamos render-nos também neste ponto do eu dividido. Ao fazê-lo, uma ponte de compreensão e de prática abre-se diante de nós.

Devemos fazer aqui uma distinção importante. Nas pobres coisas em que nós, como homens, em nossa rebelião nos transformamos, existem de fato culpas de natureza puramente psicológica. Penso que com freqüência os cristãos que procuram ser fiéis ao Evangelho são demasiado severos sobre isso. Têm a tendência de agir como se não houvesse nada parecido com o que leva o nome de culpa psicológica. Mas há, assim como há ossos fraturados. A culpa psicológica existe mesmo, e é cruel. Mas, além dessa, os cristãos sabem que existe a culpa de verdade, culpa moral perante o santo Deus. Não é questão de culpa psicológica somente. Aí está a distinção.

Quando um homem se rompe nesses terrenos, fica cheio de confusão porque ele sente dentro de si verdadeira culpa e, todavia, vêm os pensadores modernos e lhe dizem que isso não passa de "sentimentos" de culpa. Mas não haverá jamais solução para estes sentimentos porque, embora sejam meros sentimentos de culpa, ele tem verdadeira consciência moral e verdadeiro sentimento de verdadeira culpa. Você pode afirmar-lhe um milhão de vezes que não há culpa verdadeira; ele continua sabendo que há. Você nunca encontrará uma pessoa que não tenha ainda percebido estes movimentos em sua consciência alguma vez na vida.

Anteriormente discutimos a questão de sermos salvos de nossa consciência individual. Vimos que há forte paralelo entre a justificação e a salvação das amarras da consciência. Sou cristão agora. Chamo de pecado o pecado específico. Reivindico a obra consumada por Jesus Cristo. Posso dizer a Deus: "Obrigado, Senhor!" E minha consciência pode estar em repouso. Notemos que neste processo a culpa real não foi ignorada; não foi varrida para debaixo do tapete. A culpa verdadeira encaixa-se numa estrutura completamente racional, entrosando-se mutuamente o

intelecto e os sentimentos morais, sem qualquer ruptura entre eles. Com toda a racionalidade em seu lugar, e conscientemente (com base na existência de Deus e na obra vicária que Jesus Cristo realizou), minha verdadeira culpa já não tem que ser passada por cima; é aceita como de minha responsabilidade, reconhecendo que deliberadamente fiz o que sei que é errado. Vê-se, pois, que a obra substitutiva e infinita de Cristo trata desse problema de modo razoável, verdadeiro e objetivo. Posso agora dizer à minha consciência: fique tranqüila! Foi-se-me a culpa real, e sei que qualquer coisa que me reste constitui minha culpa psicológica. Esta deve ser enfrentada, não em confusão, mas tendo-se em vista como parte da miséria do homem decaído.

Dizer que não há culpa propriamente dita é fútil, pois o homem como ele é sabe que existe verdadeira culpa moral. Mas, quando sei que a culpa real é realmente enfrentada por Cristo de modo que já não preciso ter medo de olhar para as questões que se aninham no profundo do meu ser, então posso ver que o sentimento de culpa que me fica é de culpa psicológica e nada mais. lsto não significa que a culpa psicológica não é cruel. A diferença é que agora posso enfrentá-la abertamente. Vejo-a em sua medida certa, sem aquela temível confusão de verdadeira culpa moral com culpa psicológica. Isto não significa que podemos alcançar perfeição psicológica nesta vida. Não o podemos na mesma medida em que não o podemos fisicamente. Mas, graças a Deus agora posso mover-me. Não estou mais correndo no gelo; esta é a diferença. Já não é preciso o velho círculo interminável. Nem o cão caçando sua cauda. Fez-se luz. As coisas recebem orientação, e eu posso mover-me como um ser humano integral, com toda a racionalidade que possuo funcionando em seu lugar próprio. Não espero tornar-me perfeito. Aguardo a segunda vinda de Jesus Cristo e a ressurreição do corpo para então tornar-me perfeito moral, física e psicologicamente. Mas agora, na presente vida, pode haver uma vitória substancial sobre esta divisão psicológica, vitória baseada na obra consumada por Cristo. Não será um domínio perfeito, mas será verdadeiro e substancial.

Sejamos claros quanto a isto. Desde a queda, não há ninguém que não tenha tido problemas psicológicos. Dizer que o cristão nunca tem problemas psicológicos revela falta de senso. É romantismo que nada tem que ver com o cristianismo bíblico. Todos os seres humanos temos problemas psicológicos. Estes diferem em grau e em espécie, mas, de um jeito ou de outro, com maior ou menor intensidade, desde a queda todos temos algum problema de natureza psicológica. E tratar disto é também parte integrante do aspecto atual do Evangelho e da obra realizada por Cristo na cruz do Calvário.

Uma coisa bem prática para nós e para as pessoas que desejamos auxiliar é que nem sempre é possível classificar a verdadeira culpa e a culpa psicológica, distinguindo-as. Neste ponto a idéia do icebergue é válida. lsso foi sempre importante, mas hoje é ainda mais importante porque os homens estão com o pensamento voltado nessa direção. Constantemente somos postos face a face com o conceito do subconsciente, na compreensão de que o homem é mais do que aquilo que está na superfície. Com muita freqüência o crente evangélico age como se não houvesse nada no homem além daquilo que está à tona d'água.

Desde a queda, o homem está dividido, está separado de si mesmo, e portanto, desde a queda existe aquilo que eu sou debaixo da superfície. Podemos pensar nisso em termos do icebergue: um décimo acima, nove décimos abaixo; na terminologia psicológica, a parte dos nove décimos corresponde ao inconsciente ou subconsciente. Não devo ficar surpreso ante o fato de que há algo que eu sou que é mais profundo do que aquilo que está sobre a superfície. Aqui estou eu, o icebergue. Como já dissemos, não é possível dizer neste preciso momento: "Eu sei que sou perfeito — isento de todo pecado conhecido". Quem pode saber perfeitamente o que sabe acerca de si mesmo, como o homem é agora? Isto é certo mesmo quando estamos em nossos melhores momentos, e é duplamente certo quando problemas e temporais psicológicos rebentam sobre nós, como certamente rebentarão sobre toda gente, incluindo os cristãos. Quando alguém vem em busca de você atribulado por uma tempestade

psicológica, verdadeiramente triturado, não é só desarrazoado mas é também cruel pedir-lhe, em cada caso, que faça uma classificação indicando qual é a culpa verdadeira e qual a psicológica.

Todos temos problemas, todos temos nossos temporais; mas alguns podem sofrer tempestades excessivamente profundas. No meio dessas tempestades que estouram sobre nós, é maravilhoso saber que, em cada caso específico, não temos necessidade de distinguir entre a culpa verdadeira e a culpa psicológica. Não vivemos apenas diante de um universo mecânico, nem só diante de nós mesmos; vivemos na presença do Deus infinito e pessoal. Deus bem sabe onde está a linha divisória entre a minha culpa verdadeira e os meus sentimentos de culpa. O que me compete é agir em função da parte que está acima da superfície, e pedir a Deus que me ajude a ser honesto. Cabe-nos clamar a Deus pela parte do icebergue que está acima da superfície e confessar tudo o que reconheçamos como culpa nesse setor, submetendo-o à obra infinita realizada de modo completo por Jesus Cristo. Minha opinião, condizente com a experiência de numerosos filhos de Deus, é que quando uma pessoa é tão honesta quanto possível ao lidar com aquilo que está acima de superfície, Deus o aplica ao todo; e gradativamente o Espírito Santo a auxilia a enxergar mais fundo dentro de si mesma.

Podemos estar certos de que, como o valor da morte redentora de Cristo é infinito, toda a nossa culpa verdadeira foi coberta, e os sentimentos de culpa que permanecem não constituem culpa propriamente dita. São uma parte das terríveis misérias do homem decaído — decorrentes da queda histórica, da vida da espécie humana e do passado pessoal de cada um de nós. A compreensão, momento após momento, destas coisas vale por um passo vital na posse da liberdade dos **resultados** das amarras do pecado, e na cura substancial da separação em que o homem está de si mesmo.

11

Cura Substancial da Personalidade Total

No capítulo anterior referimo-nos a certa cura substancial. Esclareçamos que quando empregamos a palavra "substancial" temos que reconhecer duas coisas. A primeira é que a cura substancial é possível; a segunda é que "substancial" não significa "perfeito".

A Bíblia demonstra com grande clareza a possibilidade da ocorrência de milagres, e nossa experiência confirma esse ensino. Temos assistido a milagres em que Deus penetrou na história humana e, em dado ponto específico do tempo, realizou completa cura física ou psicológica. Entretanto, devemos assinalar que a Escritura e a experiência mostram que às vezes Deus intervém milagrosamente e às vezes não. E nem sempre é questão de fé ou de falta de fé. Deus, como Ser pessoal que é, tem Seus propósitos. Só pelo fato de uma pessoa não ser curada fisicamente não devemos presumir que necessariamente houve falta de fé, nesse caso.

Notemos que mesmo quando Deus elimina totalmente uma doença de uma pessoa, a saúde dela pode não ser perfeita. Pensemos, por exemplo, numa pessoa que, havendo sofrido de hérnia, foi completamente curada disso em resposta à oração. Deus o fez em resposta à oração, à fé, e de acordo com Seus desígnios. Não significa, porém, que essa pessoa agora é fisicamente perfeita em todos os pontos. No fun do mesmo dia da cura portentosa pode chegar a ter dor de cabeça! Daí, mesmo um milagre como o da ilustração acima subordina-se adequadamente ao qualificativo "substancial". Com a cura psicológica verifica-se a mesma coisa. Uma pessoa pode ser curada psicolo-

gicamente sem que permaneça psicologicamente perfeita o restante de seus dias. Muitas vezes penso em Lázaro depois de sua ressurreição. Certamente passou por enfermidades depois disso; pode ter sofrido depressão psíquica; e não podemos esquecer que, finalmente, ele morreu de novo. As conseqüências da queda prosseguem até a segunda vinda de Cristo.

Se nos recusarmos a fazer coisa alguma antes de termos obtido perfeição física, moral ou psicológica, não alcançaremos nem aquilo que podemos possuir. Neste ponto há o perigo de que até o cristão pode querer ser Deus; isto é, pode consciente ou inconscientemente estabelecer um padrão de superioridade baseado no valor incomum que se atribui a si próprio. Às vezes nós fazemos isso conosco mesmo; às vezes no-lo fazem nossas famílias. Uma família pode exercer indevida pressão sobre um filho seu mediante a expressão de expectativas anormalmente elevadas de conduta ou de realização — só porque é seu filho. Freqüentemente quando ouvimos a queixa: "Não chego a ser igual aos outros", na verdade a queixa quer dizer: "Quero ser melhor do que os outros, e não sou". Tenhamos o cuidado de ser honestos nisto. É perigosamente fácil ter em nosso íntimo, como cristãos, o velho anseio por ser Deus — de modo que clamamos em nosso ser interior: "Eu devia ser superior em vista de quem sou". Negamos a doutrina da queda e criamos novo romantismo se deixamos de aceitar a realidade de nossas limitações, inclusas nossas lutas psicológicas. Dessa maneira, perdemos o "substancialmente", tentando tomar as rédeas, tentando ser o que não podemos ser.

Não devo colocar-me no centro do universo e exigir que tudo e todos se inclinem ante os padrões que estabeleci baseado em minha pretensa superioridade. Não devo dizer: "Tenho que ser assim e assim". Pois, ao dizê-lo, se não o logro, nada me resta senão o desespero psicológico. Há gente que cai nisso totalmente, mas, todos temos um pouco disso em nós, algo que lembra um pêndulo oscilando entre a presunção e o desespero.

Naturalmente isto não vale somente para a esfera psicológica; vale também para todas as relações da vida. Não

é preciso ter muita experiência pastoral para ter encontrado cônjuge que se recusam a ter o que podem ter porque estabeleceram para si um falso padrão de superioridade. Planejaram um romantismo, seja quanto ao aspecto romântico do amor, seja quanto ao aspecto físico, e se o seu casamento não preenche todas as medidas de seus padrões de superioridade, pisam em tudo. Acham que devem ter a transação amorosa ideal do século simplesmente por serem eles quem são! Decerto, grande número das situações complexas de casamento e divórcio gira sobre este ponto. Um casal recusa-se a ter menos do que planejaram como possibilidade romântica, esquecendo que a queda é a queda. Outro talvez espera experiência sexual mais rica do que se pode ter nas situações resultantes da queda. Você de repente vê um casamento falido — tudo foi para o brejo: os cônjuges afastando-se um do outro, destruindo algo realmente possível e belo — simplesmente porque se haviam proposto um padrão orgulhoso e se negam a desfrutar o bom casamento que está a seu alcance.

Esperamos a ressurreição do corpo. Esperamos a perfeita aplicação da obra realizada por Cristo em favor do ser humano integral. Esperamo-lo mas, deste lado da queda e antes do retorno de Cristo, não devemos insistir no oito ou oitenta — na "perfeição ou nada"; caso contrário, acabaremos no "nada". E, como em todas as esferas da vida, isso é certo na área dos problemas psicológicos.

Tendo dito isto, acrescentemos que não devemos ir ao outro extremo e esperar menos do que agir no âmbito do ser que Deus fez ao criar o homem — isto é, à Sua imagem, racional e normal. Que significa isto? Bem, lembremos a campainha de Pavlov. A campainha de Pavlov era a primeira experimentação de um reflexo condicionado mecanicamente. Ele tocava a campainha em frente de um cão antes de alimentá-lo, e após adequado condicionamento, produzia-se saliva na boca do cão toda vez que a campainha soava. Isto é perfeitamente correto acerca de cães, pois isto é o que são os cães e como Deus os fez. Mas ai do homem quando começa a agir como se isso fosse tudo que houvesse para o ser humano, porque não fomos feitos dentro desse círculo da criação. Fomos feitos no

círculo da criação segundo a imagem de Deus — não só moral mas também racional.

A ì,ompreensão de um reflexo condicionado quanto ao homem tem lugar limitado. Se me ponho a estudar minha estrutura física, percebo que a mecânica tem alguma relação com a tensão muscular, e assim por diante. Mas não é isto que há para o homem, apenas. Se você lida com um ser humano tratando-o apenas como se fosse mera máquina em sua estrutura, você erra o alvo; e se você o trata como se ele fosse apenas um conjunto de condicionamentos psicológicos, você erra o miolo do alvo. Conseqüentemente, quando nós cristãos começamos a lidar com problemas psicológicos, devemos fazê-lo, dando-nos conta de quem é o homem. Eu fui feito à imagem de Deus. Sendo assim, sou racional, sou moral, donde se infere que meu comportamento será consciente e responsável. Não devemos pensar que podemos mediante um simples toque produzir em nós mesmos ou nos outros reflexos mecânicos, e tudo irá bem. Se começamos a agir deste modo, logo vamos negar as doutrinas que dizemos serem nossas crenças. Na ação que se dá em algum ponto próximo do coração dos problemas psicológicos há de haver sempre um aspecto consciente, porque foi assim que Deus criou o homem.

O problema psicológico básico está em tentarmos ser o que não somos, e tentarmos levar o que não podemos. Sobretudo, o problema fundamental está em não querermos ser as criaturas que somos perante o Criador. lmaginemos que você tope com Atlas carregando o mundo nas costas. Na mitologia clássica, ele não tem dificuldade alguma em levar o mundo nos ombros pela simples razão de que ele é Atlas! Você o encontra andando algures na costa da Africa do Norte, onde se situa a cordilheira de Atlas. Ele o vê chegando e diz: "Eia, carregue você o mundo um pouco" Se você tenta fazê-lo, fica esmagado. E fica esmagado porque você não tem condições de carregar o que lhe foi pedido. O paralelo psicológico é este: O homem está querendo ser o centro do universo e se recusa a ser a criatura que é. Está tentando levar o mundo nas costas, e fica esmagado pelo simples fato de que a tarefa é demasiado grande para ele. Não há nada complicado nisso. Ele fica

amassado ao tentar carregar aquilo que ninguém, exceto Deus, pode suportar, porquanto só Deus é infinito.

O esmagamento pode suceder de vários modos. Quando você enche demais um pneumático fraco ele estoura. Isto por causa da pressão excessiva. Mas o rompimento mesmo dá-se no ponto mais fraco da câmara. Desde a queda todos temos pontos fracos. Em alguns, os pontos fracos tendem a ser físicos; em outros, psicológicos. Se carregamos o que não podemos, ocorrerá o estouro, e ocorrerá no lugar em que está sediada nossa fraqueza inerente. A pressão central e dominante é a exercida pela necessidade de sermos o ponto de integração de todas as coisas, uma vez que não queremos ser as criaturas que de fato somos. Negamo-nos a reconhecer a existência de Deus, ou — ainda quando a reconheçamos intelectualmente — na prática nos negamos a curvar-nos diante dEle no lufa-lufa de nosso viver momento após momento.

A doutrina cristã dá respostas, primeiro racionais e depois na prática, aos resultados psicológicos da revolta humana desde a queda. Em outras palavras, não é preciso procurar cura psicológica fora da estrutura global da doutrina cristã. O evangelho cristão constitui a resposta, não só teórica mas também prática, dentro da unidade do ensino bíblico, e especificamente dentro da relação criatura-Criador, e da relação remido-Redentor. Dentro da estrutura da unidade do ensino bíblico existe a possibilidade não só da psicologia teórica como também da psicologia aplicada.

Um dos resultados da rebelião do homem é o medo. O medo pode vir com várias aparências, mas em geral ocorre em três áreas: o medo do impessoal; o medo de não ser; e o medo da morte. Podemos considerar outros tipos de temor, mas muitos deles encaixam-se bem nos três mencionados acima. O medo pode ser pequeno ou ser o horror de grande desespero. Ou pode estar em algum ponto entre esses extremos. Muitos homens modernos que chegaram a alguma modalidade da filosofia do desespero passaram pelo horror de densas trevas. Muitos psicólogos, por exemplo Carl Gustav Jung, tratam desse temor dizendo simplesmente ao paciente que aja como se existisse Deus. Em

sua última entrevista, cerca de oito dias antes de sua morte, Jung definiu a Deus como "tudo o que interfere na minha vontade fora de mim mesmo, ou tudo o que brota do inconsciente coletivo que há dentro de mim". E seu conselho foi que o paciente chamasse isso de "Deus" e se entregasse a "ele". Em outras palavras, é agir como se, é fazer de conta que Deus existe.

Mas na unidade do ensino bíblico, Deus existe mesmo. Ele não é apenas a imagem do pai projetada. O sistema cristão principia com a compreensão e a declaração de Sua existência objetiva. Conseqüentemente, jamais é preciso ter medo do impessoal. Mas, se os homens não têm este Deus, eventualmente se defrontarão somente com uma corrente de partículas de energia. Ou, se se fecham e colocam viseira cerrada para não enxergarem esta conclusão, fecham-se para defrontar-se com uma humanidade despersonalizada. E quanto mais tomam ciência da humanidade, mais percebem que ela é despersonalizada. Brota daí um verdadeiro temor do impessoal — e é com razão que ficam apavorados.

Mas a solução para o cristão é que jamais precisa temer o impessoal, porque o Deus infinito e pessoal existe deveras e está aí.

lsto não é uma peça teatral e nada mais. Se vivermos à luz da doutrina que dizemos crer, esta mesmíssima forma básica de temor se disolve e some. É isso que a mãe cristã diz ao filho pequeno que está com medo de ficar sozinho no quarto, depois de ela sair para o quarto dela. A coisa não é nada complexa. É simples e profunda como simples e profunda é a existência de Deus. A criança tem medo de ser deixada sozinha no escuro numa situação impessoal, e podemos ficar ali para encorajá-la. Contudo, a mãe cristã vez por outra lhe diz: "Você não tem que ter medo, porque Deus está aí". Esta é uma verdade profunda. E não só para crianças. Na verdade, a glória da fé cristã é que as coisas pequenas são profundas, e as coisas profundas são irresistivelmente simples.

Assim, quando a mãe ensina o filhinho de que Deus está ali com ele, e quando a criança, crescendo, vem a aprender por si mesma que há boas e suficientes razões

para saber que existe Deus e que Ele está aí, esta verdade é-lhe significativa num profundo sentido que se provará suficiente durante sua vida toda, em todas as suas peregrinações filosóficas bem como nas trevas da noite. A base da existência de Deus, do Deus bíblico, e de quem Ele é na estrutura global da fé cristã, a realidade não é carente de sentido para a criança no escuro, e não é carente de sentido para o mais diligente estudioso da filosofia que está o tempo todo percorrendo a escuridão da especulação filosófica. Não há por que temer o impessoal.

O segundo medo básico é o medo de não ser. Por que tanta gente é apanhada hoje pelo medo de não ser? Porque o homem moderno não tem nenhuma idéia sobre donde vem e, não tendo resposta alguma à questão do Ser, acaba ficando preso à seqüência do puro acaso. Daí, fica com medo de não ser, e só pode ficar assim. O cristão, porém, no sistema total do cristianismo, tem resposta para a questão do Ser, como já vimos. Sabendo-se a resposta ao Ser, não há medo nenhum de não ser. Fui criado pelo Deus infinito e pessoal; criado por Ele, dele e deveras fora dele. Portanto, sei quem sou em meu ser. Tenho existência válida. Sendo assim, não há razão para o temor de não ser. Há razão para temer o inferno se estou em rebelião contra Deus, mas não para ter medo de não ser.

O terceiro medo básico é o medo da morte. E se trato deste medo em último lugar é porque é o mais óbvio deles, e porque na perspectiva cristã é evidente que não devemos nem precisamos ter medo da morte. Nós cristãos cremos na continuidade da vida em linha horizontal reta, prolongando-se desta existência no mundo vindouro. O novo nascimento deixou para trás o abismo da separação. Já passamos da morte para a vida. Nos primeiros capítulos subimos ao Monte da Transfiguração e ali vimos a continuidade existente no espaço e no tempo. Eis a ascensão; eis Estêvão contemplando a Jesus; eis Paulo vendo a Jesus no caminho de Damasco; eis João, que viu e ouviu a Jesus em Patmos. Por conseguinte, tem que ser mais que evidente para o cristão, dentro da unidade global da doutrina cristã, que não há necessidade de temer a morte.

Entretanto, estamos lidando com uma questão prática

porque, na verdade, não há apenas teoria nisso. E devemos dizer que, às vezes, em meio às turbulências psicológicas, é difícil aplicar estas verdades. Mas há uma estrutura racional dentro da qual podemos trabalhar, pensar e falar, e que ao mesmo tempo difere da situação de quem está em rebelião contra Deus. O necessário em tempo de perturbação psicológica, passageira ou mais prolongada, é que nos ajudemos mutuamente a agir e reagir fundados no ensino cristão uno e global. Isto é inteiramente diverso da tentativa de agir saltando nas trevas sem dispor de um esquema racional. É mister que falamos uns aos outros, que nos ajudemos uns aos outros a pensar à luz da verdade do sistema cristão uno e total. Nisto contamos agora com um firme ponto de conversação e contacto na estrutura total que não fugirá de sob nossos pés. Que diferença do psicólogo que ali fica sentado a fumar seu cachimbo e a exortar seu paciente a depositar seus temores sobre ele, pessoalmente, com base em sua própria autoridade e personalidade — especialmente quando se sabe que ele também tem seus problemas!

Gostaria de tocar agora noutra área de conflito e tensão: A área dos sentimentos de superioridade e inferioridade em relação a outras pessoas. Muitos de nós movem-se para trás e para diante entre a superioridade e a inferioridade, quase como o oscilar do pêndulo. Esta é uma questão de comparações entre mim e outros, questão decorrente do fato de que somos seres sociais. Ninguém vive para si; ninguém vive numa ilha deserta constituída por si mesmo. Mais adiante consideraremos este assunto com vistas à comunicação com outras pessoas, quando tratarmos do relacionamento do cristão com seus semelhantes. Mas agora nos limitamos aos resultados internos dos sentimentos de superioridade e de inferioridade. O sentimento de superioridade é o valor demasiado que dou à minha posição ou status com relação a outras pessoas como se eu não fosse criatura entre outras criaturas iguais. Para o cristão, posição e validade não repousam nas relativas relações com outros seres humanos. Como cristão, não tenho que encontrar a minha validade na minha posição ou na atitude de considerar-me acima dos outros. Encontro minha

validade e minha posição estando conscientemente diante do Deus que está aí. Meu valor básico e minha posição básica não dependem daquilo que os homens pensam de mim. Desta maneira, os problemas de superioridade são postos num esquema absolutamente diverso e posso tratá-los sem temer que, se eu limitar minha superioridade, meu valor, minha validade e minha posição se perderão por completo.

É muito semelhante o que acontece com a inferioridade. É o reverso. É o retorno do pêndulo do relógio, depois de eu ter colocado minha superioridade na parede, por assim dizer. Se compreendo a realidade de que sou uma criatura, não vou nem começar a permitir-me a expectativa de que sou ilimitado ou infinito ou melhor do que os outros. Sei quem sou: uma criatura. Vejo-me à luz do fato de haver sido criado por Deus e à luz da queda, verdadeira e histórica. Compreendo, assim, que isso é o que sou e o que são todos os demais seres humanos. Este ponto de partida é completamente diverso. Não tenho de querer nem esperar ser intrinsecamente superior para então sentir-me inferior ao ver que não sou intrinsecamente superior. Se há alguma coisa que escancara as janelas e deixa a luz do sol entrar, é esta. Os conflitos da superioridade e da inferioridade na estrutura global do ensino bíblico podem ser sanados de modo tão profundo como o são os sentimentos de culpa. Como cristãos, pela graça de Deus, ajamos de acordo com o que afirmamos crer.

O cristianismo tem aqui outro ponto forte, a saber, que quando encontro em mim aquelas marcas de tensão ou conflito, há algo que pode ser feito a respeito. O que quer que seja a marca do pecado em mim, em qualquer ponto, sempre que eu descubra em mim aquelas marcas em qualquer situação, não estou num beco sem saída, porquanto o sangue de Jesus Cristo pode purificar-me de toda culpa real, não só uma vez mas todas as vezes que me for necessário. Há sempre a possibilidade de um começo deveras novo dentro de uma estrutura totalmente racional. Graças a Deus, há sempre esta possibilidade, com base no valor infinito do sangue de Jesus Cristo derramado na cruz do Calvário.

Finalmente, consideremos alguns aspectos de uma higiene psicológica positiva. Como cristão, em vez de me colocar, na prática, no centro do universo, tenho de fazer algo diferente. Não é apenas certo, e deixar de fazê-lo não é só pecado, mas é, além disso, pessoalmente importante para mim nesta existência. Tenho que pensar segundo Deus e querer segundo Deus. Pensar segundo Deus, como Ele se revelou na criação e principalmente como se revelou na Bíblia, é ter uma resposta de integração à vida, tanto intelectual como praticamente. Se me baseio em qualquer outro fundamento, não obtenho isso. Se me baseio em qualquer outro fundamento, fico preso àquilo que se acha em Eclesiastes: que debaixo do sol "tudo é vaidade". Quando, pela graça de Deus, eu penso segundo Deus, posso alcançar integração intelectual. Já não preciso brincar de esconde-esconde com os fatos que não ouso encarar.

Pois bem, a mesma coisa vale para a integração de minha personalidade, ou seja do homem todo. Tenho de querer, de exercer a volição, segundo Deus. Há somente um centro de integração suficiente: Deus. Como Paulo escreveu aos crentes de Efeso:

> "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais" (Efésios 5.18,19).

Paulo fala aí do vinho como um falso centro de integração. Em contraste, se tenho ao Espírito Santo como o meu ponto de integração e como Aquele que age em mim pela Trindade Santa, mantendo-me em comunhão com a Trindade toda, posso ter alegria e paz, e no meu coração um hino perene. Não tenho que ir por aí assobiando para mim mesmo na escuridão. Pode haver canções na noite que transbordam do meu íntimo. O exemplo empregado o do vinho, mas podemos entender que a referência não é só ao vinho e a bêbedos. Abrange tudo quanto seja visto como o meu centro de integração final, em vez de Deus. Nos dias de meus estudos universitários, carreguei muita gente para o dormitório — gente que fazia do álcool o seu ponto de integração; e eu tinha que ministrar-lhe ducha fria em plena madrugada para aliviar-lhe a cabeça pesada.

O excesso não traz alegria a ninguém. E tentar achar um centro de integração que é, pela sua própria natureza, insuficiente. E qualquer outro ponto de integração que não Deus levará ao mesmo fim. lsto não é mero truque teológico ou psicológico. isto é o que sou. E nada menos do que Deus produzirá a integração de todo o meu ser, porque para isto é que fui feito: Para amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Manter qualquer outra relação não basta. Há partes de meu ser que não podem ser abrangidas por nenhuma outra forma de relacionamento.

Há muitos pontos de falsa paz e falsa integração, e é bom tratar de reconhecê-los. O entretenimento é um deles. Chegamos a compreender que mesmo o entretenimento lícito pode constituir um errôneo centro de integração e ser tão iníquo e tão destrutivo como o mau entretenimento, se o colocamos no lugar de Deus? Não há nada errado com o esporte. Pelo contrário, muitos esportes são magníficos. Mas se o esporte vem a ser meu ponto de integração e toda a minha vida passa a girar em reduzir por um segundo do meu recorde na corrida à distância, estou perdido.

Dá-se o mesmo com relação aos bens materiais. Segundo a doutrina cristã, não se considera objetos físicos maus em si mesmos. Mas é perfeitamente possível a um cristão viver como materialista, com seu carro ou seu conjunto estereofônico. Quem busca achar o centro de integração de sua vida nos bens que possuí é, na prática, materialista.

Mesmo à boa música, às belas artes, devemos proibir que sejam o ponto final de integração. O pintor luta por reunir traços diagonais, horizontais e verticais em sua tela de modo que ao contemplá-la o espectador tenha um sentimento de paz e repouso. lsso tem seu lugar, e em si não é errado. Mas é falso centro de integração, se é tomado como o final centro de integração. E se nosso repouso último neste mundo depende de contemplar um conjunto bem equilibrado de verticais, horizontais e diagonais, estamos fazendo disso um centro de integração que é falso. Coisa idêntica dá-se com a música. A boa música nos oferece serenidade. É ótimo quando se pode fazer tocar um

disco de música que leva à serenidade, mas como integração final não basta. Não só as coisas más, senão também as próprias coisas boas podem ser destrutivas.

O sexo não foge à regra. Muitas coisas relacionadas com o sexo hoje em dia não passam de tentativas de descobrir alguma realidade num mundo que parece destituído de todo e qualquer sentido. Freqüentemente são tentativa,, de "chegar ao fundo" num universo considerado como sem fundo. Fazer do sexo um ponto de integração absoluta é completamente errado. E não é que eu esteja aqui falando só das relações sexuais pecaminosas. Refiro-me também a aspectos sexuais em correto relacionamento, que também são absolutamente condenáveis se se tornam nosso ponto final de repouso. Devem e podem ser pontos de repouso, mas se os tomamos como o nosso final ponto de repouso, são destrutivos.

Com a alimentação ocorre o mesmo. Comida compulsiva ou exagerada pode constituir um centro de integração final — e, como os demais mencionados, falso.

Os esforços por conquistas intelectuais podem oferecer falsos pontos de integração. Os avanços intelectuais podem ser feitos para a glória de Deus. Hoje em dia, porém, muito esforço por progresso intelectual não é feito com o propósito de achar ou compreender melhor a verdade, mas, sim, é verdadeiro jogo — e o melhor dos jogos, mais emocionante que esquiar ou jogar xadrez. Nós aqui em "L'Abri" (O Abrigo) cremos que o cristianismo tem de fato respostas intelectuais, e que toda pessoa merece receber respostas honestas a perguntas honestas. Mas isto não deve ser considerado um centro final de integração. O centro de integração é o próprio Deus. É possível que até cristãos estejam interpondo sempre mais questões intelectuais entre si e a realidade da comunhão com Deus. Até mesmo a doutrina certa pode vir a ser um falso ponto de integração. A teologia contemporânea não passa, em muitos casos, de um jogo superior, à semelhança do jogo do pensamento intelectual em geral. É um esporte intelectual dos mais emocionantes. Se eu tivesse de escolher um jogo para encher o vazio absoluto de quem não é cristão, destituído da visão de nenhum sentido absoluto da vida, em minha

experiência estou certo de que não poderia achar, em todo o espectro filosófico, nenhum jogo tão emociQJ1te como o teológico. E quase toda a moderna teologia liberal é puro jogo; é a arte do jogo. Entretanto, ainda a doutrina ortodoxa pode virar mera atividade intelectual, num centro de integração final, e pode realmente afastar-nos de Deus ao invés de abrir as portas rumo a Ele, que é seu verdadeiro propósito. E as organizações religiosas, sem excluir as boas e fiéis igrejas, e os programas válidos se ocupam o lugar que lhes cabe, viram veneno quando se tomam o fim último.

Os falsos pontos de integração podem parecer satisfatórios somente para acabarem naquilo que é insuficiente, deixando sobrarem componentes e peças do homem total. Retrato os falsos pontos de integração dizendo que parecem uma lata de lixo na qual queremos jogar um homem; mas como não é suficientemente grande, nós o calcamos de modo que ele fica comprimido na lata mas com a cabeça de fora. Por isso o tiramos e o metemos de novo na lata, noutra posição. Mas, então, ficam saindo para fora as pernas. Outra vez o arrancamos dali e o tornamos a pôr, ficando um braço projetado para fora do recipiente. Jamais conseguimos enfiar na lata o homem completo. Ela simplesmente não tem tamanho suficiente. Aí está a fraqueza de todos os falsos pontos de integração. Em vista daquilo que Deus fez-nos sermos, à Sua imagem e para finalidade específica, haverá sempre peças e componentes pend ndo desajustados de qualquer vida falsamente integrada. O significado psicológico disto é a produção de novas divisões da personalidade e de nova necessidade de fuga. E todos esses falsos centros de integração levam a algum prejuízo com relação ao Céu, porque haverá julgamento dos crentes, e recompensas. Em todos esses falsos pontos de integração haverá a aplicação de alguma disciplina, feita por meu amoroso Pai na vida presente, porquanto Ele me ama e me quer atrair para Si.

Mas agora já estamos falando de outra coisa, ao mesmo tempo: Vemos que a perda não está só no futuro, nem só no mundo objetivo atual sob a mão disciplinadora do Senhor, a impor-se-nos por Seu amor; também há perda

em nosso ser interior, no mundo dos pensamentos. Isto coloca o problema, não só no futuro, nem só em nossa atual relação com Deus em Seu amor, mas, aqui e agora, em minhas relações para comigo mesmo.

Em nossos dias todos tomamos conhecimento da psicologia e dos problemas psicológicos como nunca dantes. Já salientei que na psicologia moderna há introspecções valiosas, pois os especialistas pelejam seriamente com esses problemas. Geralmente eles conseguem boas peças e componentes; mas isto não basta. Uma base suficiente é indispensável. Se os homens pusessem em prática o ensino da Palavra de Deus, e se, em devida proporção vivessem de acordo com os ensinos e mandamentos da Bíblia, teriam na prática uma base psicológica suficiente. Deus trata Seu povo com bondade. Na medida em que uma pessoa viva à luz das ordens presentes na revelação bíblica, terá um alicerce psicológico. Achem-me um fiel pastor na velha aldeia, e nele acharei para vocês um homem que lida com problemas psicológicos baseado no ensino da Palavra de Deus, mesmo que ele nunca tenha escutado a palavra psicologia, ou não saiba seu significado. É preferível ter a estrutura e a base certas quanto a que é o homem e qual é seu propósito, sem certas informações avulsas, a ter as informações avulsas num ambiente de vácuo total.

Isto não diminui a importância de aprender do psicólogo os pormenores. Mas, com ele ou sem ele, não há verdadeira resposta para as necessidades e cruciais cargas psicológicas do homem fora do esquema Criador-criatura, da compreensão da queda, e da obra vicária realizada por Jesus Cristo dentro da história humana.

Se recuso meu lugar como criatura face ao Criador, e não me confio a Ele para Seu uso, peco. E qualquer outra coisa é miséria também. Como é que você pode fruir as riquezas do Deus de amor senão como aquilo que você é, e na situação presente? O que passa disso trará miséria, trará tortura à pobre e dividida personalidade que somos desde a queda. Viver momento a momento pela fé, com base no sangue de Cristo, no poder do Espírito Santo, é o único modo realmente integrado de viver. É o único meio pelo qual posso estar em paz comigo mesmo, pois só deste

modo é que eu não estou tentando carregar o que não posso. Agir doutra maneira é jogar fora minha própria posição de repouso, o substancial progresso psicológico que posso ter na vida presente, em virtude de ser crente.

lsso tudo não é de cunho impessoal. Em tudo isso não ajo apenas "como se" estivesse empurrando minha carga para cima de alguma coisa de natureza impessoal; antes, estou atendendo ao convite do Criador infinito e pessoal. Seu convite é expresso em palavras como as que se encontram em 1 Pedro 5.7:

> "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós".

Não é algo impessoal. Você está simplesmente atendendo ao convite de Deus, que diz: "Empurre para cima de mim as suas preocupações, porque eu tomo conta de você." É todo o oposto de uma situação impessoal. Ao fazê-lo, você não está lançando as suas angústias sobre alguma fórmula matemática impessoal, mas, sim, sobre o Deus infinito e pessoal. Dê atenção a estas palavras de Jesus:

> "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11.28).

Não é convite só para o não cristão, que venha para Cristo; é um convite contínuo para o cristão também. Ele nos convida para lançarmos sobre Ele mesmo as nossas preocupações, e sobre ninguém mais. A partir do instante em que eu entenda esta gloriosa verdade, já não tenho por que temer.

Não seríamos sinceros, eu acho, se não reconhecêssemos que muitas vezes temos medo de oferecer-nos a Deus, para que Ele nos use, com temor do que virá como resultado dessa entrega. Mas o temor cai por terra quando nos apercebemos de quem é Aquele diante de quem estamos. Mantemos viva relação com o Deus vivo e verdadeiro, Deus que nos ama, e que nos demonstrou Seu amor a ponto de Jesus, Seu Filho, morrer na cruz por nós. Cai por terra o temor, e ganhamos coragem para dar-nos para Seu uso, sem medo, quando vemos que não nos estamos largando nas garras de uma situação impessoal, ou de um mundo que nos odeia, o desumano mundo dos homens. Oferece-

mo-nos a Deus que nos ama. Ele não é um monstro; é nosso Pai celestial. Ele não nos abandonará no campo de batalha, como um soldado a trocar por outra uma peça gasta do seu equipamento militar, atirando-a na lama. Deus jamais nos tratará assim. Ele não nos usará como uma arma que não receba, ela mesma, Seu zeloso cuidado. Em Suas mãos seremos, não só úteis na batalha mas, até os golpes que soframos em meio à refrega vão aproximar-nos mais dele, porquanto Ele é infinito e pessoal, e nos ama.

Quando, nesta vida, me inclino submisso a Deus, tanto na decisão de minha vontade como na prática, o resultado é comunhão com Deus, como Aba, Pai. A comunhão com Deus requer submissão na esfera do conhecimento. Mas requer também submissão em minha vontade nas esferas que estamos estudando nestes capítulos. Se aceitamos a Cristo como nosso Salvador pessoal, estamos justificados. Mas a atual comunhão com Deus exige continuada submissão tanto no intelecto como na vontade. Sem render-me no intelecto, de modo que me leve a pensar segundo Deus; sem atuar na minha atual vida baseado na obra consumada por Jesus Cristo; e sem submeter ao Senhor minha vontade, na prática — não haverá suficiente comunhão com Deus quando as ondas da presente vida rebentarem sobre mim. Sem minha rendição nesses aspectos todos, não ocupo meu lugar como criatura num mundo decaído e anormal. Os três são absolutamente necessários para que haja verdadeira e suficiente comunhão com Deus na presente existência. Na proporção em que se realizem, dar-se-á a relação com Deus, pessoa a pessoa. Na medida em que se verifiquem desse modo, na prática, deixo de ser dividido em mim e contra mim. O Criador, como Aba, Pai, enxugará minhas lágrimas, e a alegria brotará. Este é o sentido da verdadeira espiritualidade, da vida espiritual autêntica, em minhas relações para comigo mesmo.

12

Cura Substancial nas Relações Pessoais

Ao nos voltarmos agora para o problema da personalidade, e especificamente para os elementos de amor e comunicação, desde logo afirmamos que a chave é o fato de que Deus é um ser pessoal. O sistema cristão de pensamento e vida principia com Deus aceito como infinito e pessoal, com forte ênfase em Sua personalidade. Por causa disto, a personalidade é verdadeiramente válida e central no universo; não é apenas questão de acaso.

Do começo ao fim a Palavra de Deus dá evidência de que Deus nos trata primariamente com base naquilo que Ele é; e secundariamente com base naquilo que Ele fez-nos ser. Ele não violará o que Ele é, nem o que nos fez sermos. Assim, Deus sempre trata o homem com base numa relação pessoal. É sempre uma relação pessoa a pessoa. Mais que isso, uma vez que Deus é infinito, pode tratar a cada um de nós pessoalmente como se cada um de nós fosse o único ser humano existente. Ele pode tratar-nos pessoalmente pórque Ele é infinito. Entendemos também que o tratamento que Deus nos dispensa jamais é mecânico. Nesse tratamento não entra nenhum elemento mecânico. Ainda é bom notar que o tratamento que Deus nos dá não é primariamente legal, embora estejam presentes nele aspectos legais, fundados e arraigados no caráter de Deus. O Deus da Bíblia difere dos deuses feitos pelo homem. O Deus da Bíblia tem caráter, em Sua personalidade santa e perfeita; e o caráter divino constitui a lei do universo, total e completa. Quando o homem peca, quebra a lei e, como é quebrantada a lei, o homem é culpado, e Deus necessariamente o trata dentro dessa relação legal apro-

priada. Portanto, desde que somos pecadores, necessitamos ser justificados antes de chegarmos à presença de Deus. Mas, embora Deus nos trate de acordo com essa adequada relação legal, de modo central e fundamental Deus nos trata não legal mas pessoalmente.

Nosso tema nesta seção é vida espiritual autêntica em relação ao problema da separação entre mim e meus semelhantes. É apropriado que o primeiro "outro" a ser tomado em consideração seja Deus, antes de ninguém mais.

Assim como Deus sempre trata o homem à base do que Ele é e do que nós somos, devemos e temos que agir de igual modo quanto a nossos pensamentos sobre Deus e quanto à nossa maneira de tratá-lo. Jamais devemos sequer pensar que nossa relação com Deus é mecânica. Aí está porque um sistema sacerdotal forte nunca é boa coisa. Não podemos jamais tratar a Deus de modo mecânico; tampouco sobre base meramente legal, embora haja lugar para apropriado relacionamento em termos legais. Nossa relação com Deus, depois de nos havermos tornado cristãos, tem de ser sempre central e fundamentalmente relação de pessoa a pessoa.

Naturalmente há uma distinção que não deve ser olvidada: que Ele é o Criador e nós somos criaturas. Portanto, em todos os meus pensamentos e atos para com Deus, devo ter em mente a relação criatura-Criador. Contudo, isso não altera a natureza pessoa a pessoa de nossas relações. Bem, o mandamento é para amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento. Ele não Se satisfaz com nada menos do que isto: que eu O ame. Eu não fui chamado somente para ser justificado. O homem foi criado para estar em comunhão pessoal com Deus e amá-lo. A oração deve sempre ser considerada como uma comunicação de pessoa a pessoa, não apenas como um exercício devocional. Na verdade, quando a oração se torna mero exercício devocional já deixou de ser oração bíblica.

Agora, deixando as ponderações em torno de nossa *re*lação interpessoal com Deus, pensemos na relação entre nós mesmos, isto é, dentro de nossa espécie. Assim como é fundamentalmente importante lembrar, quando me dirijo a Deus, que minha relação tem que ser mantida sobre

uma base de criatura ao Criador, também quando lido com meus semelhantes devo recordar que o tipo de relacionamento é inteiramente diverso: é de igual para igual. Todavia, ainda que de igual para igual, e não da criatura ao Criador, nem do maior ao menor, há de ser sempre de natureza pessoal. Na Bíblia não vemos nada de mecânico nas relações humanas. Nenhuma relação mecânica é permitida pela Escritura, porque Deus não nos fez máquinas. Além disso, nosso relacionamento com os outros seres humanos não devem ser primariamente de natureza legal, embora haja válida relação em termos legais entre os homens. O que estamos dizendo soa simples mas não o é nem um pouco. Com muita freqüência, o pecado da igreja tem sido esquecer exatamente este ponto.

Agora, falando daqueles com quem devo relacionar-me em nível de pessoa a pessoa, quem é da minha espécie? São da minha espécie todos quantos descendem de Adão. Em Atos 17.26 se nos diz:

"De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra..."

Nós que cremos na mensagem da Bíblia insistimos na realidade literal de Adão; e crer nisso traz este resultado muito prático: Todos os que procedem de Adão pertencem à minha espécie. A amplitude disto é tanta que abrange toda a espécie humana. Daí, devo manter relação interpessoal — pessoa a pessoa — de igual para igual, com cada um daqueles com quem eu entre em contato.

Na Bíblia declara explicitamente que a humanidade se divide em duas classes, e somente duas: os que aceitaram a Cristo como Salvador e portanto são cristãos; e os que não O aceitaram e portanto não são cristãos. Aqueles são irmãos em Cristo; estes não. Mas isto não obscurece nem deve obscurecer o pensamento do vero cristão quanto ao fato de que o tratamento primário, em nível pessoal, visa a todos os seres humanos, e não apenas aos cristãos. A igreja reconhece isto quando, por exemplo, insiste em que o matrimônio foi instituído por Deus para todos, e não só para os redimidos. É uma ordenança de Deus para a humanidade inteira. O pecado do não remido e o manter-se ele afastado de Deus não o remove das ordenanças de Deus

relacionadas com a vida humana. Por exemplo, quando o Senhor Jesus Cristo nos estava dando o mandamento básico concernente a nossos semelhantes, usou a palavra "próximo". Disse:

"Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Neste ponto não é para fazer distinção nenhuma entre o cristão e o não cristão. Devo amar o meu próximo, todo ser humano, como a mim mesmo. E o Senhor deixou bem claro o que queria dizer narrando a estória do Bom Samaritano (Lucas 10.27-37). É bem significativo que no último dos Dez Mandamentos consta a mesma palavra; a ordem é que não cobicemos nada que seja do nosso próximo (Êxodo 20.17). Todo ser humano é meu próximo e deve ser tratado de modo propriamente humano, numa relação ser humano a ser humano. Cada vez que ajamos em termos de máquina em nossa atitude para com algum outro homem, negaremos o ensino central da Palavra de Deus — o ensino de que há um Deus pessoal que criou o homem à Sua imagem.

Podemos colocá-lo doutro modo. Eu disse que a última verdade em nosso pensamento e em nossa vida não pode ser outra que não Deus. O recurso último, o derradeiro ponto de nosso pensamento, não consta apenas de coisas acerca de Deus; consiste em relação pessoal com Deus. A mesma coisa há de ser verdadeira em como pensamos nos seres humanos. O último recurso não pode ser nada menos que a relação pessoal e individual. em amor e em comunicação. O mandamento é para amá-lo e não só para pensar nEle ou fazer coisas para Ele. Não devemos considerar como assunto único a relação legal válida — por exemplo, pensar em um homem como legalmente perdido, que de fato o é à vista do Deus Santo, sem também pensar nele como pessoa que é. Ao dizer isto vem-nos à mente a percepção de que muita evangelização é não só sub-cristã mas também sub-humana: legalista e impessoal.

Decerto temos que continuar a dar ênfase ao outro lado, especialmente neste século que não quer aceitar relações de natureza legal. Num período anti-lei, como o em que vivemos, temos de salientar constantemente o fato de que as relações legais próprias são importantes. São importan-

tes nas esferas do sexo e do casamento; e são importantes na consideração das relações legais próprias na igreja, e sua pureza. Contudo, nunca percamos de vista o cerne dessas relações: reconhecer o indivíduo como ser humano.

Podemos ver a coisa doutro modo. Colocando-se o homem como o centro do universo, em lugar de Deus, tende sempre a voltar-se para dentro em vez de para fora. Ele se fez o último ponto de integração do universo. Esta é a essência de sua rebelião contra Deus. Ora, com Deus isto não é problema, pois quando Ele se volta para Si mesmo, Ele é Trindade, e os membros da Trindade vêm tendo amor e comunicação entre Si desde antes da criação do mundo. Assim, quando Deus se volta para Si próprio como o centro do universo, continua havendo comunicação e amor. Mas quando eu me volto para dentro, não há ali ninguém com que eu me comunique. Desta maneira, cada ser humano é como o minotauro (meio homem, meio touro) cerrado em sua solidão no labirinto de Creta. Esta é a tragédia do homem. É um ser inadequado e não encontra em si ninguém que lhe responda.

lsto conduz a problemas psicológicos e, além disso, destrói minha relação com outros. Por outro lado, quando começo de fato a pensar e agir como criatura, posso volver para fora, para outros seres humanos, como igual a eles. De súbito já não resmungo comigo mesmo. Uma vez que me aceito a mim mesmo como igual a todos os seres humanos, posso falar com outros, de igual para igual. Já não tenho de falar comigo como se eu fosse central e final. Se reconheço que não sou Deus e que desde a queda eu, como os demais homens, sou pecador, posso ter verdadeiras relações humanas sem me estraçalhar porque elas não são satisfatórias ou porque são imperfeitas. O que dificulta as relações humanas é que o homem sem Deus não entende que todos os homens são pecadores; agarra-se demais a suas relações pessoais de modo que estas não agüentam — rompem-se e ficam esmagadas. Nenhuma expressão amorosa havida entre um homem e uma mulher é suficientemente grandiosa para resistir a tudo quanto queira apoiar-se nela. Acaba esmigalhada sob os pés. E quando certas partes externas começam a cair, é sinal que a relação foi destruí-

da. Mas quando me coloco como criatura perante o Criador, e vejo que a última relação é a que posso manter com o Deus infinito, e que as relações humanas dão - se entre seres iguais, posso extrair de uma relação humana aquilo que Deus quis que ela pudesse prover, sem colocar a estrutura toda sob uma carga intolerável. Mais que isso, quando reconheço que nenhum de nós é perfeito nesta existência, posso desfrutar aquilo que é belo em dada forma de relação, sem esperar que seja perfeita.

Acima de tudo, porém, devo reconhecer que nenhum relacionamento chegará a ser satisfatório de modo final. Somente com Deus pode haver um relacionamento finalmente satisfatório e suficiente. Como cristãos, mantemos este relacionamento, e assim nossos relacionamentos humanos podem ser válidos sem serem auto-suficientes de modo final. Como pecadores, reconhecendo que não somos perfeitos na existência terrena, não precisamos desfazer-nos de toda relação humana, incluindo o matrimônio, ou as relações dos cristãos na igreja, somente porque não são perfeitas. Com base na obra realizada por Cristo, é possível, desde que eu o tenha entendido, começar a compreender também que minhas relações podem ser substancialmente saneadas nesta vida. Quando dois cristãos vêm que sua relações dão contra a parede, eles podem vir de mãos dadas e depositar seus fracassos sob o sangue de Cristo, e então levantar-se e prosseguir. imagine o que isto significa, na prática, nas áreas das diversas relações humanas, tais como o casamento, a igreja, as relações entre pais e filhos e as de empregador e empregado.

Pode-se ver a questão doutro ângulo. O cristão deve ser uma demonstração da existência de Deus. Mas se nós, como cristãos individuais e como igreja, agimos de modo inferior ao de relacionamentos pessoais com os outros homens, onde fica a demonstração de que Deus, o Criador, é pessoal? Se em nossa atitude para com os nossos semelhantes não houver demonstração alguma de que de fato nós tomamos a sério a relação pessoa a pessoa, é melhor ficarmos calados de uma vez. Tem que haver uma demonstração. Nossa vocação é esta: Mostrar que há uma realidade expressa em relacionamento pessoal, e não só palavras

sobre isso. Se o cristão individual e a igreja de Cristo não estão dando lugar a que Cristo produza Seus frutos no mundo, como concreta demonstração na esfera das relações pessoais, não podemos esperar que o mundo creia. O desamor é um mar sem praias, pois é o que Deus não é. E pode chegar o dia em que não só o meu semelhante se afogará, mas eu também me afogarei; pior de tudo, a demonstração de Deus também se afoga quando não há nada para se ver senão um mar de desamor e impessoalidade. Como cristãos, não devemos manter comunhão com falsa doutrina. Mas em pleno campo de combate contra o falso ensino, é preciso não esquecer as relações pessoais válidas.

Cada vez que vejo alguma coisa certa noutra pessoa, isso tende a diminuir meu conceito exagerado de mim mesmo, e me fica mais fácil manter adequada relação criatura a criatura. Outrossim, cada vez que vejo algo errado noutra pessoa, é perigoso, pois pode servir para exaltar o meu ego, e quando isto acontece, minha franca comunhão com Deus vai para o chão. Portanto, quando estou com a razão, posso estar errado. Enquanto estou com a razão, se o ego se me exalta, minha comunhão com Deus pode ser destruída. Não é errado estar com a razão, mas é errado ter atitude errada quando se está certo, e esquecer que minhas relações com os demais seres humanos sempre devem ser pessoais. Se eu amo realmente outro ser humano como a mim mesmo, vou querer que ele seja o que poderia ser com base na obra que Cristo realizou, pois isto é o que quero, ou deveria querer, para mim mesmo, sempre com fundamento na obra consumada por Cristo. Se for doutra maneira, não só minha comunicação com o outro ser humano se rompe, mas também se rompe minha comunicação com Deus. Pois isto é pecado; é quebra do segundo mandamento que me ordena amar a meu próximo como a mim mesmo.

Isto continua sendo válido ainda que o outro ser humano esteja desesperadamente errado e eu certo. Quando em 1 Coríntios 13, Paulo diz: "O amor não se alegra com a injustiça", pretende dizer exatamente o que diz. Quando vemos que outra pessoa está errada, não devemos alegrarnos com sua iniqüidade. E quão cuidadoso devo ser toda

vez que me vejo numa situação dessa em que eu estou certo e outro está errado! Sim, para não usar o fato como desculpa para pressurosamente subir a uma posição acima da do outro, em vez de lembrar nossa relação certa como criaturas na presença de Deus.

Partamos para a seguinte questão prática: Se devo considerar-me igual a todos os demais seres humanos, e se vivo num mundo decaído em que tem que haver alguma ordem imposta, donde há de provir esta ordem? Os homens têm pelejado com este problema através dos séculos. Minha idéia, porém, é que, do ponto de vista bíblico, não é uma questão realmente difícil, embora não deixe de ser muito prática. A Bíblia faz distinção entre o homem como criatura e os ofícios ou deveres que Deus estabeleceu para as relações entre os homens. O fundamental é este mandamento do Decálogo: "Honra a teu pai e a tua mãe". Este é o cerne da matéria toda. Há uma relação adequada, de ordem legal, entre o pai e o filho. Entretanto, não quer dizer que quando o tipo certo de relação legal está em ordem, tudo está perfeito. Longe disso. Embora meu filho esteja a honrar-me, a relação paterno-filial pode não ter chegado à plena fruição. Os filhos devem amar os pais, e os pais aos filhos, em nível pessoal, dentro do esquema de teor legal. Uma vez que vejamos a verdade nisso, compreenderemos tudo o que vem em seguida. Esta é uma relação de dever — de ofício — mas que ocorre entre seres humanos, que são semelhantes. Se chegarmos a compreender isto, hão haverá mais para nós a tragédia dos maus relacionamentos entre pais e filhos. Meu filho, enquanto menor, é meu companheiro como criatura criada no mesmo nível; não sou intrinsecamente mais elevado que ele. Por um certo número de anos deverá haver aquela relação de ofício — de dever paterno-filial — mas nunca devo esquecer ao olhar para ele, ainda quando o tenho nos braços, que esse filho é criatura, e foi criado no mesmo nível em que o fui. E mais que isso, se durante sua minoridade ele se tornar cristão, tenho que lembrar sempre que, nesse caso, é não só meu companheiro como criatura do mesmo nível, mas é também meu irmão ou irmã em Cristo.

E o filho não deve restringir sua atitude para com os

pais a relacionamentos em termos legais somente; deve empenhar-se por desenvolver um relacionamento pessoal, em amor. Qualquer coisa abaixo da relação pessoal entre pai e filho não é apenas errônea; é profundamente triste.

Eis aqui o ensino do Novo Testamento sobre as relações humanas:

"E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor. ...Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela. ...Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria came, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja. ...Eis porque deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. ...Não obstante, vós, cada um de per si, também ame a sua própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite a seu marido. ...Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. Quanto a vós outros, servos, obedecei a vossos senhores segundo a came com tremor e temor, na sinceridade do vosso coração como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus. Servindo de boa vontade, como ao Senhor, e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma cousa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças,

sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus, e que para com Ele não há acepção de pessoas". (Efésios 5.18-22,25,28,29,31,33; 6.1-9).

Em cada caso aí mencionado há duas partes: a estrutura legal, e um poderoso relacionamento pessoal dentro dessa estrutura legal. Isto vale para as relações do matrimônio, de pais e filhos e de empregador e empregado. É interessante notar que a Bíblia também nos dá ensinamentos sobre a relação legal com vistas àqueles que nos governam, no estado. Mas ainda neste caso existe uma relação pessoal expressa em nossas intercessões em favor deles.

A igreja não deve ser lugar de caos; deve ser um lugar de ordem. Lemos em 1 Pedro 5.1-3:

"Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho".

Nesta passagem vemos alusão a relações oficiais na lgreja do Senhor Jesus Cristo; mas de entremeio Pedro exorta os presbíteros a desenvolverem relações pessoais dinâmicas e reais. Desta maneira, deve haver ordem na igreja, como deve haver ordem na famffia e no estado. É preciso haver ordem oficial — ordem de ofício — mas em cada ofício específico apresentado na Escritura, há uma ênfase pessoal dentro daquele conceito legal. Na igreja o presbítero é um portadof de ofício, ou seja, é um oficial. Mas tanto os presbíteros docentes, que se dedicam mais à pregação da Palavra, como os presbíteros regentes, que participam da administração, são "ministros", e a palavra "ministro" indica relação pessoal, não envolvendo a idéia de dominação. Daí, é para haver ordem na igreja, mas o presbítero, docente e regente, deve ser ministro, mantendo relação pessoal de amor com os que estão perante eles, ainda quando estejam errados e necessitem admoestação.

Na esfera dos ofícios, quer na igreja, quer no lar, quer no estado, a relação tem que ser de fato pessoal. O homem

é rebelde, e há necessidade de ordem estabelecida neste pobre mundo. Mas quando ajo em função de algum ofício que Deus me confiou, no estado, na igreja, em casa, ou no trabalho, devo fazê-lo para a glória de Deus e para o bem pessoal dos meus semelhantes. Se é minha obrigação fazer julgamentos legais, pelo ofício que exerço em algum tipo de relações da vida, devo demonstrar conscientemente que tudo que posso fazer é deixar falar a Bíblia. Não possuo nenhuma autoridade intrínseca. Como todas as outras pessoas, sou criatura e sou pecador. E toda vez que chego a ocupar um lugar de eminente ofício, devo fazê-lo com temor e tremor, pois, da Palavra de Deus devo compreender que mais dia menos dia terei de dar conta de minha mordomia, não só quanto a minhas adequadas relações legais, mas também com base em minhas relações pessoais.

Uma das falhas dos humanistas é que tendem a "amar" a humanidade vista como um todo — o Homem com H maiúsculo, o Homem como uma idéia — esquecendo o homem como indivíduo e pessoa. O cristianismo deve ser exatamente o oposto. O cristianismo não visa a amar uma idéia abstrata; visa levar-me a amar o indivíduo que me defronte, em relação interpessoal, ou seja, pessoa a pessoa. Não o devo ver como sem rosto, sob o risco de negar tudo aquilo que declaro ser minha crença. Este conceito sempre envolverá algum custo; e o preço não é baixo, porque vivemos num mundo decaído e nós mesmos o somos.

Agora é preciso indagar que acontece quando alguém é ferido por meu pecado. A Bíblia ensina que no momento em que eu confesse este pecado a Deus, o sangue derramado pelo Senhor Jesus Cristo é suficiente para purificar-me da culpa moral. Como cristãos, insistimos em que, em última instância, todo pecado é contra Deus. Quando firo um ser humano, peco contra Deus. Mas não esqueçamos jamais que isto não muda o fato de que, porquanto o homem foi feito à imagem de Deus, o ser humano por mim ferido tem valor real. E devo considerar importante esta verdade, não só como conceito mas também com prática e demonstração, para testemunho. Meu semelhante não é destituído de importância: ele é portador da imagem de Deus. E isto abrange cristãos e não cristãos. O não cristão está perdido,

mas continua sendo ser humano. Deste modo, quando Deus diz: "Meu filho, este pecado é diferente; com ele você feriu outra pessoa", eu pergunto: "Senhor, que devo fazer? " A resposta está clara na Palavra de Deus: "Acerte as coisas com a pessoa que você feriu. A pessoa ferida por você não é um zero".

Mas quando Deus manda acertar as coisas com o próximo ofendido, qual é a reação comum? É responder: "Mas isso é humilhante!" Contudo, o certo é que se estou resolvido a contar a Deus que meu pecado me entristece, preciso estar disposto a dizê-lo à pessoa a quem injuriei. Como posso dizer: "Sinto muito!" a Deus, se não me disponho a dizer: "Sinto muito!" à pessoa que feri, visto que é meu igual, criatura como eu, da minha espécie? Arrependimento desse jeito é hipocrisia que não vale nada. Aí está a razão por que muitos vivem com cheiro de morte. Não podemos pisotear as relações humanas e, ao mesmo tempo, esperar que nossa relação com Deus seja amável, bela e sincera. Não é só questão de que é legalmente certo, mas de verdadeira relação de pessoa a pessoa sobre o fundamento de quem eu sou e quem o ser humano é.

Em Tiago 5.16 se nos diz:

"Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros".

Não se nos diz aí que confessemos os nossos pecados a um sacerdote, nem a um grupo — a não ser que o grupo tenha sido atingido por nossas faltas — mas a exortação é para que confessemos os nossos pecados à pessoa que com foi prejudicada por nós. É uma admoestação simples mas, em nosso atual estado de imperfeição, difícil de cumprir. Ir e dizer: "Sinto muito!" é entrar pela porta inferior: primeiro, confessando a Deus e, depois, ao indivíduo ofendido, o qual, permita-se-me salientá-lo, é uma pessoa face a mim, um ser humano, feito à imagem de Deus. Afinal de contas, não é entrar por uma porta inferior, porque tudo o que se requer aí é que estejamos dispostos a admitir que nós e os que ofendemos somos iguais. Se me considero igual â pessoa que ofendi, é perfeitamente justo que eu queria dizer-lhe: "Sinto muito!" Somente o desejo de ser superior é que me faz ficar temeroso de confessar a ofensa

e de pedir desculpas.

Se vivo em verdadeira relação com a Trindade, num sentido minhas relações humanas ganham maior importância, porque vejo o real valor do ser humano; mas noutro sentido se tornam menos importantes porque já não sinto necessidade de ser Deus nessas relações. Daí, posso chegar a uma pessoa e dizer-lhe: "Sinto muito por este ou aquele mal específico que lhe causei". E posso fazê-lo sem com isso destruir o centro de integração do meu universo, porque este centro de integração é Deus, e não mais eu. E não temos por que esperar por grandes explosões, particularmente no caso de irmãos e irmãs em Cristo. Não é preciso esperar que alguma coisa diferente comece. O que importa é ser o que devemos ser, e sê-lo momento a momento.

Isto é comunicação. Os homens do mundo moderno andam perguntando se a personalidade é real, se a comunicação é real e se tem algum sentido. Nós cristãos podemos falar até ficarmos roxos, sem que haja nisso qualquer significado — a menos que demonstremos comunicação. Quando como cristãos me ponho diante de alguém e lhe digo: "Sinto muito !", isto não só é legalmente correto e agradável a Deus; é também verdadeira comunicação, e em nível altamente pessoal. Nesta colocação, a espécie humana é humana.

Certamente a confissão a Deus deve sempre vir primeiro. O que nos purifica é confessar a Deus o pecado e colocá-lo sob o sangue derramado por Jesus Cristo — não a confissão feita ao homem. Temos que ressaltar esta verdade sempre, até o cansaço, porque a confusão domina. Mas isto não altera o fato de que em seguida à confissão a Deus tem que haver real comunicação numa relação pessoal, face a face, com a pessoa ofendida.

Sobre este assunto temos que estar alerta quanto a três pontos.

Primeiro, cuidemos de não praticar a confissão só para sermos vistos pelos homens ou pela igreja, caso em que o último estado será pior do que o primeiro; não passa de uma exibição barata.

Segundo, é preciso ver que às vezes a prática da confissão significa retroceder vários anos. Se perdemos a relação

humana, seja na igreja, na família ou de modo geral, quase sempre é porque alguns anos antes saímos da pista em alguma relação pessoal. Falando da liberdade de nossa consciência em referência ao pecado perante Deus, dissemos que temos de retomar ao ponto em que estávamos quando cometemos determinado pecado, ao ponto em que saímos da trilha, ainda que tenha ocorrido há vinte anos ou mais. Nas relações humanas é a mesma coisa. Se eu sei que lá para trás, em algum ponto de minha vida, agi para com algum cristão ou não cristão fundado em qualquer coisa menos que uma base verdadeiramente humana, devo regressar, se for possível, juntar as peças, e dizer: "Sinto muito!" Muitos podem atestar que irromperam fontes de água viva e orvalho refrescante quando voltaram, às vezes muitos anos, bateram à porta de alguém e pediram desculpas. Não creio que haja muita gente que, possuindo alguma sensibilidade, não recorde algumas portas a qual precisamos bater e algumas escusas que precisam apresentar.

Terceiro, devemos lembrar que a crucifixão de Cristo ocorreu no mundo externo, real e objetivamente. Em Filipenses 2.5 diz-nos a Palavra de Deus:

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus".

A crucificação de Jesus Cristo deu-se numa colina, à beira de uma estrada, onde toda gente que passava podia vê-lo em Sua dor e ignomínia. Não aconteceu em algum lugar oculto nas sombras. E quando você e eu chegamos a ter alguma idéia do que é de fato viver sob o sangue do Senhor Jesus Cristo, nossa confissão a Deus e ao nosso próximo há de ser posta à mostra, como o foi a crucifixão de Jesus Cristo naquele monte, à vista de todos. Devemos estar decididos a enfrentar o vexame bem como o sofrimento, num lugar aberto. E não basta concordar com o princípio quando lidamos com essas relações pessoais; temos que pô-lo em prática. Só assim podemos fazer uma demonstração ao mundo que nos vigia, de modo que este possa compreender que vivemos num universo pessoal, e que as relações pessoais são válidas e importantes. Só assim nos será possível mostrar que, não teórica mas praticamente, fomos adquiridos pelo Senhor Jesus Cristo, e que, por isso,

pode haver uma cura substancial da separação entre os homens na vida presente, e não só quand9 estivermos do outro lado da morte. E se o outro não é cristão, não faz diferença. Nós, e não ele, é que devemos dar testemunho e demonstração da realidade.

Acima de todas as outras esferas, em duas é evidente a importância da demonstração que o cristão deve ser e fazer de amor e comunicação: Na esfera do casal cristão e seus filhos; e nas relações pessoais dos cristãos na igreja. Não havendo demonstração nessas duas áreas, em nível pessoal, o mundo tem direito de achar que a doutrina cristã ortodoxa não passa de palavreado morto e frio. Numa época orientada psicologicamente, muita gente pode querer oferecer explicações que menosprezam os efeitos individuais da vida cristã; mas o amor e a comunicação entre os cristãos acrescentam uma dimensão que, especialmente nos dias que correm, não são assunto a menosprezar mediante explicações fáceis.

Quando o homem caiu em pecado, Deus impôs certas restrições legais ao homem e à mulher, no casamento. Com o propósito de dar uma estrutura para haver ordem no ambiente de um mundo caído, a mulher e o homem se defrontam como simples criaturas, posto que ao homem tenha sido dado exercer certo ofício no lar. Mas a relação entre marido e mulher não deve ficar apenas no negativo — seja quanto à ordem errônea no lar, seja quanto à prática do adultério, por mais importante que sejam, como de fato são, estes elementos negativos — mas deve incluir também o mandamento e o motivo para amar. O casamento é uma figura bíblica da união existente entre Cristo e Sua igreja (Efésios 5.23). Quão pobre é nosso conceito da obra de Cristo se a entendemos apenas em termos legais. Que pobreza revelamos se não compreendemos que devemos manter comunhão com Cristo e que deve haver mútuo amor entre Ele, o esposo, e Sua esposa, a igreja, da qual fazemos parte integrante. Se o casamento humano deve ser visto como figura daquela tremenda união de Cristo e Sua igreja, e da presente relação entre Cristo como o esposo e a igreja como a esposa, certamente que a comunicação e o amor entre o homem e a mulher devem expressar-se em

cançoés e demonstrações de alegria.

Somos finitos. Portanto, não esperamos encontrar suficiência ou satisfação final em nenhum tipo de relação humana, incluindo o matrimônio. Satisfação final só se pode achar na relação com Deus. Mas, com base na obra realizada por Jesus Cristo, através da ação do Espírito Santo e mediante a fé, as relações humanas podem receber verdadeira cura substancial, e podem ser felizes.

Como cristãos compreendemos algo mais. Não somente somos finitos, visto que fomos criados, mas também, desde a queda, somos pecadores. Sabemos, pois, que as relações não serão perfeitas. Mas repetimos que, sobre o fundamento da obra que Jesus Cristo consumou, podem ser substancialmente curadas, e podem ser mantidas com alegria. Cristo é a única resposta ao problema humano. A prática moderna do divórcio múltiplo tem raízes no fato de que muitos procuram nas relações humanas o que estas não têm condições para propiciar. Por que recorrem ao divórcio múltiplo, em vez de simplesmente se lançarem à promiscuidade? É porque procuram mais que meras relações sexuais. Mas nunca acharão o que buscam porque o que buscam não existe em nenhum relacionamento finito. E como querer matar a sede engolindo areia.

Se um indivíduo tenta encontrar tudo em alguma forma de relação, seja numa relação de homem e mulher, ou de amizade — amigo a amigo — destrói o que procura e destrói os seres a quem quer bem. Suga-os até secá-los; traga-os até fazê-los sumir. E assim eles e as relações são destruídas. Como cristãos, porém, não temos que proceder desse modo. A satisfação que usufruímos de nossas relações está naquilo que Deus estabeleceu que o fosse, no Deus infinito e pessoal, com base na obra de Cristo, em comunicação e amor.

A mesma verdade vale para os pais cristãos e seus filhos. Se pretendemos achar tudo nestas relações humanas, ou se olvidamos que nem nós nem elas somos perfeitos, acabamos por destruí-las. O fato puro e simples é que a ponte não é sólida o bastante. Querer fazer passar pela ponte das relações humanas aquilo que ela não pode suportar é destruir tanto as relações corno a nós mesmos. Mas para o

cristão, que não tem que esperar tudo das relações humanas, estas podem ser esplêndidas.

O amor é a interação da personalidade. O relacionamento é pessoal, e a personalidade humana completa é a unidade de alma e corpo. A Bíblia ensina que o espírito sobrevive ao corpo, depois da morte. Mas cuidemos para não estarmos repetindo o platonismo neste assunto. A Escritura dá ênfase à unidade do homem, à unidade de alma e corpo. E na comunicação — substancial, embora imperfeita — o corpo é o instrumento. De fato, não há outro meio de manter comunicação, exceto o corpo. Entretanto, na questão do casamento, este ponto requer compreensão muito especial. O amor sexual e o amor romântico estão igualmente fora de lugar, se extramaritais, porque estas estão fora do âmbito legal apropriado. Ambos são igualmente errados. E se um ou outro deles, mesmo que dentro da legalidade, constitui o "tudo" que se almeja, sem dúvida minguará *e* acabará em agonia, ou acabará procurando variação; mas se o par persiste como uma dupla de personalidade — personalidade defrontando personalidade — dentro daquilo que constitui o círculo legal próprio, então, tanto o aspecto romântico como o sexual se realizam no pleno âmbito do que somos, no pensamento, na ação e nos sentimentos.

Cantares de Salomão, entendido neste contexto, faz parte do cântico de vitória: "O Senhor triunfou gloriosamente". O inimigo, o diabo, foi lançado às profundezas do mar. O casamento humano entre cristãos deve ser assim. Há um anel vital dentro do círculo legal do matrimônio — uma aliança de amor. Deve alegria e beleza na interação das personalidades totais dos cônjuges.

O pecado produziu divisão entre homem e mulher. Assim, os seus corpos tendem a ficar separados de suas personalidades. Na medida em que vivamos desta maneira, estaremos aquém daquilo para o que fomos criados. Se, como cristãos, vivemos com esta separação, estamos declarando que o homem do século vinte tem razão de dizer: "Somos simples animais ou máquinas". No mundo animal, há um momento próprio para a relação sexual, e basta. Com o ser humano nunca é assim. Necessita-se do fator

pessoal. É preciso ver a coisa como um todo, como uma unidade, dentro do círculo legal, mas com a realidade da comunicação e do amor.

Se não estão presentes no matrimônio o amor e a comunicação, como pode haver o passo seguinte, a relação pessoa a pessoa entre pai e filho? Esta deve brotar e desenvolver-se da relação substancialmente restaurada entre marido e mulher. Esta relação paterno-filial também tem suas facetas legais. Mas, de novo, primariamente ela é de natureza pessoal, e não legal. Com esposo e esposa e, depois, com o pai e o filho, o tom pessoal é que é fundamental. Os laços legais vêm primeiro em cada caso, porque o caráter de nosso Deus é santo. Mas, dentro dos laços legais não podem faltar a comunicação e o amor. Com a adição de um filho ao lar, o amor e a comunicação deixam de ser apenas recíprocos para assumir diversidade profunda.

Onde marido e mulher são cristãos, estes são também irmão e irmã em Cristo, além de esposos amorosos — "Minha irmã, minha esposa!" (Cantares de Salomão 4.9,12). E depois, quando chegam os filhos, também se tornam irmãos e irmãs em Cristo quando, ao crescerem, aceitam pessoalmente a morte expiatória de Cristo. Colocado o tema desta maneira, que cristão vai desejar unir-se em matrimônio com uma incrédula? Que cristã quererá casar-se com um incrédulo?

Não é que todos os cristãos tenhamos a vocação para o casamento, mas, sim, todos os cristãos somos chamados para expor ao mundo que nos observa a realidade da interação da personalidade. Existe o relacionamento de homem e homem, de mulher e mulher, de amigo e amigo como cristãos, na igreja de Cristo, relacionamento que também pode dar demonstração dos relacionamentos humanos substancialmente restaurados. Na igreja primitiva havia uma unidade que, conquanto imperfeita, era contudo uma realidade presente naqueles dias. E quando lemos sobre aquela unidade e ouvimos as palavras ditas a seu respeito: "Vede como se amam!", vemos que era unidade prática, e não só teórica.

Como é belo o cristianismo!

Primeiramente por causa da cintilante qualidade de suas

respostas intelectuais, mas secundariamente por causa da qualidade magnífica de suas respostas humanas e pessoais. E estas têm de ser belas e ricas. Cristianismo carrancudo não é o cristianismo ortodoxo genuíno. Mas essas respostas humanas e pessoais não aparecem mecanicamente depois de nos tornarmos cristãos. Surgem apenas ao nível daquilo que Deus pretendeu que fôssemos, e isto é pessoal. Não há outro modo de possuir essas lindas respostas. Não podem ser obtidas mecanicamente, nem só ficando adstritos ao círculo legal próprio, ainda que isto é importante. Desenvolvem-se à luz daquilo que nós dizemos crer como cristãos ortodoxos: que somos criaturas, e que embora imperfeitos nesta vida, mesmo depois de nos termos feito cristãos, pela fé expressa momento a momento, fé na obra consumada por Cristo na cruz, podem advir e de fato advêm belas relações humanas. Tem que haver doutrina ortodoxa. Certo. Mas também tem que haver a **prática** ortodoxa da doutrina, incluindo a ortodoxia nas relações humanas.

Hesito em acrescentá-lo, mas o faço: Tudo isso é divertido. Deus quer que o cristianismo seja divertido. Deve haver uma realidade de amor e comunicação nas relações entre cristão e cristão, individual e corporativamente. E isto é completa e verdadeiramente pessoal.

13

Cura Substancial na Igreja

Vamos examinar agora a vida espiritual autêntica quanto à nossa separação de nossos semelhantes, particularmente na igreja do Senhor Jesus Cristo.

Há forte tendência na teologia contemporânea para falar da ressurreição de Jesus Cristo em termos que a nivelam totalmente ao início de uma igreja, referida como "Seu Corpo". lsto é pernicioso e se presta para confusão. A Bíblia insiste em que não é este o caso, e que Jesus ressuscitou fisicamente dos mortos. Todavia, não esqueçamos jamais que, de acordo com o ensino da Palavra de Deus, a igreja é mencionada como o corpo de Jesus Cristo. É preciso não esquecê-lo ao rejeitar aquela perspectiva errada.

> "Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros" (Romanos 12.4,5).

Somos um corpo em Cristo.

> "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nos foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos" (1 Coríntios 12.12-14).

Jesus Cristo, pois, ressurgiu fisicamente dentre os mortos, e também a igreja nasceu no Pentecoste, assumindo a

forma específica que conhecemos hoje. Em sentidos muito específicos ela é o corpo de Cristo. E como Seu corpo, ela deve exibir o Senhor ao mundo, até que Ele volte. Como nossos corpos são os meios de que dispomos para comunicar-nos com o mundo objetivo, assim a igreja como o corpo de Cristo deve ser o meio de comunicação de Cristo como mundo. Elaboramos nossos pensamentos em nosso mundo interior e depois os veiculamos ao mundo que nos é externo, mediante nossos corpos. Nosso corpo físico é o ponto de comunicação com o mundo externo, e é por este meio que nós o influenciamos. Assim a igreja, como o corpo de Jesus Cristo, é chamada para ser o meio pelo qual Ele seja exposto e pelo qual Ele aja neste mundo objetivo até Sua volta. Desde a queda do homem, há duas humanidades, e não uma só. Há os que ainda estão em revolta contra Deus, e aqueles que, pela graça de Deus, retornaram a Ele apoiados na obra redentora de Cristo. Em cada geração a igreja deve constituir a realidade e a demonstração dessa diferença. Oxalá jamais haja um momento em que alguma geração possa afirmar: Nada vemos que demonstre uma relação substancialmente restaurada, entre os homens na vida atual. Cada geração específica deve ter a possibilidade de olhar para a igreja de seus dias e ver nela uma exposição concreta de uma espécie sobrenaturalmente restaurada de relação. E relação não só entre o indivíduo e Deus, embora esta seja a primordial; nem só entre o indivíduo e o seu próprio ser, embora esta seja crucial; mas também entre uma pessoa e outra, na igreja.

"lgreja" em grego (ekklesía) simplesmente significa "aquilo que é chamado para fora de"; a igreja é chamada para fora de uma humanidade perdida. Esta é a vocação da igreja de Jesus Cristo. Em nossa geração, nas artes, na música, na filosofia, no teatro — em qualquer parte para a qual você se volte — o homem está chegando a compreender que o ser humano é menos do que ele sabe que deveria ser. Nossa geração percebe isto, mas o problema não é novo. Sempre, desde a queda, o homem rebelde tem sido assim. E a igreja é chamada para fora, para ser uma humanidade perante a humanidade perdida.

O básico não é a unidade de organização, embora tenha

seu lugar. O corpo humano é dirigido pela cabeça. Não há conexão direta entre as mãos. O motivo pelo qual cooperam é que cada uma delas, cada uma das juntas e cada um dos dedos estão todos sob o controle de um único ponto de controle: a cabeça. Isole-se da cabeça o corpo, e este sofrerá paralisia; os dedos, por exemplo, já não poderão encontrar-se uns com os outros, nem haverá mais uniformidade de ação.

Situação idêntica é a da igreja de Jesus Cristo. A unidade real não é a unidade de organização ou institucional; a unidade real não é a da junção de uma parte com outras, mas, sim, unidade em que cada parte está sob o controle da Cabeça e, portanto, funciona em harmonia com as demais. A unidade da igreja é basicamente a unidade resultante do controle exercido pela Cabeça sobre todas e cada uma das partes. Se eu, como cristão individual, e grupos de cristãos, não estivermos sob a direção da Cabeça, a igreja de Jesus Cristo estará funcionando quais mãos que não podem achar-se uma à outra, que não podem coordenar-se; o conjunto todo se romperá e resultará numa situação "espasmódica", funcionando a igreja de modo o mais desconjuntado. Esta verdade refere-se não só à igreja do Senhor Jesus Cristo como um todo, mas também a todo e qualquer grupo de cristãos. Uma igreja local específica, uma escola específica, supostamente cristã, uma missão específica, ou qualquer agremiação particular cristã — na proporção em que cada membro do grupo deixe de colocar-se sob a liderança do Espírito Santo, sob a liderança de Cristo, nessa mesma proporção esse grupo será defeituoso na sua operação.

Lembre-se das "duas cadeiras". Quando vivo individualmente no sobrenatural, momento após momento haverá resultados individuais bem como demonstração individual. Mas igualmente, quando vivemos corporativamente — como corpo — à luz do sobrenatural, haverá resultados e demonstração corporativos. Não compete somente ao indivíduo pensar e viver assim, mas o grupo todo, como grupo, deve estar afinado no sentido de viver conscientemente, momento a momento, na realidade do sobrenatural. Então haverá a demonstração e o resultado esperado.

Há, pois, uma vocação deveras especial, uma unidade especial que se vê nos cristãos agindo em conjunto — unidade que não é meramente institucional ou abstrata. Não será nunca perfeita nesta vida, pois a Bíblia não diz que vamos ficar perfeitos nesta existência. Entretanto, com fundamento na obra consumada por Cristo, deve haver uma relação substancialmente restaurada, entre os cristãos na vida presente. Pensando nessas coisas, chegamos a algumas considerações práticas imediatas. Primeira, como a igreja expõe a cada geração quem e o que Deus é, tem que haver uma ênfase legal apropriada. Deus tem caráter. Não estamos fazendo manifestação de um Deus como "o Deus desconhecido", no sentido dado por Tillich. Deus tem caráter. E porque tem caráter, tem que haver demonstração desse caráter — o que significa funcionar no círculo legal próprio. Os aspectos legais próprios da igreja têm que cuidar primeiro da doutrina, porque doutro modo o corpo estará dizendo mentiras a respeito da Cabeça.

O próximo passo é que no círculo legal válido tem que se tratar com a vida individual e grupai. Os aspectos legais não são arbitrários. Têm suas raízes na existência de Deus e em Seu caráter, acerca do que Ele nos fala na Bíblia. A igreja não é um corpo que inventa idéias; a igreja constitui uma afirmação declaratória daquilo que Deus revelou sobre Si mesmo na Escritura. Desta maneira, os aspectos legais foram fixados pelo próprio Deus. A igreja deve representar na realidade a espécie humana restabelecida sobrenaturalmente. Como tal, é óbvio que deve haver o legítimo círculo legal daqueles que estão na igreja em distinção daqueles que não estão.

Muitos insistem em que o cristão não deve desposar pessoa não crente, e depois aceitam estar numa igreja onde muitos, incluindo oficiais proeminentes, rejeitam o Deus da Bíblia. Tentar ter o verdadeiro amor e a verdadeira comunicação agradáveis a Deus numa situação como essa, é como querer ter vida sexual aceitável a Deus, com mulher ou marido alheio. Primeiro há que fazer valer o círculo legal correto, ou senão, a igreja de nome não é a igreja na realidade. Nem sempre os homens serão inspirados a aplicar a mesma ação na mesma ocasião, no cumpri-

mento do mandamento bíblico concernente à prática do princípio da pureza da igreja visível. Mas se o princípio propriamente dito é repudiado, o círculo legal adequado cai por terra tão certamente como se puséssemos de lado o mandamento de Cristo — mandamento bíblico — relativo ao aspecto legal próprio do casamento. Portanto, a igreja tem suas relações legais quanto à doutrina e quanto à vida.

Mas, embora o aspecto legal seja importante e tenha seu papel a desempenhar, não é tudo. Dentro das relações legais válidas da igreja, a pessoa de Deus e Seu caráter devem ser expostos integralmente por palavras e por demonstração prática. Ora, somente Deus é infinito, e o homem, finito, não O pode manifestar. Mas como fomos feitos à imagem de Deus, somos chamados individualmente e em conjunto para demonstrar o fato de que Ele é pessoal. Isto nós podemos fazer; é nossa vocação. Por causa da queda, não será uma demonstração perfeita — temos que repeti-lo. Mas, como cristãos, ela pode ser verdadeira. E de todas as relações existentes, esta é mui seguramente a vocação da igreja como o corpo de Cristo.

A questão do círculo legal próprio, a luta contra as falsas doutrinas e contra o pecado, jamais terminará nesta existência. Mas a relação legal própria, conquanto reta em si mesma, deve ser apenas o vestíbulo da realidade de uma relação viva e pessoal, primeiro do grupo com Deus e depois entre aqueles que estão na igreja. Realmente, glorificar a Deus,fruí-lo e demonstrá-lo, jamais pode ser algo mecânico, e jamais pode ser somente legal; deve ser sempre pessoal. Quando a igreja de Cristo funciona em nível que não chega a ser pessoal, demonstra menos do que Deus é e, portanto, é menos do que a igreja deve ser. O que é preciso haver é uma demonstração de relações pessoais humanas redimidas.

A igreja sempre deu ênfase a estas coisas com palavras. Referimo-nos à fraternidade dos crentes, e já mencionamos o fato de que entramos em nova modalidade de relações com os outros cristãos quando aceitamos a Cristo como Salvador. Ao dar-se o novo nascimento, entro em nova relação com cada uma das três pessoas da Trindade, e

me torno irmão de todos os demais cristãos, de todos os que estão em Cristo — a família de Deus. Espera-se que esta seja uma verdadeira irmandade e, portanto, uma visível demonstração de fraternidade. Como cristãos ortodoxos, rejeitamos a ênfase atual que destrói a distinção entre salvos e perdidos. O teólogo "liberal" deliberadamente elimina a diferença entre salvos e perdidos. Mas ai da igreja que, estrênua em manter com clareza essa distinção, não mostra sinal nenhum de fraternidade. No Credo Apostólico proclamamos: "Creio na comunhão dos santos". Declaramos isto com a mesma firmeza com que declaramos os outros itens do Credo. Essa afirmação não é para figurar apenas como uma frase teológica. Contudo, quão escassa comunhão vemos — quão parca realidade! Não basta compreender que ela existe, e que seu alcance cruza todo o espaço e o tempo abrangendo todos os crentes. Há uma união mística dos santos, é verdade, mas a comunhão dos santos deve ser demonstrada concretamente.

Então, o que a igreja deve ser conscientemente? Conscientemente (e ponho forte ênfase na palavra conscientemente) a igreja deve ser aquilo que encoraje seus membros para a vida cristã genuína, para a vida espiritual autêntica — parã'áquilo que temos exposto neste livro. Deve exortá-los a se liberarem dos laços do pecado na presente existência, e a se liberar dos resultados das amarras do pecado, igualmente na vida atual. Deve encorajar a cura substancial em sua separação de si mesmos, dos seus semelhantes e especialmente dos seus irmãos em Cristo.

Não importa quão legalmente correta urna igreja é, se ela não provê um ambiente que favoreça estas coisas, não é o que devia ser. A igreja deve ensinar primeiro a verdade, e depois deve ensinar a **prática** da existência de Deus, e a **prática** da realidade e da demonstração do caráter de Deus — Sua santidade e Seu amor. A igreja não pode limitar-se a ensinar estas coisas por palavras; temos que vê-las praticadas corporativamente na igreja, como corpo que é. A fé pode ser ensinada? Há gente que me pergunta isto a toda hora, e sempre respondo: Sim, a fé pode ser ensinada, mas somente mediante demonstração. Não se pode ensi-

nar a fé apenas como uma abstração. Tem que haver uma demonstração da fé para que esta possa ser aprendida. Cada grupo deve operar com base na vocação divina individual dos seus membros — na questão das finanças e noutras — mas há uma regra absoluta: Se nosso exemplo não ensina fé, é destrutivo. Pode haver muitas vocações, mas nenhuma para destruir o ensino da fé. A igreja ou grupo cristão que não funcione como unidade na fé, nunca poderá ser uma escola da fé. Há só um modo de ser escola da fé: Funcionar conscientemente pela fé.

A igreja ou qualquer grupo cristão deve também ensinar por palavras o significado atual da obra redentora de Cristo. E então, como corpo, deve viver comunitariamente e de modo consciente sobre aquela base. Não se justifica pensar que, porque a igreja ou núcleo está legalmente certa, sua vida cristã corporativa surgirá automaticamente. Nunca! Deus não lida conosco automaticamente. Qualquer grupo cristão tem que funcionar, momento após momento, por decisão consciente e com fundamento na obra de Cristo, através do poder do Espírito Santo, pela fé. Não basta que o grupo exorte seus membros a viverem assim, individualmente; o grupo como grupo deve viver assim. É de efeito mortal julgar que as coisas vão acontecer automaticamente só por causa das decisões legais tomadas no passado, ainda que corretas. Tem que haver escolha e decisão cada momento, a decisão consciente e sempre renovada de agir com base na obra redentora de Cristo.

Todo grupo cristão deve ensinar também por palavras o dever de demonstrar que Deus existe e que é um Ser pessoal; e depois, como corpo, pôr em prática comunitária esta verdade. Isso tem seu preço, pois os métodos da igreja precisam ser selecionados com muita oração e cuidado, e os "resultados" ou "frutos" não devem ser vistos como o único e simples critério. É preciso fazer a escolha de meios que, em seu trabalho, manifestem que o Deus infinito e pessoal existe.

Tanto por palavras como por obras, a igreja, como unidade corporativa, deve ainda mostrar que leva a sério a santidade e o amor, e a comunicação e o amor. E como pode fazê-lo, senão praticando conscientemente a santida-

de e o amor, e o amor e a comunicação, para com os de dentro e os de fora de sua comunidade cristã?

Em resumo, se a igreja ou outro grupo cristão, como unidade corporativa, não procura conscientemente libertar-se dos laços do pecado e dos seus resultados, fundada na obra que Jesus Cristo realizou, e no poder do Espírito, pela fé, como pode ensinar integralmente estas coisas por palavras, e como pode demonstrar sequer uma parte delas? E se a igreja, grupo, missão ou o que for não cuidar de funcionar deste modo, como corpo, em suas relações internas, como irmãos e irmãs em Cristo; e se também falhar nisso quanto às suas relações humanas para com os de fora, como esperar que os cristãos individualmente tomem a sério estas coisas em sua vida pessoal — nas relações conjugais, paterno-filiais, empresariais, trabalhistas e outras?

Vê-se, portanto, que os métodos de um grupo de cristãos ou da igreja são tão importantes como sua mensagem. Relacione-se conscientemente com a realidade sobrenatural. Tudo que demonstre descrença é um engano, ou mesmo pecado corporativo. Os teólogos "liberais" repudiam o sobrenatural em seus ensinamentos, mas a falta de fé pode, na prática, levar o cristão bíblico a fazer o mesmo. Posso explicá-lo? Se ao despertar-me amanhã cedo eu visse que tudo quanto a Bíblia ensina sobre a oração e o Espírito Santo fora retirado (não como o tira o "liberal", por falsa interpretação, mas retirado realmente), que diferença faria na prática com relação ao modo como estamos vivendo e agindo hoje? A verdade simples e trágica é que para boa parte da igreja do Senhor Jesus Cristo — e me refiro aos evangélicos — não **haveria diferença nenhuma.** Vivemos e agimos como se não existisse o sobrenatural.

Que será, se a igreja não demonstrar o sobrenatural em nossa geração? A obra do Senhor feita à maneira do Senhor não se restringe à mensagem; relaciona-se também com o método. Tem que haver alguma coisa que o mundo não possa explicar, para então menosprezar, por seus métodos em geral, ou pela psicologia aplicada. E não falo aqui de manifestações externas e extraordinárias do Espírito Santo; estou pensando na promessa normal e universal

feita à igreja a respeito do ministério do Espírito.

Eis aqui três coisas que constituem promessas universais à igreja quanto ao Espírito Santo:

Primeira:

> "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (Atos 1.8).

Na expressão: "e sereis minhas testemunhas" está subentendida a idéia de que os crentes funcionam como testemunhas aqui, acolá, além, depois de haverem recebido o poder do Espírito Santo. A Bíblia não permite que se suponha que a igreja é testemunha graças a seu próprio poder, mas ela recebeu a promessa universal de que, com a vinda do Espírito Santo, contará com o poder do Alto.

Segunda:

> "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito" (Gálatas 5.22-25).

Se aceitamos a Cristo como Salvador, vivemos no Espírito; mas vamos também andar no Espírito. E os componentes do fruto do Espírito não são coisas especiais; são uma promessa universal, dada à igreja.

Terceira:

Promessa de que o Cristo ressurreto e glorificado estaria com a igreja mediante a ação do Espírito Santo:

> "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (João 14.16-18).

Notem-se as palavras: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros". A promessa de Cristo — crucificado, ressurreto, assunto e glorificado — é que haveria de estar com Sua igreja entre a ascensão e a segunda vinda, através

do ministério do Espírito Santo em nós.

Estas promessas são universais e foram feitas à igreja, devendo abranger a era toda à qual pertencemos.

Estas coisas o mundo devia poder ver ao olhar para a igreja — e são realidades que o mundo não tem meios de encaixar em suas explicações anticristãs. A igreja deve empenhar-se entranhadamente na realidade prática destas coisas, não se contentando em votar-lhes mero assentimento. Há uma distinção entre os homens (mesmo entre os convertidos) que estão edificando a igreja de Cristo, e Cristo, que está edificando a Sua igreja mediante homens convertidos e consagrados.

Não devemos deixar que questões institucionais e financeiras se interponham no caminho da ação diretora do Espírito Santo para pessoas e grupos. Não há utilidade em falar destas coisas de modo abstrato sem trazê-las a campo aberto, onde se travam as batalhas. Questões de organização e questões financeiras não devem levar a igreja a acordos e arranjos que excluam a fé ou contradigam o sobrenatural. Nem se lhes permita que venham a excluir a demonstração concreta da realidade da existência de Deus. O transcurso de toda a história da igreja faz-me ciente de que o perigo sempre está presente em ocasiões de emergência. Dada emergência leva-nos a suprimir a exposição da fé ao mundo, e a reduzir a possibilidade de Deus guiar-nos em questões financeiras. Sempre haverá razão aparentemente legítima para estender a mão e segurar a arca. Quando Uzá o fez, achava que tinha bons motivos para desobedecer ao que Deus ordenara (2 Samuel 6.6,7). Naquele momento deixou de confiar em que Deus podia segurar a arca. Como os bois que a levavam tropeçaram, não poderia cair? Não poderia ser abalada, de algum modo, a obra e a glória de Deus? Este perigo se faz presente muitas vezes nas horas de crise institucional e financeira, quando por um momento parece ameaçada a glória de Deus.

Temos que dar-nos conta da realidade sobrenatural vigente a todo instante, tanto para os indivíduos como para os grupos comunitários. lsto é importante mesmo! Em comparação com esta verdade, tudo o mais é secundário. lnclinamo-nos a pensar que Cristo edifica a igreja invisível

e nós a visível. Temos a tendência de pensar segundo esta espécie de dicotomia. Deste modo, nossa edificação da igreja visível fica muito parecida com qualquer função natural, empregando-se meios naturais e por motivos naturais. Quantas vezes vemos que ao desempenhar os negócios de nosso Senhor Jesus Cristo, faz-se uma breve oração de abertura e, depois de haver saído a metade dos participantes, faz-se rápida oração de encerramento; mas no ínterim não se vê diferença entre os negócios do Rei eterno e os negócios de qualquer empresa bem organizada!

Em vez disso, devemos ter os olhos postos nele sempre, e orar e esperar sempre por Sua direção, momento após momento.É um mundo diferente. Não o faremos bem — sempre seremos tristemente imperfeitos neste mundo caído, até que volte Jesus. Mas a igreja de nosso Senhor Jesus Cristo deve funcionar num plano sobrenatural, momento a momento. Esta é a igreja que vive pela fé, e não na incredulidade. Esta é a igreja que vive, não teórica mas praticamente, sob a direção de Cristo, em vez de imaginar que Cristo está longe, a edificar a igreja invisível,enquanto nós aqui, com nossas forças e saber, edificamos a igreja que está a nosso alcance. Isto leva a igreja para além das lutas meramente naturais e terrenas, e a coloca no campo de batalha onde as lutas são sobrenaturais, estendendo-se aos lugares celestiais. lsto eleva o combate do nível das lutas comuns às demais organizações e aos outros seres humanos, para o nível de uma batalha real da igreja na guerra total que inclui a guerra invisível na parte invisível da realidade. Isto faz da igreja a igreja; e fora disto, a igreja é menos que igreja. Contando com o padrão objetivo da Palavra de Deus, e com a habitação do Espírito Santo em nós, devemos render-nos a Cristo nessas esferas todas.

Resulta que a oração deixa de ser simples ato abstrato de devoção. É o campo em que a igreja é a igreja, e onde Cristo se acha de modo real, definido e especial. A organização não é má, digamo-lo categoricamente. A organização é ordenada claramente pela Palavra de Deus, e é necessária neste mundo caído em pecado. Mas se torna um mal se se põe no caminho, obstruindo a consciente e vívida relação da igreja com Jesus Cristo. Portanto, é preferível a

simplicidade de organização; mas é fácil suceder que, com os olhos fixos na simplicidade institucional, esqueçamos a razão pela qual buscamos a simplicidade: que Cristo seja de fato a Cabeça da igreja.

Neste mundo decaído a organização é necessária, como também há necessidade de liderança. Mas os líderes — os oficiais — relacionam-se com a igreja de Jesus Cristo, com o povo de Deus, como líderes e como irmãos e irmãs em Cristo. A lgreja como um todo, e os líderes, devem viver e agir conscientemente firmados no fato de que cada um deles e todos são iguais entre si como seres criados à imagem de Deus, e igualmente pecadores resgatados pelo sangue do Cordeiro. Deste modo, crendo no sacerdócio de todos os crentes verdadeiros, crendo na relação sobrenaturalmente restaurada, entre os irmãos em Cristo, e crendo que o Espírito Santo habita em cada cristão individual — a organização cristã e a liderança cristã não constituem antítese à vida espiritual autêntica.

Com esta mentalidade na igreja, podemos dizer algo também sobre a atitude de lealdade. Na igreja de Cristo, a lealdade deve estar em escala ascendente. Reverter a escala é destruir a igreja. A lealdade precípua deve ser a Deus como Deus, em nível pessoal. É lealdade pessoal à pessoa do Deus vivente. É a lealdade essencial e primordial, estando acima de todas as demais lealdades. Esta verdade me impressiona de tal maneira que chego a colocar a segunda lealdade, em importância, em escala descendente. Refiro-me aos princípios do cristianismo revelado. Não é que eu isole os princípios cristãos revelados, separando-os do Deus pessoal; o que saliento é que, porque eles provêm de Deus é que possuem alguma autoridade.

A lealdade para com as organizações ocupa o terceiro lugar em importância. Deve-se-lhes lealdade não porque recebam o nome de organizações eclesiásticas e tenham continuidade histórica por determinado número de anos, séculos ou milênios; mas, sim, na medida em que sejam biblicamente fiéis.

Abaixo dessa, em quarto lugar, vem a que geralmente é posta em primeiro lugar: a lealdade à liderança humana. É preciso manter a ordem certa. Alterá-la ou invertê-la é to-

talmente destrutivo. Se a lealdade à liderança humana torna-se central, a tendência será a de negarmos lealdade até para com a organização a qual pertencemos —o que já constitui horrível limitação — para dedicá-la a nosso pequeno partido dentro da organização. Por outro lado, porém, se nos mantemos leais ao Deus pessoal, contemplando-O sempre como o nosso "primeiro amor", estaremos inclinados a amar, em nível de vida prática, a todos os que pertencem a Cristo.

Uma vez mais acentuemos que o fim a ser atingido na luta pela pureza da igreja visível é o relacionamento de amor, primeiramente com Deus e depois com nossos irmãos. Não podemos esquecer que a finalidade última consiste não em algo contra o que lutamos, e, sim, pelo que lutamos.

Tragamos isso tudo até o nosso nível. Amar a igreja toda não é amá-la de modo despersonalizado — como o humanista ama o Homem descuidando do indivíduo. Como seres finitos, não podemos conhecer a igreja inteira na face da terra hoje, quanto mais a igreja toda através de todo o espaço e tempo. Se é assim, que significa, na prática, "amar a igreja de Jesus Cristo"? O Novo Testamento estabelece com clareza que os cristãos devem reunir-se em núcleos e congregações locais. Nelas a igreja universal é, por assim dizer, modelada para o nosso manequim. Podemos conhecer-nos uns aos outros em nível interpessoal e manter comunicação e amor fraternal pessoa a pessoa.

Deus ordena que nos congreguemos em reuniões comunitárias até à vinda de Jesus (Hebreus 10.25). 0 mandamento é, não só para nos reunirmos, mas também para ajudarmos uns aos outros (versículo 24). 0 Cristianismo é individual, mas não só. É também vida comunitária, em que haja oferecimento mútuo de verdadeiro auxilio espiritual e material. Na igreja neotestamentária o amor e a comunhão abrangiam, sob a direção e poder do Espírito Santo, todas as necessidades da vida, incluindo as necessidades materiais. Nas igrejas locais, os membros de cada igreja ou congregação específica são convocados para manterem estreito contacto pessoal uns com os outros. É isso que está sob vigilante investigação, não só dos homens,

mas também de Deus, dos anjos e dos demônios no mundo invisível. Muitos filhos de crentes se extraviam porque não vêem nada do verdadeiro amor e comunicação naquele corpo em que isso pode ser submetido a verificação — na igreja "reduzida às nossas medidas".

lsto é importante para o homem moderno, que perdeu sua humanidade. O problema do homem moderno não é chegar às estrelas; é esta perda da humanidade. Portanto, aqui está algo o que o homem moderno deve olhar: A interação de seres humanos autênticos num grupo suficientemente pequeno para torná-lo exeqüível. Por certo há um elemento de perigo em sair a família para fora de seu círculo social pequeno e esterilizado. Há o perigo de que nossa acanhada justeza de formas de pensamento estratificadas, e o nosso estreito círculo social sejam desafiados. Mas, que outra coisa se espera da comunidade dos santos? Esta não é apenas um grupo de estranhos sentados sob um mesmo teto, nem certo modo de pensamento provincial fixo; mas o que quer que tenha real valor é nela remexido até que eventualmente os valores reais venham a ser valores do grupo e de cada um de seus membros. É desta maneira que o aspecto da classe média alta — presente em muitas igrejas e que tem preocupado os eclesiásticos de toda parte — pode ser de fato mudado: Com as portas amplamente abertas para intelectuais, para os operários, para os trabalhadores em geral, e para os neopagãos. É perigoso fixar rumos e meios, mas dentro da estrutura da Bíblia e sob a direção e o poder do Espírito Santo, há também uma possibilidade de glória.

A igreja ou grupo local deve ser correta, mas também deve ser bela. O grupo local deve ser exemplo do sobrenatural, das relações substancialmente curadas, nesta existência, entre seres humanos e seres humanos.

A igrejas primitivas deram evidência disto em nível local. Por exemplo, em Atos 2.42-46 vemos algo que dá o tom para a maravilhosa orquestra espiritual da vida cristã comunitária:

> "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por

intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração".

Outra coisa que serviu para dar testemunho disso foi a designação dos diáconos na igreja primitiva. Esses homens serviam às mesas numa situação local, não apenas como uma idéia ou princípio, mas serviam a pessoas individualmente num determinado ponto do espaço e do tempo (Atos 6.1-5). A questão era que as viúvas dos cristãos de língua grega estavam sendo negligenciadas no terreno do socorro material por causa do problema de língua; era uma situação real e concreta. Não era só uma idéia; eram homens de verdade servindo a mesas de verdade. Quantas igrejas locais ortodoxas estão mortas neste ponto, com tão poucos sinais de amor e comunicação: ortodoxia, mas morta e feia! Se não houver realidade ao nível local, estaremos negando o que dizemos crer, até o último, porque estaremos de fato negando que Deus é um Deus pessoal. Na situação local, tem que haver mentalidade de interesse pelas pessoas como pessoas, e não porque são membros, aderentes ou contribuintes da igreja. São pessoas, e isto se relaciona com nossa afirmação de que nós cremos num universo pessoal porque tudo começa com o Deus pessoal.

Na igreja local a possibilidade da diversidade do amor e da comunicação, ao contrário de uma situação puramente recíproca (como no caso da relação que existe entre marido e mulher), expande-se maravilhosamente. No Velho Testamento, toda a vida e cultura baseava-se primeiro na relação do povo de Deus com Deus, e depois uns com os outros; não a vida religiosa apenas, mas, sim, toda a cultura. Era relação cultural completa; e embora o Novo Testamento já não veja o povo de Deus como constituindo um estado, dá ênfase ainda ao fato de que toda a cultura e modo de viver está envolvida nesta vital diversidade de amor e comunicação. Deve-se eliminar toda sorte de dicotomia platônica entre o "espiritual" e as demais coisas da

vida. Na verdade, veja-se o que diz a Palavra de Deus em Atos 4.3I,32:

"Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus. Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das cousas que possuía; tudo, porém, lhes era comum".

A Bíblia mostra com clareza aí que aquela maneira de viver não consistia em comunismo imposto por lei ou por pressão. De fato, ao falar a Ananias sobre a propriedade dele, Pedro ressaltou:

"Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? " (Atos 5.4).

A co-participação referida não é de lei, mas de amor verdadeiro e de verdadeira comunicação do homem integral para com o homem integral, percorrendo todo o espectro do que a humanidade é. Coisa semelhante sucedeu posteriormente noutras terras. Cristãos gentilicos deram dinheiro a Paulo para que este o levasse a cristãos judeus. Por quê? Para que houvesse co-participação de bens materiais. lsso dista mil léguas da contribuição morta e gelada feita por tantos cristãos! Não se trata de um ato impessoal e frio, em mero cumprimento de oco dever. É o homem total compartilhando o ser e o ter com o homem total. A genuína contribuição cristã é feita em amor e comunicação ao longo da estrutura global da interação entre os seres humanos em sua personalidade total.

Você decerto se lembra de que anteriormente vimos que a vida espiritual autêntica tem significado em todas as relações práticas da vida: do marido e mulher, de pai e filho, de empregador e empregado. Estas verdades devem ser ensinadas na igreja como aspectos do lado consciente da santificação, para serem compreendidas e praticadas mediante decisão pessoal. O ambiente da igreja local ou de qualquer grupo cristão deve ser de molde a favorecer o desenvolvimento destas coisas. Tal desenvolvimento nunca ocorrerá uma vez por todas, mas, como todas as coisas desta vida, é um processo que se dá progressivamente, momento após momento. Tem que haver ensino momento

após momento; tem que ser dado exemplo momento após momento, do significado presente da obra redentora de Cristo; e o indivíduo e o grupo têm que tomar consciente decisão quanto a assegurar-se destas coisas. É preciso ter fé, momento após momento, nas promessas de Deus, para tomar posse destas realidades — primeiro na instrução e depois no exemplo.

A igreja precisa funcionar conscientemente à base da obra consumada por Cristo, e não à base presunçosa de qualquer valor acaso inerente a ela, nem em qualquer pretensa ou suposta superioridade inerente. Deve agir conscientemente firmada na relação sobrenaturalmente restabelecida, e na demonstração dessa relação restaurada — e não em meros dons e talentos naturais. E se estas coisas forem esquecidas ou menosprezadas com base em relações passadas ou presentes, ou em relações de natureza legal, a comunidade inteira corre tanto risco de ofender o Espírito Santo como o crente individual. O Espírito Santo é Aquele por quem o corpo de Cristo é interligado, e se o corpo não cuida de ficar bem interligado, o agravado é Ele.

Como no casamento, tudo isso é possível porque Deus é o ponto de referência final, e assim os membros da igreja local não têm por que depender demais uns dos outros. A igreja deve ser o que tem possibilidade de ser, pois ela não tem nenhuma precisão de ser o que não pode. O pastor não precisa ficar dependendo demasiadamente do rebanho, nem este, de depender demais do pastor. Só de uma pessoa tudo deve depender de fato: Daquele que é o Ser infinito e pessoal, e que pode levar tudo a cabo com perfeição. Não se trata propriamente de ficar dependendo de doutrinas a respeito do Deus infinito e pessoal, mas de Deus mesmo, como pessoa — porque Ele existe, está perto, e conhece de nome cada grupo, e conhece de nome cada indivíduo do grupo.

As alternativas não estão entre o ser perfeito e o não ser nada. Exatamente como há pessoas que destroem o casamento porque procuram o romântico e sexualmente perfeito, e neste pobre mundo não o há, assim os seres humanos muitas vezes destroem aquilo que teria sido possível numa verdadeira igreja ou grupo cristão. E não somen-

te os "eles" envolvidos é que não são ainda perfeitos; o "eu" também não o é. Na ausência de perfeição no tempo presente, os cristãos devem ajudar-se uns aos outros com vistas à cura crescentemente substancial à base da obra realizada por Cristo.

Esta é nossa vocação. Faz parte de nossas riquezas em Cristo: a realidade da vida espiritual autêntica, a verdadeira vida cristã, quanto à minha separação dos meus semelhantes — incluindo meus irmãos e irmãs em Cristo — na igreja como um todo e na igreja local ou em qualquer grupo cristão. Não é para praticar-se de modo obtuso e sem graça; deve ser uma vida cheia de beleza, admirada pelos de dentro e pelos de fora. É uma parte importante da proclamação do Evangelho à humanidade que ainda está em revolução contra Deus. Mais que isso, é a única coisa certa, com fundamento na existência do Deus pessoal e naquilo que Cristo fez por nós, na história, na cruz.

E havendo chegado a este ponto, a vida espiritual autêntica — a genuína vida cristã — flui para o seio da cultura total.

Os editores esperam que a leitura deste livro tenha sido de real valor na vida do leitor, e receberão de bom grado quaisquer comentários a respeito.